

AGATHA CHRISTIE

Os Crimes ABC



OS

CRIMES

ABC

Título original inglês

The ABC murders

1935

Tradução

ROCHA FILHO

CÍRCULO DO LIVRO



A James Watts,
um de meus leitores
mais compreensivos.



Introdução do capitão Hastings, OBE [1]

Para esta narrativa usei meu método habitual de relatar somente incidentes e cenas por mim presenciadas. Certos capítulos, portanto, foram escritos na terceira pessoa.

Devo assegurar a meus leitores que atesto a veracidade das ocorrências relatadas nesses capítulos. O fato de ter usado uma certa licença poética ao descrever pensamentos e sentimentos de diversas pessoas corre por conta de meu desejo de dar-lhes uma dose razoável de exatidão. Devo acrescentar que tais descrições haviam sido "podadas" pelo próprio Hercule Poirot, meu bom amigo.

Concluindo, devo dizer que, se me estendi bastante na descrição do relacionamento de personagens secundárias, surgidas em decorrência daquela estranha série de crimes ABC, é porque o elemento humano nunca pode ser ignorado. Certa vez, Hercule Poirot me ensinou, de maneira bem expressiva, que o romance pode ser um subproduto do crime.

Quanto ao elucidamento do mistério ABC, posso dizer que, na minha opinião, Poirot demonstrou enorme talento no modo como abordou um problema diferente de todos com que já lidara.

Oficial da Ordem do Império Britânico. (N. do T.)

Capítulo 1



A carta

Foi em junho de 1935 que retornei à Inglaterra, de volta da minha fazenda na América do Sul, para uma estada de uns seis meses. Fora uma fase difícil para nós ali. Como todos então, tínhamos sofrido as consequências da depressão mundial. Eu tinha vários assuntos para resolver no meu país que dependiam de uma intervenção pessoal. Assim, deixei minha esposa cuidando da fazenda e embarquei.

Não é necessário dizer que uma das primeiras coisas que fiz, ao chegar a Londres, foi visitar meu velho amigo Hercule Poirot.

Fui encontrá-lo instalado num dos mais novos apartamentos com serviço de hotel de Londres. Critiquei-o (e ele o reconheceu) por ter escolhido aquele tipo de edifício simplesmente por causa de sua aparência e proporções estritamente geométricas.

— Assim é, meu amigo, ele tem uma simetria mais agradável, não concorda?

Respondi que a coisa toda ali me parecia muito na base do quadrado e, apelando para uma velha blague, indaguei se naquela supermoderna hospedaria já tinham conseguido induzir as galinhas a porem ovos quadrados.

Poirot riu com muita disposição.

— Ah, você ainda se lembra dessa história? Infelizmente a ciência ainda não conseguiu fazer as galinhas se adaptarem aos gostos modernos, elas continuam a botar ovos de diferentes tamanhos e cores!

Observei a figura de meu velho amigo com um olhar cordial. Ele estava com uma excelente aparência, diria que nem um dia mais velho do que quando eu o vira pela última vez.

— Está com ótimo aspecto, Poirot. Dificilmente aparenta a idade que tem. E, se isso fosse possível, eu diria que está com menos fios de cabelo branco do que da última vez em que nos vimos.

Sorrindo com certa sutileza, Poirot retrucou:

— E por que não seria possível? É inteiramente exequível.

— Mas como? Quer dizer que seu cabelo, em vez de tornar-se normalmente grisalho, ficou preto de novo?

— Exatamente.

— Eis o que considero uma impossibilidade científica!

— Mas não é, acredite.

— O que não deixa de ser extraordinário, meu amigo. E contraria uma lei natural.

— Como sempre, Hastings, você demonstra seu admirável espírito confiante. Os anos não lhe roubaram essa maneira de ser! Você percebe um fato e menciona a solução para ele a um só tempo, sem notar que está fazendo tal coisa!

Fiquei olhando-o, com ar embaraçado, curioso. Sem dizer mais nada, Poirot foi ao seu quarto e de lá voltou com um frasco que me entregou sem comentários. E eu pude ler o rótulo:

"REVIVIT: Para devolver a cor natural aos seus cabelos. REVIVIT *não é* tintura. Em cinco tonalidades: cinza, castanho-natural, castanho-avermelhado, castanho-escuro e preto".

— Poirot! — exclamei. — Você pintou o cabelo!

— Ah, por fim a compreensão voltou à sua mente!

— Eis aí, então, por que seu cabelo dá a impressão de estar muito mais negro do que da última vez em que aqui estive.

— Exatamente.

— Meu caro — disse eu, recuperando-me da surpresa inicial —, suponho que da próxima vez eu o encontrarei usando um falso bigode... ou já está acontecendo isso agora?

Poirot estremeceu como se eu lhe tivesse dito uma ofensa. Afinal, o bigode, que cultivava há anos, sempre fora seu ponto sensível. Orgulhava-se dele, na verdade. Assim, minhas palavras o melindraram.

— Não, meu amigo, isso não. E rogo ao bom Deus que tal dia esteja bem distante. Um falso bigode! *Quel horreur!* — E o repuxou com força, como se pretendesse assegurar-me de sua autenticidade.

— Bem, ele ainda está exuberante — comentei por fim.

— *N'est ce pas?* Nunca, em toda Londres, cheguei a ver um bigode igual ao meu.

Um bom disfarce também, pensei. Mas por nada deste mundo eu iria magoar Poirot dizendo isso. Então mudei de assunto, perguntando se ele ainda estava exercendo sua profissão.

— Sei que se aposentou há alguns anos...

— *Cest vrai.* Para cultivar abóboras! E aí logo ocorre um crime... e eu mando as abóboras para o diabo. E desde então, sei muito bem o que está pensando, eu me acho na situação de uma grande estrela que anuncia sua retirada do palco! Um espetáculo de despedida, que ela repete um sem-número de vezes...

Não pude deixar de rir da comparação.

— Na verdade, tem sido assim. A cada caso que acontece eu me digo: este é o último. Mas, não, algo sempre acaba acontecendo. É preciso admitir, meu amigo, a aposentadoria que planejei de nada valeu. E afinal, se as células cinzentas não são exercitadas por nós, criam ferrugem, meu caro.

— Entendo. Você as utiliza com moderação.

— Precisamente. Agora escolho os casos. Para o Hercule Poirot de hoje somente a nata do crime.

— E tem havido muito crime desse tipo?

— *Pas mal.* Não faz muito tempo eu escapei por um triz.

— Refere-se a um fracasso?

— Não, não. — Poirot pareceu chocado. — Mas eu, eu, *Hercule Poirot,* quase fui eliminado.

Dei um leve assovio e arrisquei:

— Um assassino arrojado.

— Não tanto audacioso quanto despreocupado — retrucou Poirot. — O termo é exatamente esse. Mas não falemos mais nisso. Sabe, Hastings, em muitos aspectos, encaro você como meu mascote.

— É mesmo? E de que maneira?

Poirot não respondeu diretamente à minha pergunta. Fez um rodeio:

— Logo que soube de seu regresso, disse comigo mesmo: algo vai acontecer. Como nos velhos tempos, iremos à caça juntos, nós dois. Mas esse caso não será comum. Deverá ser algo... — e moveu as mãos com animação, como se caçasse as palavras no ar — algo *recherché*... delicado, *fin*... — Poirot conferiu à derradeira palavra seu inteiro sabor.

— Na minha opinião, Poirot — observei —, qualquer um que o ouvisse agora pensaria que você está encomendando um jantar no Ritz.

— E ninguém pode encomendar um crime especial, não é mesmo? — Poirot suspirou fundo. — Mas acredito na sorte, no destino, se você preferir. E seu destino é ficar ao meu lado e me impedir de cometer o erro imperdoável.

— E o que chama de erro imperdoável?

— Não perceber o óbvio.

Fiquei pensando e repensando naquela observação, sem apreender o seu sentido. Por fim, disse, sorrindo de leve:

— Bem, já terá acontecido então esse supercrime? — *Pas encore*[2]. Pelo menos, é o que parece... Poirot fez uma pausa. Em sua testa acentuou-se uma ruga de perplexidade. Num gesto automático, suas mãos repuseram em seus lugares costumeiros dois objetos que, inadvertidamente, eu movera.

— Não tenho certeza — disse então, em tom pausado. Havia algo tão inusitado em sua entonação de voz que o contemplei, surpreso. Aquele ricto de preocupação ainda era visível nele.

De repente, com um rápido e incisivo gesto de cabeça, Poirot deu alguns passos, acercando-se da escrivaninha, que ficava perto da janela. Tudo ali estava tão bem arrumado e distribuído, coisa comum a Poirot, que lhe era fácil encontrar de imediato o que desejava.

Então, aproximou-se de mim com uma carta na mão. Releu-a de passagem e depois, entregando-a para mim, disse:

— Leia, *mon ami*. Depois me diga o que pensa disso. Com certa curiosidade, fiz o que me era pedido.

A carta fora escrita em papel de boa qualidade, espesso, em letras de fôrma:

"Sr. Hercule Poirot: Não é fato que supõe solucionar mistérios que desafiam a capacidade intelectiva reduzida de nossa pobre polícia britânica? Pois vejamos, sr. Sagaz Poirot, até que ponto é inteligente. Talvez não considere o assunto difícil de desvendar. Fique de olho em Andover, no dia 21 deste mês.

Seu, etc,

ABC".

Olhei o envelope. O endereço também fora escrito em letra de fôrma.

— Veio de W.C.1. — disse Poirot, quando voltei a atenção para o carimbo postal. — Bem, qual a sua opinião?

Dei de ombros ao lhe devolver a carta e retruquei.

— É coisa de algum louco ou algo parecido, suponho.

— É tudo o que tem a dizer?

— Bem... não acha que se trata de um demente?

— Sim, meu amigo, deve ser.

Ele falara em tom grave, e olhei-o meio intrigado, comentando:

— Está levando esse assunto muito a sério, Poirot.

— Um louco, *mon ami,* deve ser levado a sério. Um tipo assim é realmente perigoso.

— Sim, é verdade... Não considerei devidamente esse aspecto... Mas quis dizer que a coisa toda parece mais uma espécie de brincadeira idiota. Talvez

produto da imaginação de algum fanfarrão que foi além da conta...

— *Comment?* De que conta está falando?

— Foi apenas uma expressão comum. Quis dizer que o sujeito devia estar alto quando escreveu essa carta. Errou na dose do uísque.

— *Merci,* Hastings. Com a expressão "alto" eu já estou familiarizado. Então, segundo você, a coisa não passa disso...

— E há mais alguma coisa? — indaguei, impressionado com a insatisfação que seu tom de voz denotava.

Poirot moveu a cabeça com ar de dúvida, mas não retrucou.

— O que você já fez a respeito dessa carta? — perguntei então.

— O que poderia fazer de saída? Mostrei-a a Japp. Ele disse o mesmo que você: "Uma brincadeira tola", foi a expressão que usou. Eles topam com coisas desse tipo diariamente, lá na Scotland Yard. E eu também tenho tido minha cota...

— Mas você continua a encarar seriamente mais essa, não?

Poirot replicou pausadamente:

— Há algo nessa carta de que não gosto, Hastings.

A despeito do que eu pensava sobre o caso, a expressão de Poirot voltou a me impressionar. E indaguei:

— Você pensa o quê, afinal?

Ele balançou a cabeça, guardou a carta no envelope e voltou a colocá-la na escrivaninha.

— Se realmente leva isso a sério, por que não faz alguma coisa? — insisti.

— Como sempre, falou o homem de ação! Mas o que há para fazer? A polícia do condado já viu essa carta, mas também não a levou a sério. Não há impressões digitais nela. Não há indício algum sobre seu possível autor.

— Resumindo: há somente seu instinto pessoal.

— Instinto, não, Hastings. É uma palavra mal escolhida. É meu *conhecimento,* minha *experiência,* que me dizem haver alguma coisa que não soa bem nessa carta...

Ele gesticulava quando as palavras exatas lhe escapavam. Então balançou de novo a cabeça, observando:

— Posso estar fazendo uma tempestade num simples copo d'água. De qualquer maneira, não há nada a fazer senão esperar.

— Bem, dia 21 deste mês cai numa sexta-feira. Se um roubo desses de chamar a atenção ocorrer perto de Andover, aí então...

— Ah, que alívio seria!...

— *Alívio?!* — exclamei. O termo me pareceu fora de propósito. — Um roubo dificilmente pode ser tido como um alívio.

Poirot moveu a cabeça com veemência, replicando:

— Está enganado, meu amigo. Você não entendeu o que eu quis dizer. Um roubo poderá ser motivo de alívio se afastar da minha mente o receio de algo mais.

— A que se refere em especial?

— A um *assassinato* — respondeu Poirot.

Capítulo 2



(Não faz parte da narrativa pessoal do capitão Hastings)

O Sr. Alexander Bonaparte Cust levantou-se da cadeira e olhou com atenção o que o rodeava em seu quarto acanhado. Tinha as costas doloridas após estar sentado em posição incômoda, e agora, de pé, qualquer um veria que se tratava de um homem realmente alto. Sua figura meio encurvada e o fato de ser míope causavam uma impressão enganosa.

Acercando-se de um cabide preso atrás da porta, remexeu no bolso de um sobretudo bastante usado, tirando dali um maço de cigarros baratos e uma caixa de fósforos. Acendeu o cigarro e então voltou a sentar-se à mesa. Pegou um guia de trens e o consultou, passando a seguir ao exame meticuloso de uma lista de nomes de pessoas escritos à máquina. Com a caneta, assinalou então um dos primeiros nomes da lista.

Era sexta-feira, 21 de junho.

Capítulo 3



Andover

Na ocasião fiquei impressionado com os pressentimentos de Poirot a propósito da tal carta anônima, mas devo confessar que o assunto já deixara de me preocupar quando chegou o dia 21, e aí a situação mudou, com a visita feita a meu amigo Poirot pelo inspetor-chefe Japp, da Scotland Yard. Esse membro do Departamento de Investigação Criminal era nosso conhecido havia muitos anos, e dirigiu-me um cumprimento muito cordial.

— Ora, vejam! — exclamou Japp. — Mas se não é o capitão Hastings de volta das selvas ou do que queiram chamar! Faz lembrar os velhos tempos, vê-lo aqui com M. Poirot. Está com bom aspecto, também. Apenas com o alto da cabeça um pouco deserto, hem? Bem, isso é o que acaba acontecendo a todos nós. Comigo dá-se o mesmo.

Protestei ligeiramente. Tinha a impressão de que, devido à maneira cuidadosa como dispusera o cabelo no alto da cabeça, a leve calvície insinuada por Japp era praticamente imperceptível. Contudo, Japp nunca se fizera notar por um razoável tato, pelo que já pudera observar; assim, passei por alto o comentário e admiti que nenhum de nós parecia mais remoçado.

— Com exceção de M. Poirot — observou Japp. — Ele serve como um bom anúncio de propaganda para um tônico capilar, não há dúvida. Os fios de cabelo estão brotando mais finos do que antes. E continua em forma e evidência, mesmo para a sua idade. Está associado a todos os casos importantes do dia. Mistérios ocorridos em trens, em aviões, mortes de pessoas da alta sociedade... sim, ele está sempre presente, aqui e ali. Nunca foi tão falado desde que se aposentou...

— Eu já disse a Hastings que sou como uma grande estrela que faz sempre uma apresentação a mais de despedida — disse Poirot, sorrindo.

— Não seria de admirar que terminasse investigando sua própria morte — comentou Japp, rindo gostosamente. — Eis uma boa ideia, sim, senhores. Devia

ser tema de um livro.

— Hastings é que poderá fazer isso — observou Poirot, piscando o olho para mim.

— Seria realmente divertido. — E Japp riu de novo.

Não cheguei a entender por que tal ideia parecia diverti-lo tanto; para mim, soava como uma piada de mau gosto. Poirot, bom e velho companheiro, já se foi. Brincadeiras sobre a sua morte próxima dificilmente lhe agradariam.

Talvez minha atitude traísse meus sentimentos, porque Japp resolveu mudar de assunto:

— Já soube da carta anônima endereçada a M. Poirot?

— Eu a dei para Hastings ler outro dia — respondeu meu amigo.

— Naturalmente! — exclamei. — Já tinha até me esquecido. Espere um pouco, qual foi mesmo a data mencionada na carta?

— Dia 21 — disse Japp. — Por isso mesmo é que toquei no assunto. Ontem foi dia 21, e, apenas por curiosidade, comuniquei-me com Andover à noite. Nada feito. Pura brincadeira, como pensei. Uma vidraça de loja quebrada por uma pedra atirada por algum moleque e dois casos de embriaguez e desordem. Assim, nosso amigo belga embarcou em canoa furada.

— Devo admitir que estou aliviado com essa notícia — observou Poirot.

— Você se preocupou um bocado com essa carta, hem? — disse Japp, em tom amável. — Ainda está com sorte; imagine que nós recebemos dúzias de cartas desse tipo, diariamente, na Yard! Gente que não tem nada melhor para fazer e escritores fracassados sentam a uma mesa e escrevem coisas desse gênero. Não pretendem causar nenhuma perturbação. Apenas certa excitação.

— Na verdade, fui muito tolo em levar a questão tão a sério — disse Poirot. — Fui meter meu nariz onde não era chamado.

— Bem, estou de saída — disse Japp. — Tenho um pequeno assunto a resolver na próxima rua, um receptor roubado de uma joalheria. Como tinha que passar por aqui, resolvi deixá-lo com o espírito mais despreocupado. Pena que tenha gasto sua massa cinzenta sem necessidade, Poirot. E, com essas palavras e uma risada jovial, Japp retirou-se.

— O bom Japp não mudou muito, hem? — observou Poirot.

— Ele parece bem mais velho — retruquei. E acrescentei, em tom meio vingativo: — E está ficando tão encanecido como um texugo.

Poirot pigarreou antes de comentar:

— Não sei se você sabe, Hastings, mas há uma pequena peça (meu cabeleireiro é um homem engenhoso) que uma pessoa apõe ao couro cabeludo, dispondo a seguir, com o auxílio de uma escova, seu próprio cabelo sobre ela. Não se trata de uma peruca, entende, mas...

— Poirot — retruquei, irritado. — De uma vez por todas, não quero saber nada das detestáveis invenções de seu maldito cabeleireiro. Que há na realidade com o meu cocuruto?

— Nada, nada mesmo.

— Parece até que estou ficando *careca.*

— Claro que não! Nada disso.

—O sol forte dos verões que passei lá fora causaram, naturalmente, a queda de alguns fios. Devo usar um tônico capilar realmente bom.

— *Précisément.*

— Mas, por falar em Japp, o que há com ele? Sempre foi um pouco agressivo e nunca teve senso de humor. O tipo de homem que acha graça ao ver que alguém puxa uma cadeira para trás na hora exata em que outro iria sentar-se.

— Um bocado de gente ri dessa cena.

— O que não deixa de ser um contra-senso.

— Do ponto de vista da pessoa prestes a sentar-se, certamente que sim.

— Bem — disse eu, recuperando em parte a serenidade. (Confesso que me senti melindrado com a pouca espessura de meus cabelos.) — Lamento que aquela carta anônima tenha sido apenas uma brincadeira.

— Na verdade, estive tirando conclusões errôneas. Naquela carta, alguma coisa me parecia estranha, com sabor de algo original. Mas, em vez disso, trata-se agora de uma idiotice. É, tornei-me velho e suspicaz como um cão de guarda cego que rosna quando nada está acontecendo de anormal.

— Se estou aqui para cooperar com você, devemos procurar detectar um outro crime *"com* nata" — disse eu, rindo.

— Ah, você se lembra ainda da observação do outro dia, hem? Diga-me, se pudesse encomendar um crime como escolhe o *menu* de um jantar, o que escolheria?

Entrei na jogada do humor, retrucando:

— Pensemos um pouco... Vamos examinar o cardápio. Roubo? Falsificação? Não, acho que não. Tem um toque muito vegetariano. Deverá ser assassinato, um bem sangrento, com acessórios, naturalmente.

— Certo. Os aperitivos.

— Quem será a vítima, homem ou mulher? Homem, penso eu. Algum figurão. Um bilionário americano, um primeiro-ministro ou o dono de uma cadeia de jornais. Cena do crime... bem, que tal a clássica e velha biblioteca? Nada melhor como ambiente, hem? Quanto à arma do crime... Bem, pode ser uma adaga de cabo singularmente retorcido, ou algum instrumento rombudo, um ídolo de pedra entalhada ...

Poirot suspirou fundo.

— Naturalmente — prossegui —, há o veneno também, mas sempre envolve detalhes muito técnicos. Ou então um tiro de revólver ecoando na noite silenciosa. Aí entrariam em cena talvez uma ou duas belas jovens...

— De cabelo ruivo — murmurou meu amigo.

— Sua velha tirada. Uma das belas garotas deverá ser, naturalmente, objeto de suspeitas infundadas, e haverá algum desentendimento entre ela e o mocinho da história. E então, obviamente, surgirão alguns outros suspeitos: uma mulher mais idosa, morena, do tipo perigoso; algum amigo ou rival do homem assassinado; uma dócil secretária, suspeita de última hora; um homem vigoroso, de maneiras rudes e francas; um casal de empregados despedido, ou couteiros, ou ainda algo parecido; um detetive pouco perspicaz, assim como o nosso Japp, e... Bem, isso é tudo.

— Então essa é a ideia que você faz da nata do crime, hem?

— Imaginei que você não fosse concordar comigo. O olhar que Poirot me dirigiu denotava pena.

— Você acaba de fazer um lindo resumo de quase todas as histórias de detetive que já foram escritas.

— Está certo. Então o que você escolheria?

Poirot semicerrou os olhos e recostou-se de novo na poltrona. Sua voz veio até mim como uma espécie de ronronar:

— Um crime realmente simples. Sem quaisquer complicações. Um crime com uma atmosfera tranquilamente doméstica... muito desapaixonante, muito *íntimo.*

— E como pode um crime ser *íntimo?*

— Suponhamos — murmurou Poirot — que quatro pessoas se sentem em torno de uma mesa para jogar bridge, e uma outra, a excedente, vá sentar-se então perto da lareira. No fim da noite, este homem é encontrado morto. Um dos quatro jogadores, vendo-o adormecido, acerca-se dele e o mata. Os outros três, tendo um bom jogo em mãos, não se apercebem da cena. Eis aí o modelo de crime que você deveria escolher! *Qual dos quatro foi o assassino?*

— Bem... não vejo *nada* de excitante nisso! Poirot lançou-me um olhar de reprovação.

— Não vê porque não entram em cena nenhuma adaga original, nenhuma chantagem, nenhuma esmeralda retirada do olho de um deus oriental, nem sutis venenos do Oriente que não deixam vestígios. Você tem uma imaginação melodramática, Hastings. Talvez venha a gostar não de um único crime, mas de uma série deles.

— Reconheço que um segundo crime num romance anima mais as coisas. Se o assassinato acontece logo no primeiro capítulo, e você tem de

acompanhar passo a passo o álibi de todo mundo até a última página... Bem, aí fica muito monótono.

O telefone tocou, e Poirot levantou-se para atender.

— Alô — disse ele. — Alô. Sim, é Hercule Poirot quem fala.

Poirot ficou ouvindo com atenção por cerca de dois minutos, e aí notei que sua expressão mudou. Durante o telefonema, só disse breves palavras:

— *Mais oui*...

— Sim, naturalmente...

— Está certo, nós iremos...

— Claro...

— Deve ter sido como você diz...

— Sim, eu a levarei. *A tout à l'heure,* então. Poirot desligou e acercou-se logo de mim, dizendo:

— Era Japp.

— Ah, sim?

— Acabou de chegar à Yard. Havia uma mensagem de Andover...

— Andover? — repeti, excitado. Poirot disse lentamente:

— Uma senhora idosa, de nome Ascher, dona de uma lojinha de cigarros e jornais, foi encontrada morta. Assassinato.

Acho que jamais me senti tão decepcionado. Meu interesse, despertado vivamente pela menção de Andover, sofria um súbito decréscimo. Esperara algo fantástico, fora do comum. O assassinato de uma velha senhora, proprietária de uma pequena tabacaria, parecia, de algum modo, comum e desinteressante.

Poirot prosseguiu no mesmo tom, lento e grave:

— A polícia de Andover acredita poder pôr logo as mãos no sujeito que cometeu o crime.

Novo motivo de desapontamento para mim.

— Parece que a tal senhora não se dava bem com o marido. Ele bebe demais e, pelo jeito, se comporta como um tipo grosseiro. Ameaçou matá-la mais de uma vez.

Como eu me mantivesse calado, ele continuou:

— Apesar disso, por causa da referência contida naquela carta anônima, a polícia gostaria de reexaminá-la. Eu disse a Japp que estaríamos em Andover sem demora.

Meu estado de ânimo sofreu uma melhora. Afinal de contas, por mais comum que pudesse parecer, tratava-se de um *crime,* e já fazia muito tempo que eu não me via às voltas com crimes e criminosos. Assim, mal ouvi as últimas palavras ditas por Poirot. Mas elas voltariam à minha mente, significativamente, mais tarde.

— Isso *é* apenas o começo — murmurou Hercule Poirot.

Capítulo 4



A Sra. Ascher

Fomos recebidos em Andover pelo inspetor Glen, um homem alto, de expressão franca e sorriso amável.

Em benefício da concisão, penso ser melhor dar um breve resumo dos fatos essenciais que envolviam o caso.

O crime foi notificado pelo agente policial Dover à uma hora da madrugada do dia 22. Ao fazer sua ronda habitual, notou que a porta da tabacaria da Sra. Ascher estava entreaberta. Entrou então e pensou inicialmente que não houvesse ninguém ali. Ao dirigir o foco de sua lanterna para o balcão, contudo, percebeu o corpo enrodilhado de uma mulher idosa. Quando o legista chegou ao local, ficou esclarecido que a mulher fora golpeada com um objeto pesado na nuca, provavelmente na ocasião em que se abaixara um pouco para apanhar um maço de cigarros da prateleira, atrás do balcão. A morte devia ter ocorrido de sete a nove horas antes.

— Mas já conseguimos avançar um pouco mais nesse caso — explicou o inspetor. — Localizamos um homem que esteve na loja e comprou um pacote de fumo às cinco e meia da tarde. E também um segundo indivíduo que ali esteve às seis e cinco, saindo logo após, julgando estar a tabacaria vazia. Isso situa a hora do crime entre cinco e meia e seis e cinco. Até agora não encontrei ninguém que tivesse visto o tal Ascher nos arredores, mas, naturalmente, era muito cedo. Ele esteve no bar Três Coroas às nove da noite, tomando uma bela bebedeira. Quando pusermos as mãos nele, será preso sob suspeita.

— Um tipo que deixa muito a desejar, não, inspetor?

— Desagradável sob todos os aspectos, M. Poirot.

— Ele não vivia com a esposa?

— Não, estavam separados há alguns anos. Ele é alemão. Trabalhou como garçom algum tempo, mas vivia bebendo, e acabou não arrumando mais emprego algum. Sua mulher teve que procurar trabalho. Seu último emprego foi como cozinheira e governanta na casa de uma velha dama solteirona, a Srta.

Rose. A Sra. Ascher entregava ao marido a maior parte de seu salário para mantê-lo quieto, mas ele andava sempre bêbado e aparecia nos lugares onde ela trabalhava fazendo escândalo. Eis por que a sra. Ascher aceitou trabalhar para a Srta. Rose em A Granja, a quase cinco quilômetros de Andover, num local muito isolado. Assim, o marido não poderia ir incomodá-la. Ao morrer, a Srta. Rose deixou uma pequena herança para a sra. Ascher, o que lhe permitiu adquirir a pequena loja onde vendia cigarros e jornais, um negócio bem modesto, sem dúvida. Dava apenas para a sua sobrevivência. Mas Ascher costumava aparecer, e de novo passou a exigir dinheiro dela. A Sra. Ascher, para se ver livre de mais aborrecimentos, dava-lhe semanalmente quinze xelins.

— Tiveram filhos?

— Não. Há apenas uma sobrinha. Trabalha perto de Overton. Uma jovem simples, trabalhadeira.

— E, segundo você diz, esse tal Ascher costumava ameaçar sua esposa.

— Exato. Ficava terrível quando bebia. Praguejava e jurava que amassaria a cabeça da esposa. Vida dura e ingrata teve essa Sra. Ascher.

— Qua era a idade da morta?

— Sessenta anos; uma pessoa honesta e trabalhadeira. Poirot indagou, em tom mais grave:

— Na sua opinião, inspetor, esse tal Ascher cometeu o crime?

O inspetor hesitou um pouco antes de responder:

— É um pouco cedo para afirmá-lo, M. Poirot, mas eu gostaria de ouvir Franz Ascher explicar, de viva voz, como passou a noite de ontem. Se ele puder apresentar uma explicação satisfatória, muito bem, caso contrário...

A pausa que se seguiu foi uma sugestão à nova pergunta de Poirot:

— Nada foi roubado da tabacaria?

— Nada. O dinheiro continuava na gaveta da caixa registradora**.** Nenhum indício de roubo.

— Você acha que Ascher entrou bêbado ali, maltratou a esposa e depois a matou?

— Parece ser a solução mais convincente. Mas, devo admitir, senhor, gostaria de ler de novo aquela estranha carta que recebeu. Estou pensando se ela não poderia ter sido escrita por Franz Ascher.

Poirot entregou a carta ao inspetor, que a leu, franzindo então a testa.

— Não deve ser de Ascher — disse por fim o inspetor. — Duvido muito que ele viesse a usar a expressão "nossa" polícia britânica, a não ser que procurasse bancar o esperto, exibindo uma certa malícia que não é própria de um tipo rude como ele. Depois, trata-se de um homem frustrado, com os nervos desgastados pela bebida. Assim, com sua mão pouco firme, não conseguiria

escrever essas letras de fôrma com tanta precisão. E o papel da carta e a tinta são de ótima qualidade, também. Estranho que na carta seja mencionado o dia 21 deste mês. Naturalmente, *deve* se tratar de uma simples coincidência.

— É possível que sim.

— Mas não gosto desse tipo de coincidência, M. Poirot. É uma coisa muito propositada.

Fez-se breve silêncio, e o inspetor voltou a franzir a testa.

— ABC. Afinal, o que significa isso? Bem, veremos se Mary Drower, a sobrinha da Sra. Ascher, pode nos ajudar em algo. Este é um caso estranho. Mas, quanto a essa carta, aposto meu salário como não foi escrita por Franz Ascher.

— Sabe alguma coisa sobre o passado da Sra. Ascher? — indagou Poirot.

— Nasceu em Hampshire. Começou a trabalhar ainda jovem, em Londres, quando, então, conheceu Ascher e se casou com ele. As coisas devem ter sido, bem difíceis para os dois durante a guerra. Ela deixou a companhia do marido já em 1922. Estavam em Londres então. A Sra. Ascher veio para cá a fim de se ver livre do esposo, mas não se sabe como ele soube onde ela se achava e a procurou, assediando-a com pedidos de dinheiro... — Um policial se aproximou, e o inspetor disse: — Sim, Briggs, o que há?

— É Ascher, senhor. Nós o apanhamos.

— Muito bem. Traga-o aqui. Onde ele estava?

— Escondido num vagão parado na estrada.

— Ah, sim? Traga-o logo.

Na verdade, Franz Ascher tinha uma figura lastimável, nada simpática. Choramingava e mostrava-se alternadamente servil e agressivo. Seus olhos turvos estavam voltados ora para um ora para outro dos homens à sua volta.

— Que querem comigo? Não fiz nada. É uma humilhação e um escândalo o que estão fazendo! Você aí, seu suíno, como se atreve a me deter? — De súbito, suas maneiras se abrandaram. — Não, não, eu não queria dizer isso... só que não podem maltratar um pobre homem já idosoa... gindo com dureza. Todos são duros com o pobre, velho Franz. Pobre, velho Franz — repetiu, lamuriento.

Quando Ascher parou de falar, soluçando, o inspetor disse:

— Não há motivo para choro, Ascher. Acalme-se. Não o estou acusando de nada, por enquanto. E você não está obrigado a prestar declaração alguma a menos que queira fazê-lo. Por outro lado, se *nada* tem a ver com o assassinato de sua esposa...

Ascher interrompeu o inspetor, erguendo a voz quase num grito.

— Eu não a matei! Não a matei! É tudo mentira! Vocês, seus danados tiras ingleses, estão todos contra mim. Nunca pretendi matá-la. Nunca.

— Mas ameaçou-a várias vezes, Ascher.

— Não, não. Você não entende. Era apenas uma brincadeira... uma brincadeira entre mim e Alice. Ela sabia disso.

— Um jogo muito divertido! Será que pode me dizer onde esteve ontem à noite, Ascher?

— Sim, sim... conto tudo para você. Não fui ver Alice. Estava com alguns amigos... bons companheiros. Estivemos no Sete Estrelas... e depois fomos ao Cão Vermelho...

Ascher falava apressadamente, atropelando as palavras.

— Dick Willows estava comigo, assim como o velho Curdie, George, Platt e vários outros. Repito que não me aproximei de Alice. *Ach Gott*[3], é a pura verdade o que lhe digo.

Sua voz se tornara esganiçada. O inspetor fez sinal a MU ajudante.

— Leve-o daqui. Detido sob suspeita.

— Não sei o que pensar desse caso — disse o inspetor, assim que aquele indivíduo desagradável, de palavreado grosseiro e ar malévolo, foi levado pelo policial. — Se não fosse a tal carta, eu diria que Ascher fez o serviço.

— E quanto aos homens que ele mencionou?

— Um bando de maus elementos, todos prontos a prestar declarações mentirosas. Não duvido que Ascher *tenha estado* realmente com eles a maior parte da noite. A questão é saber se algum deles o viu perto da tabacaria entre as cinco e meia e seis horas.

Poirot balançou a cabeça com ar pensativo. Então indagou:

— Tem certeza de que nada foi retirado da loja? O inspetor deu de ombros, retrucando:

— Depende. Um maço ou dois de cigarros pode ter sido tirado da prateleira... mas dificilmente se cometeria um assassinato por tal coisa.

— E nada foi... como diria, introduzido na loja? Nada que parecesse estranho, fora de propósito ali?

— Encontramos um guia ferroviário — respondeu o inspetor.

— Um guia de trens?

— Sim. Estava aberto e com a capa voltada para baixo, sobre o balcão. Dava a impressão de que alguém estivera consultando o horário dos trens de Andover. Talvez a velha senhora ou um freguês.

— E ela vendia esse tipo de publicações?

O inspetor Glen moveu a cabeça em negativa.

— Só vendia folhetos comuns com horários de trens. Esse era maior, uma espécie de catálogo, algo que só pode ser encontrado numa papelaria como a de Smith.

O olhar de Poirot animou-se de repente. Ele se acercou mais do inspetor, que também parecia estar repentinamente pensando em algo.

— Você falou num guia ferroviário, inspetor. Um Bradshaw... ou um ABC?

— Por Deus! — exclamou o inspetor. — *Era* um ABC!

Capítulo 5



Mary Drower

Acho que o ponto de partida de meu interesse por este caso foi a menção feita ao guia de trens ABC. Até então meu entusiasmo era reduzido. Aquele sórdido assassinato de uma velha senhora numa pequena loja era mais um dos crimes comuns noticiados pelos jornais sem nenhuma significação especial. A meu ver, a carta anônima, com a referência feita ao dia 21, representava uma mera coincidência. Eu estava quase certo de que a sra. Ascher fora vítima de um ato brutal de seu marido, bêbado e grosseiro. Mas agora, a descoberta do guia ferroviário (muito conhecido pela abreviatura ABC, citando todas as estações ferroviárias em sua urdem alfabética), viera excitar a minha imaginação. Isso não poderia ser, seguramente, uma segunda coincidência?

E um crime considerado de início comum assumia novo aspecto.

Quem era o misterioso indivíduo que matara a sra. Ascher e deixara no local do crime um guia ABC?

Quando Poirot e eu saímos da delegacia distrital, fomos primeiro ao necrotério a fim de ver o cadáver da mulher assassinada. Um sentimento estranho se apossou de mim quando contemplei aquele velho e sofrido rosto, de cabelo ralo e grisalho, grudado nas têmporas. Transmitia uma imagem de paz, incrivelmente distante do domínio da violência.

— Não sei quem fez isso, ou com que a golpearam observou o sargento ali presente. — Nem o Dr. Kerr sabe. Fico menos triste por ver que ela morreu sem o saber também, pobre criatura. Era uma boa e honesta mulher.

— Deve ter sido bonita em outros tempos — disse Poirot.

— Acha mesmo? — murmurei, com ar de dúvida.

— Mas claro, veja bem as linhas do rosto, o feitio da arcada óssea, da cabeça.

Poirot suspirou fundo ao repor o lençol sobre a cabeça da morta. E então deixamos o necrotério.

Nosso próximo passo seria manter uma breve conversa com o médico-legista.

O Dr. Kerr era de meia-idade e sua expressão denotava competência profissional. Falava rapidamente e com segurança.

— A arma do crime não foi encontrada — explicou-nos. — É impossível dizer qual tenha sido. Um bastão pesado, uma bengala, uma espécie de saquinho de areia... qualquer coisa desse tipo se encaixa no caso.

— Seria necessário empregar muita força para desferir um golpe assim?

O legista endereçou um olhar atilado a Poirot, retrucando:

— O senhor quer saber, suponho, se um homem debilitado, de uns setenta anos, poderia fazê-lo? Mas, sim, é perfeitamente possível; levando-se em conta o peso da extremidade do objeto contundente, qualquer pessoa, mesmo frágil, conseguiria o resultado desejado.

— Então o assassino tanto poderia ser homem como mulher?

A sugestão feita por Poirot deixou o legista meio surpreso.

— Uma mulher, hem? Bem, confesso que nunca me ocorreu associar uma mulher a esse tipo de crime. Mas é claro que é possível, perfeitamente possível. Só que, do ponto de vista psicológico, eu não diria tratar-se de um crime típico de uma mulher.

Poirot assentiu com um impaciente gesto de cabeça.

— Perfeitamente, perfeitamente. Do ângulo a que se referiu, é altamente improvável. Mas devemos levar em conta todas as possibilidades. Qual a posição exata em que o corpo foi encontrado?

O Dr. Kerr forneceu-nos uma descrição detalhada da posição em que fora encontrada a vítima. Segundo ele, a Sra. Ascher estava em pé, de costas para o balcão (e portanto para seu agressor), quando foi golpeada na nuca. Então, caiu prostrada atrás do balcão, fora da vista de alguém que casualmente entrasse na tabacaria.

Quando já tínhamos agradecido ao Dr. Kerr pela sua atenção e íamos saindo, Poirot me disse:

— Como vê, Hastings, já lavramos um tento em favor da inocência de Franz Ascher. Se ele estivesse na loja perturbando sua esposa e ameaçando-a, ela devia tê-lo *encarado* junto ao balcão. Em vez disso, a sra. Ascher encontrava-se *de costas* para seu agressor, obviamente procurando na prateleira de baixo um pacote de fumo ou cigarros para um *freguês*.

Senti uma espécie de arrepio e disse:

— Foi algo revoltante.

— *Pauvre femme* — murmurou Poirot, balançando a cabeça gravemente.

Então ele consultou o relógio, dizendo:

— Penso que Overton não fica a muitos quilômetros daqui. Que acha de irmos até lá para uma conversa com a sobrinha da morta?

— Quem sabe você não gostaria de ir primeiro à loja onde ocorreu o crime?

— Prefiro passar ali depois. Tenho um motivo para isso.

Ele não adiantou a explicação para seu procedimento, e poucos minutos depois já estávamos seguindo de carro na direção de Overton, pela estrada de Londres.

O endereço que o inspetor nos fornecera era o de uma casa ampla e de bom aspecto, situada a cerca de um quilômetro e meio do lado londrino da cidade.

Tocamos a campainha, e uma graciosa jovem de cabelo negro, com os olhos meio irritados de quem estivera chorando, veio abrir a porta.

Poirot disse gentilmente:

— Ah! Acho que estou falando com a Srta. Mary Drower, governanta desta casa, não?

— Sim, senhor. Sou Mary.

— Então talvez possamos conversar por alguns minutos, se sua patroa não fizer objeção. Trata-se de sua tia, a Sra. Ascher.

— A patroa não está, senhor. Mas não faria objeção, estou certa, a que o senhor entrasse aqui.

Abriu a porta de uma saleta. Entramos, e Poirot, sentando-se numa cadeira perto da janela, observou com atenção o rosto da moça.

— Naturalmente, já soube da morte de sua tia.

A jovem assentiu com a cabeça, e as lágrimas voltaram a seus olhos.

— Esta manhã, senhor. A polícia esteve aqui. Ah, foi terrível! Pobre titia! Que vida atribulada ela teve! E agora isso... é tão horrível!

— A polícia não solicitou sua presença em Andover?

— Disseram que devo comparecer para o inquérito, segunda-feira. Mas não sei se aguentarei ir lá... entrar naquela lojinha de novo... e, com a arrumadeira daqui ausente no momento, eu não gostaria de deixar a patroa só.

— Gostava muito de sua tia, Mary? — perguntou Poirot, em tom amável.

— Realmente, sim, senhor. Ela sempre foi muito boa para mim. Fui para a companhia dela, em Londres, quando tinha doze anos e acabara de perder minha mãe. Comecei a trabalhar com dezesseis anos, mas costumava passar meu dia de folga com titia. Ela teve um bocado de aborrecimentos por causa daquele alemão. "Meu velho diabo", era como. a tia costumava chamá-lo. Ele não a deixava em paz em parte alguma. Sempre explorando-a, filando, aquele grosso.

A garota desabafava com veemência.

— Sua tia nunca pensou em livrar-se dessa perseguição por meios legais?

— Bem, ele era seu marido, senhor, não podia fugir a isso.

A jovem falava com simplicidade, mas era objetiva.

— Diga-me, Mary, ele chegou a ameaçá-la de morte? Sim ou não?

— Ah, sim, senhor. Eram terríveis as coisas que ele costumava dizer. Que ia cortar-lhe o pescoço, e ameaças desse tipo. Praguejava e fazia juras, em alemão e inglês, para variar. E, no entanto, minha tia afirmava que Ascher era um homem muito simpático quando se casara com ela. É muito difícil de imaginar, penso eu, o que as pessoas podem se tornar com o tempo, senhor.

— É verdade. E portanto, Mary, já tendo ouvido tantas ameaças, suponho que não tenha ficado surpresa com o que aconteceu, certo?

— Mas fiquei, senhor. Sabe, nunca pensei nem por um momento que ele pretendesse mesmo fazer o que dizia. Encarava aquelas ameaças como uma exibição de mau gênio, palavreado grosseiro, próprio de um tipo como ele. E titia não tinha medo dele. Cheguei a vê-lo muitas vezes sair de mansinho, como um cachorro com o rabo entre as pernas, quando ela o encarava. *Ele* tinha medo *dela,* o senhor me entende.

— E então ela lhe dava dinheiro?

— Bem, era seu marido, o senhor sabe.

— Sim, já frisou isso antes. — Poirot fez uma pequena pausa e então disse:

— Imagino que, apesar de tudo, ele *não* a tenha matado.

— Não? — repetiu Mary, admirada.

— Foi o que eu disse. Suponhamos que alguma outra pessoa tenha matado sua tia... Tem alguma ideia de quem pudesse ser?

A moça olhou-o mais espantada ainda.

— Não faço a menor ideia, senhor. Isso não parece provável, não acha?

— Não havia ninguém de quem sua tia tivesse receio? Mary balançou a cabeça negativamente, frisando:

— Titia não tinha medo de ninguém. Não tinha papas na língua e encarava qualquer pessoa.

— Nunca a ouviu mencionar alguém que tivesse queixas dela?

— Nunca, senhor.

— Sabe se ela chegou a receber cartas anônimas?

— Creio que não ouvi bem, senhor.

— Falo de cartas não assinadas... ou somente com uma abreviatura, como, por exemplo, ABC. — Poirot a observava com atenção, mas era claro que ela nada sabia sobre o assunto. E balançou a cabeça de modo vago.

— Sua tia tinha outros parentes além de você?

— Vivo, nenhum mais, senhor. Tinha uns dez familiares, mas somente três chegaram à idade adulta. Meu tio Tom morreu na guerra, e meu tio Harry foi para a América do Sul e não se ouviu mais falar dele, e, com a morte de minha mãe, de quem já lhe falei, restei apenas eu.

— Sua tia tinha economias? Algum dinheiro guardado?

— Apenas uma pequena quantia na Caixa Econômica, senhor... o suficiente para seu enterro, como ela costumava dizer. Afora isso, só o que dava para seu sustento, já que aquele velho demônio ficava com quase tudo.

Poirot assentiu, pensativo. Então, disse, mais consigo mesmo do que para a jovem:

— No momento estamos no escuro... não há nenhuma pista. Se as coisas não se tornarem mais claras... — Levantou-se. — Se eu precisar de você, Mary, escreverei para este endereço.

— Para falar a verdade, senhor, não vou continuar neste emprego. Não gosto do campo. Vim trabalhar aqui porque seria bom para minha tia eu ficar mais perto dela. Mas agora... — as lágrimas voltaram a seus olhos —, agora não há mais motivo algum para eu ficar, e voltarei para Londres. Lá *é* mais divertido para uma moça.

— Espero que, quando for para lá, você me comunique seu endereço. Aqui está meu cartão.

Ela apanhou o cartão, leu-o e então olhou Poirot com certa estranheza.

— Então não tem nada a ver com a polícia, senhor?

— Sou um detetive particular.

A jovem ficou fitando-o por um instante, calada. Por fim, disse:

— Há alguma coisa esquisita nisso tudo, não é, Sr. Poirot?

— Sim, minha filha. Há alguma coisa estranha nesse caso. Depois você talvez seja capaz de me ajudar.

— Eu... eu desejo fazer algo, senhor. Não foi nada *direito,* senhor, minha tia ser morta assim.

Era uma maneira pouco usual de colocar a questão, mas profundamente tocante.

Instantes depois, já estávamos retornando a Andover.

Capítulo 6



A cena do crime

A rua onde ocorrera o trágico acontecimento ficava numa transversal da rua principal. A lojinha da Sra. Ascher estava localizada a meio caminho, um pouco mais abaixo, do lado direito.

Quando dobramos a rua, Poirot olhou seu relógio, e compreendi por que ele adiara sua visita à cena do crime até então. Eram exatamente cinco e meia. Poirot desejara reproduzir a atmosfera do dia anterior o mais fielmente possível.

Mas, se tal fora seu propósito, ele não se concretizara. Certamente naquele momento a rua apresentava um clima bem pouco semelhante ao do fim de tarde da véspera. Havia ali um certo número de pequenas lojas intercaladas com casas habitadas por pessoas de classe humilde. Pensei que normalmente ali deveria haver um bom número de pessoas indo e vindo rua abaixo e acima — na maioria gente das classes menos favorecidas, com um punhado de crianças brincando nas calçadas e na rua.

Naquele momento, via-se uma massa compacta de curiosos contemplando uma casa particular ou loja, e não era preciso ser perspicaz para compreender do que se tratava. O que víamos agora era um punhado de seres humanos comuns, observando com vivo interesse o local onde um outro ser humano encontrara a morte.

E tal fato foi constatado por nós assim que nos aproximamos mais. Na frente de uma pequena e acanhada loja, com as persianas agora abaixadas, estava parado um jovem policial de ar embaraçado que se obstinava em concitar a pequena multidão de curiosos a se dispersar. Com a ajuda de um colega, abriram-se alguns claros. Poucas pessoas, murmurando, relutantes, acabaram por se afastar, de volta as suas ocupações particulares. Mas quase imediatamente outras vieram substituí-las, pondo-se a olhar com curiosidade para o local onde o crime fora cometido.

Poirot parou a pouca distância do principal amontoado de curiosos. De onde estávamos agora, era fácil ler-se o letreiro que encimava a porta da loja. E Poirot repetiu num só fôlego o que estava escrito ali:

— A. Ascher. *Oui, c'est peut-être là...* Deu dois passos adiante, dizendo:

— Venha, Hastings. Vamos entrar aí. Eu me mostrei pronto a acompanhá-lo.

Abrimos caminho entre a pequena multidão de curiosos, acercando-nos do jovem policial. Poirot mostrou-lhe as credenciais que o inspetor Glen lhe fornecera. O guarda assentiu e abriu a porta para que entrássemos. Foi o que fizemos, sob o olhar interessado dos curiosos.

No interior da pequena loja estava muito escuro, devido ao fato de as persianas se acharem baixadas. O policial encontrou o interruptor, acendendo a lâmpada, mas esta se encontrava tão empoeirada que a luz produzida se mostrou insuficiente.

Olhei o que me cercava. Era um recinto pequeno e pardacento. Vi algumas revistas baratas espalhadas junto a jornais da véspera, tudo coberto pela poeira de um dia inteiro. Atrás do balcão, uma enfiada de prateleiras alcançava o teto, guarnecidas de pacotinhos de fumo e maços de cigarros. Havia também dois potes com pastilhas de cevada e hortelã-pimenta. Uma lojinha pequena e muito comum, como milhares de outras.

Com seu sotaque arrastado de Hampshire, o policial foi descrevendo como a vítima fora encontrada.

— Ela estava caída naquele canto atrás do balcão. O doutor declarou que a vítima nem chegou a ver quem a golpeou. Devia estar procurando algo nas prateleiras.

— Ela não segurava nada ao ser assassinada? — indagou Poirot.

— Não, senhor, mas havia um maço de cigarros Player ao seu lado.

Poirot balançou a cabeça. Passeou o olhar pelo reduzido local, observando e anotando tudo mentalmente.

— E o guia ferroviário, onde estava?

— Aqui, senhor. — O guarda indicou um ponto sobre o balcão. — Estava aberto, voltado para baixo, exatamente na página referente a Andover. Como se a pessoa interessada estivesse querendo saber o horário dos trens para Londres e outros detalhes. Pelo jeito, não se tratava de um residente de Andover. Nesse caso, naturalmente, o guia deve pertencer a alguém que nada teve a ver com o crime, apenas o esqueceu aí.

— E as impressões digitais? — insinuei. O policial moveu a cabeça em negativa.

— Tudo aqui foi revistado meticulosamente, senhor. Não descobrimos nada nesse sentido.

— Nem sobre o balcão? — perguntou Poirot.

— Uma boa quantidade delas, senhor! Mas tudo embaralhado.

— Entre essas impressões não encontraram as de Franz Ascher?

— Ainda *é* cedo para afirmar, senhor.

Poirot assentiu, e então indagou se a falecida morava nos altos da loja.

— Sim, senhor. Passando por aquela portinha, irá dar nos fundos. Desculpe se eu não os acompanho, mas tenho que ficar de guarda aí fora...

Poirot passou pela porta indicada e eu o acompanhei. Encontramos um tipo microscópico de sala de visita e cozinha combinadas. Tudo arrumado e limpo, mas bastante modesto e escassamente mobiliado. Sobre o parapeito da lareira havia algumas fotografias. Aproximei-me para olhá-las e Poirot fez o mesmo.

Eram três fotos ao todo. Uma era um retrato comum da jovem com quem tínhamos nos avistado naquela tarde, Mary Drower. Obviamente, ela vestira suas melhores roupas na ocasião e exibia aquela expressão meio forçada, o sorriso artificial que comumente deturpa a fisionomia e rouba a naturalidade das pessoas numa foto posada, e nos faz preferir um instantâneo de rua.

A segunda fotografia, em papel mais caro, era a reprodução mais artística, embora já meio apagada, de uma velha senhora de cabelos brancos. O pescoço era envolvido por uma gola alta de peliça.

Imaginei tratar-se provavelmente da srta. Rose, que deixara uma pequena herança para a sra. Ascher, o que permitira a esta abrir a pequena loja.

A terceira foto fora tirada havia muitos anos, estando agora muito desbotada. Nela apareciam um moço e uma jovem de roupas antigas e de braços dados. O homem osten tava uma botoeira, e notava-se naquela pose um ar festivo de outros tempos. O toque de algo fanado.

— Certamente um retrato de casamento — disse Poirot. — Veja, Hastings, não lhe falei que ela tinha sido uma mulher bonita?

Ele tinha razão. Transfigurada por aquele penteado fora de moda e as roupas que agora pareciam estranhas e fantásticas, não havia dúvida de que a moça da foto tinha feições bem-talhadas e um porte gracioso e vivaz. Fixei-me a seguir no homem da fotografia. Era quase impossível reconhecer naquele jovem delgado e de ar marcial o malvestido e rude Ascher de agora.

Evoquei a imagem do velho lúbrico e bêbado, e a fisionomia sofrida e envelhecida da mulher morta, um pouco perturbado diante da impiedosa obra do tempo...

Partindo da saleta, uma escada levava aos dois quartos de cima. Um deles estava vazio e sem mobília, o outro evidentemente fora ocupado pela falecida. Depois de revistado pela polícia, tudo ali fora deixado como antes. Duas velhas e gastas mantas sobre a cama, uma pequena pilha de roupas íntimas, já bem usadas, numa gaveta de armário, utensílios de cozinha num outro, um romance em edição de bolso intitulado O *verde oásis,* um par de meias novas, patéticas em sua seda barata, um par de bibelôs de porcelana — um pastor de Dresden, já meio rachado, e um cachorrinho pintado de amarelo e azul —, uma capa preta e uma blusa de lã pendurada num cabide, eis aí todos os bens materiais da falecida Alice Ascher.

Se havia ali antes documentos pessoais da morta, a polícia os recolhera.

— *Pauvre femme* — murmurou Poirot. — Vamos indo, Hastings, não há nada para nós aqui.

De novo fora da loja, Poirot hesitou um instante, e então atravessou a rua. Quase exatamente do lado oposto ao da loja da sra. Ascher, via-se uma quitanda, dessas que exibem sua mercadoria mais na porta do que no interior.

Em voz baixa, Poirot deu-me certas instruções. Então, entrou na quitanda. Após aguardar um minuto ou dois, eu o segui. No momento em que entrei, ele estava comprando alguns pés de alface. Resolvi comprar meio quilo de morangos.

Poirot agora conversava animadamente com a robusta quitandeira.

— Foi justamente em frente à sua quitanda que o crime ocorreu. Que coisa! Deve ter tido uma sensação muito desagradável, não?

A quitandeira devia estar, naturalmente, cansada de ouvir falar sobre o crime. Devia ter tido um dia cheio daquelas conversas. Assim, observou:

— Seria bom também que aquela gente toda amontoada ali desaparecesse. O que há ali para se ver, pode me dizer?

— Deve ter sido bem diferente na noite passada — disse Poirot. — Talvez a senhora tenha visto o assassino entrar na tabacaria... um homem alto, de boa aparência e com uma barba... Um russo, segundo ouvi dizer.

— Como? — A mulher olhou-o de modo penetrante. — Diz que foi um russo que fez isso?

— Penso que a polícia o prendeu.

— Mais essa agora! — A quitandeira estava agitada com a novidade. — Um estrangeiro.

— *Mais oui.* Quem sabe a senhora não o viu ontem à noite?

— Bem, o fato é que não tenho tempo para andar espiando as pessoas que passam. Vivo muito ocupada o dia inteiro, e há sempre um bocado de gente

passando pela rua de volta do trabalho. Um homem alto, bem-aprumado, barbudo... não, posso dizer que não vi ninguém assim andando por aqui.

Eu entrei em cena, cumprindo meu papel.

— Perdão, senhor — disse para Poirot. — Penso que foi mal informado. Disseram-me que o tal homem era baixo e *moreno.*

Iniciou-se uma viva discussão da qual participaram a robusta quitandeira, seu mirrado esposo e um empregadinho de voz rouca. Nada menos do que quatro homens baixos e morenos tinham sido observados então, e o rapazinho de voz touca vira um tipo alto e bem-apessoado, "mas sem barba", acrescentara, em tom lamentoso.

Por fim, tendo concluído nossas compras, deixamos a quitanda sem que percebessem nossas imposturas.

— Pode me dizer qual a razão de tudo isso, Poirot? Indaguei, num tom recriminativo.

— *Parbleu,* eu queria testar a possibilidade de um estranho ter sido visto entrando na loja aí em frente.

— E não poderia ter perguntado diretamente... sem toda essa teia de mentiras?

— Não, *mon ami.* Se eu tivesse "simplesmente perguntado", como você desejaria, não obteria resposta às minhas indagações. Você é inglês, e no entanto não parece conhecer a reação natural dos ingleses diante de uma pergunta direta. Invariavelmente se mostram desconfiados, e o resultado lógico disso é uma evasiva. Se eu tivesse indagado a essas pessoas visando a obter informações, teriam se trancado em silêncio como ostras. Mas ao fazer uma observação, de algum modo fora de propósito e grotesca como foi o caso, e pela própria contradição nela contida, de imediato as línguas se desatam. Sabemos também que, na ocasião do incidente fatídico, todos estavam com seu "tempo ocupado", isto é, cada um cuidando de seus próprios interesses, e devia haver um bom número de pessoas indo e vindo pelas ruas. Nosso assassino soube escolher sua hora, Hastings.

Poirot fez uma breve pausa e então me dirigiu uma reprimenda:

— Será que você não tem um pingo de bom senso, Hastings? Eu lhe disse: faça uma compra *quelconque,* e você escolheu deliberadamente morangos! Agora eles já começam a umedecer sua sacola e ameaçam manchar seu belo terno.

Com certo desgosto, percebi que tal coisa de fato estava ocorrendo.

Apressadamente, entreguei os morangos a um menino, que se mostrou bastante surpreso com meu gesto insólito e me olhou desconfiado.

Poirot aumentou a oferta e a admiração do garoto ao dar-lhe os pés de alface. Fomos andando e Poirot prosseguiu em sua lição de moral doméstica:

— Numa simples quitanda *não* se compram morangos. Um morango, a menos que seja colhido fresco, só serve para fazer suco. Uma banana, algumas maçãs, ou mesmo um repolho servem, no caso, mas *morangos*...

— Foi a primeira coisa em que pensei na hora — adiantei, como uma espécie de justificativa.

— Isso não é digno de sua imaginação — retrucou Poirot, inflexível.

Então eu o vi parar na calçada.

A casa e a loja à direita da tabacaria da sra. Ascher estavam vazias. Na janela da frente, via-se uma tabuleta com a inscrição: "Aluga-se". Do outro lado ficava uma casa com alguma coisa parecida com cortinas de musselina encardida.

Poirot resolveu parar diante da tal casa, e, na falta da campainha, improvisou uma série de batidas surdas com a aldrava.

A porta foi aberta após alguma demora por um garotinho de roupa bem suja e um nariz que chamava a atenção.

— Boa tarde — disse Poirot. — Sua mãe está em casa?

— Sim — respondeu o menino, com entonação de desconfiança. Olhava-nos de maneira desfavorável.

— Quer chamar sua mãe? — insistiu Poirot.

O menino levou alguns segundos para aceder e, então, voltou-se para o interior da casa, gritando na direção das escadas: "Mãe, querem falar com você!", e afastou-se com alguma pressa por um corredor.

Uma mulher de expressão meio agressiva nos olhou lá de cima e então começou a descer a escada.

— Não percam seu tempo aqui... — principiou a dizer, mas Poirot a interrompeu.

Tirando o chapéu e fazendo um gentil cumprimento, ele disse:

— Boa tarde, *madame.* Trabalho para o *Evening Flicker.* Espero persuadi-la a aceitar umas cinco ou seis libras em troca de um artigo sobre a sua falecida vizinha, a sra. Ascher.

A mulher conteve novas palavras ásperas e acercou-se de nós, alisando o cabelo e ajeitando a blusa amarrotada.

— Podem entrar, por favor... é por aqui, à esquerda. Venham sentar-se aqui.

A pequenina sala estava muito atravancada com uma mobília pseudojacobita, mas com certa habilidade conseguimos mover-nos ali e nos instalar num sofá de assento duro.

— O senhor deve me desculpar — começou a dizer mulher. Saiba que lamento muito ter falado com aspereza com o senhor há pouco, mas nem pode imaginar a confusão que se arma aqui todos os dias, com indivíduos aparecendo para vender isso ou aquilo... aspiradores de pó, meias, perfumes e coisas desse tipo. E sempre muito persuasivos e amáveis. Verdade seja dita, bom papo eles todos têm. E nos tratam pelo nome, "Sra. Fowler" para cá, e isso e aquilo...

Já ciente do nome da dona da casa, Poirot disse:

— Bem, Sra. Fowler, espero que possa atender ao meu pedido.

— Não sei como atendê-lo. Não conhecia bem a... — As cinco libras foram colocadas por Poirot bem diante dos olhos da Sra. Fowler, que corrigiu ligeiramente o que dissera antes: — Eu *conheci* a Sra. Ascher, naturalmente, mas não poderia *escrever* sobre ela.

Hercule Poirot lhe assegurou que toda a sua colaboração se restringiria a contar o que sabia sobre a falecida. Então, ele, Poirot, usaria esses dados para redigir a entrevista. Tranquilizada desse modo, a Sra. Fowler pôs-se a alinhavar lembranças, conjeturas e fofocas domésticas.

A Sra. Ascher vivia uma vida muito reservada. Não era o que se poderia chamar de uma pessoa *amigável,* mas tinha um bocado de aborrecimentos e problemas, pobre-coitada, todo mundo ali sabia. E pelo direito, observou a Sra. Fowler, Franz Ascher já devia ter sido preso há anos. Não que a sra. Ascher o temesse, ela podia virar uma fera quando molestada! Assim como podia se comportar como uma boa criatura nas demais ocasiões. Mas tantas vezes o cântaro vai à fonte que um dia pode se quebrar. Muitas vezes, ela, Mary Fowler, dissera a Alice Ascher: "Qualquer dia desses, ele acaba com você. Grave bem o que digo". E acabou fazendo isso, não foi? E ela, Mary Fowler, morava perto da amiga mas nunca a ouvira queixar-se.

Poirot aproveitou a pausa feita pela sra. Fowler para indagar se Alice Ascher chegara a receber cartas anônimas onde figuravam apenas as letras ABC.

Infelizmente a resposta da Sra. Fowler foi negativa.

— Conheço esse tipo de coisas de que está falando; cartas sem assinatura, na maioria das vezes recheadas de palavras que alguém se envergonha de dizer em voz alta. Bem, na verdade, não sei se Franz Ascher chegou a escrever tais coisas. A Sra. Ascher nunca me diria, se fosse o caso. O que significa essa história de ABC? Refere-se ao guia de trens? Não, nunca vi nada disso, mas tenho certeza de que, se a Sra. Ascher tivesse recebido uma carta dessas, eu acabaria sabendo. Eu estava muito ocupada quando se deu o crime. Foi minha garota, Edie, que veio me chamar. "Mãe", disse ela, "há um bocado de policiais na porta da tabacaria." Eu me sobressaltei. Mas acabei por dizer, quando soube

do que acontecera: "Bem, isso mostra que ela não devia viver sozinha naquela casa. Aquela sua sobrinha devia morar com ela. Um homem bêbado pode agir como um lobo enraivecido". E disse também: "Na minha opinião, uma fera selvagem não é melhor nem pior do que o demônio do marido dela. Eu já a avisara muitas vezes e agora minhas palavras se cumpriram. Azar que não me ouvisse então". E ele acabou matando-a! Nunca se sabe direito aquilo de que um homem é capaz de fazer quando bêbado, e esse crime é uma prova disso.

A Sra. Fowler concluiu suas palavras soltando um suspiro fundo.

— Ninguém viu esse tal Ascher entrar na loja, não é mesmo? — perguntou Poirot.

A Sra. Fowler torceu o nariz com ironia.

— Naturalmente ele não ia querer se mostrar.

Como o sr. Ascher poderia entrar na loja sem se deixar ver, isso a Sra. Fowler não se dignou explicar. Concordou em que não havia nenhuma porta nos fundos da casa e que Ascher era muito bem conhecido de vista na vizinhança.

— Mas ele não desejava ser apanhado, e soube se ocultar bem.

Poirot deixou a conversa render mais alguns minutos, mas, quando ficou evidente que a Sra. Fowler já contara tudo o que sabia, não somente uma vez mas várias, ele deu por encerrada a entrevista, pagando primeiro a quantia prometida à dona da casa.

— Mereceu exatamente as cinco queridas libras, Poirot — arrisquei-me a observar assim que saímos da casa da sra. Fowler.

— Até agora, sim.

— Acha que ela sabe mais do que nos contou?

— Meu amigo, estamos na peculiar situação de não saber que perguntas fazer. Estamos agora como crianças brincando de esconde-esconde no escuro. Estendemos nossas mãos e agarramos o que for. A Sra. Fowler nos contou tudo o que ela pensa que sabe... e fez um bocado de conjeturas! No decorrer dos dias, contudo, seu testemunho poderá ser útil. E foi visando ao futuro que investi aquelas cinco libras.

Não entendi bem a que ele se referia precisamente, mas nesse momento já nos dirigíamos ao encontro do inspetor Glen.

Capítulo 7



O Sr. Partridge e oSr. Riddell

O inspetor Glen estava com uma expressão taciturna. Soube que ele passara a tarde toda tentando obter uma lista completa de pessoas que teriam sido vistas entrando na loja da Sra. Ascher no dia do crime.

— E ninguém chegou a ver ninguém? — perguntou Poirot.

— Sim, viram até demais. Três homens altos com ar suspeito, quatro sujeitos baixos com bigode preto... dois barbudos... três gorduchos, todos estrangeiros, e todos também, a se acreditar nas testemunhas, com expressões sinistras! Não me surpreenderia se alguém dissesse que viu, rondando o local, uma gangue mascarada e com revólveres!

Poirot sorriu, com ar complacente, perguntando:

— Ninguém declarou ter visto o tal Ascher?

— Não, não o viram. Esse é outro ponto a favor dele. Acabei de dizer ao delegado que, na minha opinião, este é um assunto para a Scotland Yard. Não o considero um crime local.

— Concordo com você — disse Poirot em tom sério.

— Como vê, M. Poirot — disse o inspetor —, trata-se de um caso sórdido... repelente, e não gosto disso...

Ainda mantivemos duas entrevistas antes de retornar a Londres.

A primeira foi com o Sr. James Partridge. Ao que se saiba, fora a última pessoa a ver a Sra. Ascher com vida. Fizera uma compra na tabacaria às cinco e meia.

O Sr. Partridge era de pequena estatura, um bancário nato. Usava um pincenê, era muito seco, de olhar fugidio e extremamente preciso em todas as suas observações. Morava numa pequena casa, tão limpa e bem-arrumada como o dono.

— Mon...sieur Poirot — ele disse, olhando o cartão que meu amigo lhe apresentara. — Da parte do inspetor Glen? Em que posso servi-lo, M. Poirot?

— Pelo que sei, o senhor foi a última pessoa a ver a sra. Ascher ainda viva.

O Sr. Partridge juntou as pontas dos dedos e olhou para Poirot como se estivesse vendo um cheque de aspecto duvidoso.

— Eis aí um detalhe discutível, M. Poirot. Outras pessoas podem ter feito compras na loja da sra. Ascher depois de mim.

— Se assim foi, ninguém apareceu para prestar declarações.

O Sr. Partridge pigarreou, retrucando:

— Algumas pessoas, M. Poirot, carecem de senso de dever público.

E nos olhou como uma coruja através dos óculos.

— Uma verdade lapidar — murmurou Poirot. — E o senhor, pelo que vejo, procurou a polícia espontaneamente.

— Certamente que sim. Logo que soube da chocante ocorrência, compreendi que meu depoimento podia ser útil e me apressei a ir prestá-lo.

— Uma atitude realmente acertada — disse Poirot, de modo solene. — Talvez possa ter a gentileza de repetir agora sua história para mim.

— Sem dúvida. Voltava para esta casa e, precisamente às cinco e meia...

— Perdão, como sabia a hora com tanta exatidão?

O Sr. Partridge olhou-o meio aborrecido com a interrupção.

— O relógio da igreja acabara de tocar. Consultei meu relógio e verifiquei estar um minuto atrasado. Isso ocorreu justamente antes que eu entrasse na loja da Sra. Ascher.

— Costuma fazer compras ali?

— Com frequência. Fica no caminho de minha casa.

Uma ou duas vezes por semana costumava comprar uns cem gramas de fumo John Cotton.

— Conhecia então a sra. Ascher? Algo de sua vida particular?

— Absolutamente nada. Afora o fumo que eu comprava e uma observação casual referente ao tempo, por exemplo, nunca conversei com ela.

— Não sabia que o marido dela era um bêbado que vivia ameaçando matá-la?

— Não, eu nada sabia a respeito dela.

— Mas a conhecia de vista, contudo. Não terá notado alguma coisa de anormal na Sra. Ascher ontem, ao cair da tarde? Ela não parecia agitada ou algo assim?

O Sr. Partridge pensou um pouco antes de responder:

— Pelo que pude notar, ela parecia a mesma de sempre.

Poirot levantou-se, dizendo:

— Obrigado, Sr. Partridge, por responder a essas perguntas. Terá, por acaso, um ABC aqui? Gostaria de saber algo sobre minha volta de trem a Londres. Horário e outros detalhes.

— Está na estante, logo atrás do senhor — disse o Sr. Partridge.

Na mencionada estante havia realmente um ABC, um Bradshaw, o Livro do Ano das Finanças, o Anuário Kelly, um Quem é Quem e um catálogo local.

Poirot folheou o ABC sob o pretexto de observar o horário de determinado trem, então depôs o catálogo na estante, agradeceu de novo ao sr. Partridge e saímos.

Nosso próximo encontro foi com o Sr. Albert Riddell e se caracterizou por um clima bem diferente. O Sr. Riddell era um assentador de trilhos, e nossa conversa teve o acompanhamento pouco musical de pratos e travessas sendo dispostos na mesa pela esposa do Sr. Riddell, obviamente nervosa, dos rosnidos do cão do dono da casa e da indisfarçável hostilidade do próprio Sr. Riddell.

Tratava-se de um homem de físico muito avantajado, meio desajeitado, de rosto largo e olhos miúdos e suspicazes. No momento, estava atacando um pastelão de carne, regado com grandes goles de chá preto. Lançou-nos um olhar meio irritado por cima da grande xícara.

— Então querem que eu repita tudo o que já disse, hem? — resmungou. — Que querem mais de mim, não vão me deixar sossegado? Contei tudo a essa maldita polícia, e agora tenho de repetir tudo de novo para uma dupla de excomungados forasteiros...

Poirot me dirigiu um rápido e divertido olhar de alerta e então disse:

— Para dizer a verdade, compreendo a sua situação, mas o que se pode fazer? Trata-se de um caso de assassinato, certo? É preciso ser muito, muito meticuloso.

— Melhor contar ao cavalheiro o que ele quer saber, Bert — disse a mulher do ferroviário, nervosa.

— Você aí, veja se cala essa maldita boca! — bradou o gigante.

— Penso que você não foi à polícia por sua livre vontade. — Poirot fez a observação de maneira bem concisa.

— E por que cargas d'água eu deveria ir? O caso não era da minha conta.

— É uma questão de opinião — retrucou Poirot, com indiferença. — Afinal de contas, houve um crime, e a polícia desejava saber quem fora visto na loja... Pessoalmente, acho que teria, como direi?, parecido mais natural se você se apresentasse espontaneamente na delegacia.

— Tenho meu trabalho para fazer. Não me diga que deveria ir lá em hora de serviço...

— Mas o fato é que na polícia deram seu nome como o de uma pessoa que foi vista entrando na tabacaria da Sra. Ascher, e tinham de procurá-lo. Eles ficaram satisfeitos com seu depoimento?

— E por que não iriam ficar? — replicou Bert, rudemente.

Poirot limitou-se a dar de ombros.

— Que está querendo dizer com isso, senhor? Será que alguém tem algo contra mim? Todo mundo sabe quem matou aquela velhota, foi aquela bes... do marido dela.

— Mas ele não foi visto nas imediações da loja naquele fim de tarde e você, sim.

— Tentando me enrolar agora, hem? Mas perde seu tempo. Que motivo teria eu para fazer uma coisa daquelas? Pensa que iria furtar umas pitadas daquele fumo infame vendido ali? Acha que sou o que chamam de maníaco homicida? Pensa que eu...?

O corpulento ferroviário ergueu-se, ameaçador. Sua mulher interveio:

— Bert, Bert... não diga essas coisas. Bert, eles não pensam...

— Acalme-se, *monsieur* — disse Poirot. — Quis apenas ouvir a versão que apresentou à polícia de sua passagem pela loja. O fato de querer se negar a atender-me não parece, digamos, um pouco estranho?

— E quem disse que neguei alguma coisa? — O Sr. Riddell tornou a sentar-se. — Não disse isso.

— Eram seis horas quando você entrou na tabacaria?

— Correto, um minuto ou dois para as seis, para ser mais preciso. Ia comprar um maço de Gold Flake. Eu ia abrir a porta...

— Ela estava fechada, então?

— Sim. Pensei que a dona tivesse fechado a loja mais cedo. Mas não. A porta não fora fechada à chave. Entrei e não vi ninguém lá dentro. Dei umas pancadinhas no balcão e esperei um pouco. Ninguém veio atender; assim, saí da loja. Eis tudo; e você pode engolir isso se quiser.

— Não viu o corpo caído atrás do balcão?

— Não, não iria fazer isso, a menos que estivesse interessado em algo ali, talvez.

— Havia um guia de trens sobre o balcão?

— Sim, com a capa voltada para baixo. Na hora me veio a ideia de que a velha talvez tivesse que viajar de trem de repente e assim dera uma olhadela no guia e depois o esquecera, como também de fechar a loja.

— Talvez você tenha tocado no catálogo ou então o tenha empurrado por sobre o balcão...

— Não toquei na — novo palavrão — da coisa. Fiz exatamente o que disse.

— E não viu ninguém sair da loja antes de você entrar ali?

— Não vi coisa alguma. Por que isso, eu pergunto? Por que me acusam?

Poirot levantou-se, dizendo em tom cordial:

— Ninguém o está acusando... ainda. *Bonsoir, monsieur.*

Deixou o homenzarrão de boca aberta, e saímos. Na rua, Poirot olhou o relógio e observou:

— Se nos apressarmos, meu amigo, poderemos pegar o trem das sete e vinte. Vamos apertar o passo.

Capítulo 8



A segunda carta

— Bem, e então? — perguntei, expectante. Estávamos instalados num vagão de primeira classe, praticamente sós. O trem expresso acabara de sair de Andover.

— O crime — disse Poirot — foi cometido por um homem de estatura mediana, de cabelo ruivo e um leve estrabismo no olho esquerdo. Ele puxa ligeiramente da perna direita e tem um sinal de nascença bem embaixo da omoplata.

— Poirot! — exclamei, surpreso.

Por um instante, deixei-me impressionar pelo que ouvira. Então o leve piscar de olhos de meu amigo me fez perceber o blefe.

— Poirot! — repeti, mas agora em tom reprovador.

— Mas o que quer, *mon ami?* Você me encara com um ar de devoção canina, e exige de mim um pronunciamento à la Sherlock Holmes! Agora falemos a verdade: *Não sei como é o assassino, nem onde vive, nem como pôr as mãos nele.*

— Se ao menos ele tivesse deixado alguma pista... — murmurei.

— Sim, a pista... é sempre ela que atrai você. Uma pena que ele não fumasse, deixando a cinza cair, e então pisasse nela com um sapato que tivesse uma sola de desenho especial... Não, ele não é tão prestimoso. Mas pelo menos, meu amigo, você tem o *guia de trens.* O ABC, que é uma pista para você!

— E supõe então que ele o deixou lá por engano?

— Naturalmente que não. Deixou-o de propósito. O detalhe das impressões digitais o evidencia.

— Mas se não havia nenhuma em especial...

— É o que eu queria explicar. Como se apresentava o tempo ontem? Era uma noite quente de junho. E numa ocasião assim um homem deveria usar

luvas? Quem o fizesse na certa teria chamado a atenção. Portanto, desde que não há nenhuma impressão digital no ABC, é porque foi cuidadosamente apagada. Uma pessoa inocente teria deixado impressões... uma outra, culpada, não. Assim, nosso assassino deixou o guia lá com um propósito... mas, apesar disso, não deixa de ser uma pista. Aquele ABC foi comprado por alguém, e foi levado também por alguém, existe uma possibilidade aí.

— Acha que podemos apurar algo seguindo esse caminho?

— Francamente, Hastings, não me sinto particularmente esperançoso. Esse homem, o desconhecido X, orgulha-se obviamente de sua habilidade. Não parece disposto a indicar uma trilha que possa ser seguida diretamente.

— Então o ABC não será realmente útil.

— Não no sentido que você imagina.

— E em que outro sentido então?

Poirot não respondeu de imediato. Depois disse, pausadamente:

— A resposta não é fácil de dar. Estamos às voltas com uma personagem desconhecida. Ela se acha no escuro e procura permanecer na escuridão. Mas, na verdade, *ela não pode recorrer a nenhuma ajuda para lançar um pouco de luz sobre si mesma.* Num certo sentido, nada sabemos a seu respeito, em outro já conhecemos um bocado. Eu o imagino vagamente ganhando a forma de um homem que escreve com clareza e correção... que usa papel de carta de boa qualidade... que tem uma grande necessidade de demonstrar sua personalidade. Eu o vejo como alguém possivelmente ignorado e passado para trás quando criança... Vejo-o crescer com um acentuado sentimento de inferioridade, atormentado por um sentimento de injustiça... Imagino sua ansiedade premente de auto-afirmação, para chamar a atenção sobre si mesmo, que se torna cada vez mais forte, e fatos e circunstâncias rebaixando-o, acarretando, talvez, mais humilhações para ele. E ele acaba ficando obcecado por inimigos puramente imaginários.

— Tudo isso é simples conjetura — objetei. — Não trará nenhum resultado prático.

— Você prefere o toque final, a cinza do cigarro, as botas cravadas! Sempre o mesmo. Mas pelo menos podemos formular a nós mesmos algumas indagações de natureza prática. Por que o ABC? Por que a Sra. Ascher? Por que Andover?

— O passado daquela senhora parece bastante simples observei, pensativo. — As entrevistas com aqueles dois homens foram decepcionantes. Nada nos disseram além do que já sabíamos.

— Para ser franco, não esperava muito por esse lado. Mas não se podiam descartar dois possíveis candidatos ao assassinato.

— Não está querendo dizer que...

— Há pelo menos uma possibilidade de que o criminoso viva em Andover ou muito próximo. Eis aí uma possível resposta à nossa indagação: por que Andover? Bem, vemos aí dois homens conhecidos naquela cidade que estiveram na loja numa hora conveniente. Qualquer um deles *pode* ser o assassino. E não há nada ainda que demonstre não ser um dos dois o assassino.

— Talvez aquele brutamontes do Riddell — arrisquei.

— Ah, estou propenso a descartar Riddell! É nervoso, impulsivo, obviamente desajeitado...

— Mas tudo isso mostra justamente...

— Alguém de índole diametralmente oposta à de quem elaborou a carta com o ABC. As características em que devemos nos fixar são presunção e autoconfiança.

— Alguém que se julga o maioral?

— Possivelmente. Mas também uma pessoa sensível e que simula modéstia, dissimulando uma grande dose de vaidade e auto-satisfação.

— Não está pensando que aquele insignificante Sr. Partridge...?

— Ele faz *le type*. E posso acrescentar mais. Age como o autor da carta deveria proceder, comparece na hora indicada no distrito policial, coloca-se logo à disposição, desfruta de sua posição.

— E pensa realmente que ele...

— Não, Hastings. Pessoalmente creio que o assassino não vive em Andover, mas não devemos ignorar nenhum caminho de busca. E, embora eu venha me referindo a "ele" o tempo todo, não podemos excluir a possibilidade de uma mulher ser a culpada.

— Certamente que não!

— Concordo em que o tipo de crime se ajusta mais a um homem. Mas cartas anônimas são escritas de preferência por mulheres. Temos que levar isso em conta. Depois de breve silêncio, perguntei:

— Que faremos agora?

— Meu operoso Hastings — disse Poirot, sorrindo para mim.

— Sim, mas o que vamos fazer?

— Nada.

— Nada? — Meu desapontamento era muito evidente.

— Serei por acaso um mágico? Um bruxo? O que faria você em meu lugar?

Analisei bem a questão e achei difícil encontrar uma resposta. No entanto, estava convencido de que algo tinha de ser feito e que não devíamos perder tempo à toa.

Assim, observei:

— Há o ABC... e o papel da carta e o envelope...

—É claro que algo está sendo investigado nesse sentido. A polícia dispõe de todos os recursos para esse tipo de investigação. Se houver qualquer indício revelado no material examinado, pode estar certo de que eles o descobrirão.

Diante disso, vi-me forçado a aceitar a realidade dos fatos.

Nos dias seguintes notei que Poirot se mostrava estranhamente desligado do caso de Andover. Quando eu tentava retomar o assunto, ele me interrompia com um gesto impaciente.

Receava particularmente que ele mergulhasse numa depressão. Afinal, Poirot sofrera uma derrota no caso da morte da Sra. Ascher. O ABC o desafiara... e vencera. Meu amigo, acostumado a obter sucessivos êxitos em sua carreira, mostrava-se sensível ao seu fracasso de agora, tanto assim que não podia nem mesmo tolerar que se discutisse o assunto. Era, talvez, um sinal de fraqueza em tão grande homem, mas mesmo o mais equilibrado dos mortais é passível de se deixar arrebatar pelo sucesso. No caso de Poirot, esse processo de envaidecimento desenvolveu-se durante anos. Causava até certa surpresa que seus efeitos só se fizessem notar após tanto tempo.

Compreensivo, respeitei essa pequena fraqueza de meu amigo e não fiz mais referências ao caso. Li num jornal um resumo do inquérito policial. Bem sumário, sem qualquer alusão à carta de ABC. A conclusão a que chegaram era a de crime cometido por alguma pessoa ou pessoas desconhecidas. O caso despertou pouca atenção por parte da imprensa. Não apresentava nenhuma atração popular ou lances espetaculares. O assassinato de uma mulher idosa numa rua humilde logo cedeu lugar, nos jornais, a assuntos mais emocionantes.

Para falar a verdade, o caso quase foi esquecido por mim, exceto, penso eu, pelo fato de me desgostar ver Poirot associado de algum modo a um fracasso. Até que, em 25 de julho, o assunto foi reavivado.

Eu já não via Poirot há uns dois dias porque fora passar o fim de semana em Yorkshire. Retornei a Londres na segunda-feira à tarde, e a carta chegou pelo correio às seis horas. Lembro bem que Poirot inspirou profundamente ao abrir aquele envelope.

— Ele chegou — disse Poirot, lacônico.

— Quem?

— O segundo capítulo do caso ABC.

Por um instante eu o olhei, intrigado. Aquele assunto realmente quase me fugira da memória.

— Leia — disse Poirot, passando a carta às minhas mãos.

Como da vez anterior, fora escrita em papel de boa qualidade.

"Caro M. Poirot: Bem, e agora? Primeiro tento a meu favor, acredito. O caso de Andover foi uma jogada bem-sucedida, não?

Mas o passatempo está apenas começando. Permita-me chamar sua atenção para Bexhill-on-Sea. Data: 25 deste.

Que período divertido estamos vivendo!

Atenciosamente, seu ABC."

— Meu Deus, Poirot!v— exclamei. — Quer dizer então que esse demônio vai cometer outro crime?

— Sem dúvida, Hastings. Que mais você esperava? Pensou que o caso de Andover fosse um incidente isolado? Não se lembra mais do que eu lhe disse: "Esse é apenas o começo"?

— Mas isso é terrível!

— Concordo com você.

— Estamos às voltas com um maníaco homicida.

— Sim.

Sua fleuma era mais impressionante do que qualquer gesto grandiloquente que viesse a exibir. Devolvi a carta com ar de estranheza.

Na manhã seguinte, as autoridades locais se reuniram. Poirot e eu estávamos presentes. Conosco, o delegado de Sussex, o comissário-adjunto do Departamento de Investigação Criminal, o inspetor Glen, de Andover, o superintendente Carter, da polícia de Sussex, Japp e um inspetor mais moço, chamado Crome, e também o Dr. Thompson, conhecido psiquiatra. O carimbo dessa segunda carta era de Hampstead, mas na opinião de Poirot tal detalhe tinha pouca importância.

O assunto foi discutido exaustivamente. O Dr. Thompson era um homem afável, de meia-idade e que, apesar de seus amplos conhecimentos, preferia expressar-se numa linguagem familiar, evitando os termos técnicos característicos de sua profissão.

— Não há dúvida de que as duas cartas apresentam caligrafia idêntica. Ambas foram escritas por uma mesma pessoa.

— E podemos pressupor com toda a razão que essa pessoa foi a responsável pelo crime cometido em Andover.

— Certamente. Agora estamos diante de um aviso definido de um segundo crime, com data marcada para 25 deste mês, depois de amanhã... em Bexhill. Que providências serão tomadas?

O delegado de Sussex olhou seu superintendente, perguntando:

— Bem, Carter, que acha disso?

O superintendente balançou a cabeça com ar muito sério.

— Está difícil, senhor. Não há o menor indício de quem possa ser a próxima vítima. Com toda a honestidade e franqueza, que medidas *podemos* tomar?

— Tenho uma sugestão — murmurou Poirot. As atenções voltaram-se para meu amigo.

— Acho provável que o sobrenome da possível vítima comece com a letra B.

— Isso já seria alguma coisa — disse Carter, mas em tom dubitativo.

— Um complexo alfabético — observou o Dr. Thompson, pensativo.

— Sugiro tal coisa como uma possibilidade, nada mais. Essa hipótese me ocorreu quando vi o nome Ascher escrito nitidamente no portal da loja da infeliz senhora assassinada no mês passado. Ao verificar que essa segunda carta mencionava Bexhill, ocorreu-me a possibilidade de que tanto a vítima como o local do crime poderiam ter sido escolhidos de acordo com a ordem alfabética.

— É possível — disse o médico. — Por outro lado, pode ser que o sobrenome Ascher tenha sido uma coincidência, e que a vítima, dessa vez, não importa que nome tenha, venha a ser, de novo, uma velha senhora dona de uma loja. Não se esqueçam de que estamos lidando com um demente. Até agora ele não nos forneceu nenhum indício quanto à sua motivação.

— E um louco precisa de algum motivo, doutor? — replicou Carter, com ar cético.

— É claro que tem um motivo. Uma extrema lógica é uma das características especiais dos maníacos. Um homem pode se considerar investido da missão, a seu ver divina, de eliminar sacerdotes, ou médicos, ou ainda mulheres idosas em charutarias... e há sempre alguma razão coerente por trás desses atos. Não devemos deixar que essa história da ordem alfabética nos empolgue em demasia. O fato de Bexhill suceder a Andover *pode* ser uma mera coincidência.

— Podemos pelo menos tomar certas precauções, Carter, e checar especialmente todos os sobrenomes iniciados com B, associados a modestos donos de lojas, e vigiar com atenção todas as pequenas charutarias, e onde vendam também jornais, que sejam geridas por uma pessoa solitária. Fique de olho, naturalmente, nos estrangeiros, tanto quanto possível.

O superintendente suspirou, meio desalentado.

— Com as escolas já desertas e as férias começando? Há um mundo de gente acorrendo para cá esta semana.

— Temos de fazer o possível — retrucou o delegado, secamente.

O inspetor Glen interveio:

— Mantenho uma vigilância estreita sobre qualquer pessoa ligada ao caso Ascher. Aquelas duas testemunhas, Partridge e Riddell, e o próprio Ascher, naturalmente. Se pretenderem sair de Andover, serão seguidos.

A reunião foi encerrada após mais algumas sugestões e uma troca de opiniões desencontradas.

— Poirot — disse eu, quando caminhávamos ao longo do rio —, é certo que esse novo crime poderá ser evitado?

Havia muita preocupação em seu olhar quando ele me fitou e disse:

— A sanidade de uma cidade cheia de homens contra a insanidade de um determinado homem? Não, Hastings, receio que não. Lembre-se da longa série de atos criminosos de Jack, o Estripador.

— Isso é horrível.

— A loucura, Hastings, é uma coisa terrível... *Estou receoso... Muito receoso, realmente...*

Capítulo 9



O assassinato de Bexhill-on-Sea

Ainda me lembro de meu despertar na manhã de 25 de julho. Deviam ser umas sete e trinta.

Poirot estava parado de pé junto à minha cama, tocando-me o ombro de leve. Algo em seu olhar me fez acordar de vez. E indaguei, sentando-me no leito rapidamente:

— Que houve?

A resposta foi muito simples, mas um mundo de emoção estava contido nas duas palavras que ele pronunciou:

— *Aquilo aconteceu.*

— O quê?! — exclamei. — Você quer dizer... mas 25 é *hoje.*

— O fato ocorreu na noite passada, ou melhor, nas primeiras horas desta manhã.

Saltei da cama e, enquanto lavava o rosto, ele me fez um resumo do que acabara de saber através de um telefonema.

— O corpo de uma jovem foi encontrado na praia de Bexhill. Foi identificado como sendo Elizabeth Barnard, garçonete de um bar, que morava com os pais num bangalô construído recentemente. A hora da morte, segundo o médico-legista, foi fixada entre onze e meia da noite e uma da madrugada.

— Eles têm plena certeza de que se trata *do* crime? — perguntei, ensaboando meu rosto rapidamente.

— Um ABC aberto na página dos trens para Bexhill foi encontrado debaixo do cadáver.

Estremeci, e exclamei:

— Que coisa horrível!

— *Fait es attention*[6], Hastings. Não desejo presenciar segunda tragédia no meu apartamento!

Enxuguei às pressas uma gota de sangue de meu queixo recém-escanhoado sem muito cuidado.

— Qual é nosso plano de combate?

— O carro nos levará dentro de poucos minutos. Pedirei que lhe tragam o café aqui para não perdermos tempo.

Vinte minutos depois, já estávamos num veloz carro da polícia atravessando o Tâmisa rumo a Bexhill.

Conosco estava o inspetor Crome, que participara da reunião do outro dia, e que fora incumbido oficialmente daquele caso.

Crome era um tipo de policial muito diferente de Japp. Bem mais moço, era discreto, de nível superior. Bem-educado e instruído, era, para meu gosto, muito auto-suficiente. Tinha-se notabilizado por ter solucionado uma série de crimes cometidos contra crianças, tendo, com obstinação, seguido a pista do criminoso agora preso em Broadmoor.

Era obviamente a pessoa indicada para se encarregar do presente caso, mas achei que ele se mostrava um pouco cioso demais desse fato. Sua maneira de tratar Poirot era meio protetoral, indulgente. Dirigia-se a ele como o faria um jovem a um homem mais velho, à maneira de um aluno cheio de si em relação ao seu professor de escola secundária.

— Tive uma longa e elucidativa conversa com o Dr. Thompson — disse o jovem inspetor. — Ele está muito interessado no tipo de crime em "cadeia" ou em "série". Trata-se do produto de um tipo de mentalidade distorcida. Sendo um agente da lei, não posso, naturalmente, apreciar devidamente detalhes mais sutis como os focalizados de acordo com o ponto de vista médico. — Pigarreou antes de prosseguir: — Um exemplo comum foi meu último caso. Não sei se você leu algo sobre ele... o caso de Mabel Homer, a estudante de Muswell Hill... O tal Capper mostrou-se muito hábil. Foi muito difícil acusá-lo do crime, e já era o terceiro por ele cometido! Parecia mentalmente tão saudável como eu ou você. Mas existem testes os mais variados (truques verbais, você sabe), bem modernos. Em seu tempo não havia nada desse tipo, Poirot. Uma vez induzido a delatar-se, o sujeito é apanhado irremediavelmente. Percebe que estamos de posse de seu segredo e se descontrola. Acaba por confessar, pressionado pelos dois lados.

— Mesmo no meu tempo, isso acontecia algumas vezes — disse Poirot.

O inspetor Crome fitou meu amigo e murmurou em tom coloquial:

— Ah, sim?

Fez-se silêncio entre nós por alguns minutos. Assim que passamos pela New Cross Station, Crome disse:

— Se tem alguma pergunta a me fazer sobre o caso, peço-lhe que a faça.

— Você ainda não tem, presumo, a descrição da jovem morta...

— Ela tinha vinte e três anos, trabalhava como garçonete no café Ginger Cat...

— *Pas ça.* Eu gostaria de saber, por exemplo, se era bonita.

— Sobre isso não tenho nenhuma informação — retrucou o inspetor Crome, com ar evasivo. Parecia querer dizer: "Qual, esses estrangeiros, sempre os mesmos!"

Uma leve expressão divertida surgiu no olhar de Poirot.

— Isso não lhe parece importante, não? No entanto, p*our une femme*, é de importância capital. Muitas vezes decide seu destino!

Fez-se novo silêncio.

Foi somente quando já estávamos perto de Sevenoaks que Poirot retomou a conversa.

— Está inteirado, por acaso, de como e com que a garota foi estrangulada?

O inspetor Crome respondeu de modo sumário:

— Foi estrangulada com seu próprio cinto, um negócio de malha entrelaçada, grosso. Eu o recolhi.

Os olhos de Poirot pareceram se abrir ainda mais quando ele comentou:

— Ah, finalmente temos um exemplo de informação bem concreto. Isso nos diz alguma coisa, não?

— Pelo menos que eu percebesse, não — retrucou Crome, friamente.

Eu já me sentia irritado com a falta de tato e de imaginação daquele homem. E observei:

— Pois tal objeto nos dá uma espécie de marca registrada do assassino. O próprio cinto da vítima. Isso mostra a bestialidade que caracteriza a sua mente!

Poirot me lançou um olhar que não consegui entender. Vi em sua face uma impaciência contida. Achei que aquele seu olhar era um alerta para que eu não me expressasse francamente na presença do inspetor.

E mergulhei em silêncio.

Em Bexhill, fomos recebidos pelo superintendente Carter. A seu lado estava Kelsey, um jovem inspetor simpático e de olhar inteligente. Fora destacado para trabalhar com Crome na elucidação daquele caso.

— Poderá conduzir os interrogatórios e as buscas como desejava, Crome — disse Carter. — Assim, depois que eu lhe der as indicações principais sobre esse caso, poderá entrar em ação de imediato.

— Obrigado, senhor — disse Crome.

— Já comunicamos o que aconteceu aos pais da jovem. Um choque terrível para eles, naturalmente — observou o superintendente. — Deixei-os em

casa para que se recuperassem um pouco antes de interrogá-los, assim você pode começar por eles.

— A moça tinha outros parentes? — indagou Poirot.

— Uma irmã que trabalha como datilógrafa em Londres. Ela foi informada do que houve. E temos também um rapaz... pelo que apurei, a mocinha esteve com ele na noite passada.

— E o guia ABC, serviu para algo? — perguntou Crome.

— Está ali. — E Carter indicou a mesa com um gesto de cabeça. — Nenhuma impressão digital. Está aberto na página referente a Bexhill. Parece ser um exemplar novo, pelo menos não deve ter sido muito manuseado. Não foi comprado em nenhuma loja das redondezas. Andei por todas as papelarias e bancas de jornais e nada!

— Quem encontrou o corpo?

— Um desses velhos coronéis que gostam de madrugar e apanhar ar fresco. No caso, o coronel Jerome. Ele saiu com seu cão pastor por volta das seis da manhã. Seguiu ao longo da praia na direção de Cooden, e então alcançou a areia. O cachorro afastou-se um pouco, farejando algo. O coronel chamou-o. Mas o cão não veio. Então o coronel acercou-se do local farejado pelo cachorro e notou que havia qualquer coisa estranha ali. Aproximou-se, olhando com mais atenção o vulto caído. Note-se que agiu com muito acerto. Não tocou no cadáver e nos telefonou imediatamente.

— E a hora da morte foi por volta de meia-noite, certo?

— Entre meia-noite e uma hora da manhã. Isso é praticamente certo. Nosso homicida galhofeiro é um homem de palavra. Disse dia 25, e o crime ocorreu mesmo a 25, ainda que logo nos primeiros minutos.

Crome assentiu.

— Sim, que essa é a sua maneira de ser não há dúvida. Não há mais nada? Ninguém viu algo que nos possa ser útil?

— Que nós saibamos até agora, não. Mas ainda *é* cedo. Todos os que viram uma jovem de branco passeando com um homem na noite passada logo aparecerão aqui para nos contar, e já imagino pelo menos umas quatro ou cinco garotas que na noite de ontem andaram passeando com rapazes... Vai ser uma bela história...

— Bem, senhor, acho melhor me movimentar — disse Crome. — Temos o Ginger Cat e a casa da moça; será melhor visitá-los. Kelsey pode vir comigo.

— E o Sr. Poirot? — indagou Carter.

— Vou acompanhá-lo — disse Poirot a Crome, com um leve cumprimento.

Acho que Crome olhou para o meu amigo um pouco aborrecido. Kelsey, que ainda não conhecia Poirot, abriu um largo sorriso.

Por uma infeliz circunstância, todas as pessoas que viam meu amigo pela primeira vez tendiam sempre a considerá-lo um marinheiro de primeira viagem.

— E quanto ao cinto com o qual a moça foi estrangulada? — indagou Crome, de repente. — O Sr. Poirot acha que se trata de uma pista valiosa. Creio que ele gostaria de vê-lo.

— *Du tout!*— disse Poirot serenamente. — Você não me compreendeu bem.

— Nada conseguirá por esse caminho — disse Carter. Não se trata de um cinto de couro, que poderia conservar impressões digitais. É uma espécie de seda grossa trançada, ideal para tal fim.

Senti um certo estremecimento.

— Bem — disse Crome —, seria melhor irmos logo. E saímos sem mais perda de tempo.

Visitamos primeiro o Ginger Cat. Ficava bem defronte à praia e tinha o aspecto comum às pequenas casas de chá ou lanchonetes. No interior, mesinhas cobertas com um pano xadrez-alaranjado e cadeiras de vime desconfortáveis com almofadinhas alaranjadas. Era o tipo de estabelecimento cuja especialidade consistia no café matinal, cinco tipos diferentes de chá (Devonshire, Farmhouse, Fruit, Carlton e Plain), e uns poucos pratos feitos para empregadinhas, tais como ovos mexidos com camarão e macarrão com queijo ralado. O café da manhã estava sendo servido quando ali entramos. A gerente, pressurosa, conduziu-nos a um reservado mais ao fundo, pouco asseado.

— É a Srta...Merrion? — perguntou Crome.

A Srta. Merrion respondeu com uma entonação chorosa e aflita.

— Sim, sou eu. Essa história toda foi lamentável. Muito desagradável. Nem quero *pensar* em como nosso negócio aqui será prejudicado!

A Srta. Merrion tinha quarenta anos, era muito delgada, e seu cabelo cacheado era louro-avermelhado (na verdade ela se parecia espantosamente com o próprio gato que dava nome à sua lanchonete). Ao falar, mexia nervosamente nos vários fichus e babados que faziam parte de seu uniforme de trabalho.

— A senhorita vai é ter aumento no movimento — disse o inspetor Kelsey, animando-a. — Vai ver só! Nem conseguirá servir chá e sanduíches com a rapidez de costume, com o novo surto de fregueses!

— Foi muito triste — disse a Srta. Merrion. — Realmente contristador. Faz a gente descrer da natureza humana.

Mas seus olhos brilhavam apesar de tudo, após ouvir o que Kelsey dissera.

— Que pode me dizer sobre a moça que morreu, Srta. Merrion?

— Nada — respondeu a Srta. Merrion, taxativa. — Absolutamente nada!

— Há quanto tempo ela trabalhava aqui?

— Já completara um ano de casa.

— Estava satisfeita com ela?

— Era uma boa garçonete, ativa e discreta.

— Ela era bonita, não? — perguntou Poirot.

A Srta. Merrion, por sua vez, lançou-lhe um olhar do tipo: "Ah, esses estrangeiros..."

— Era uma moça de boa aparência, bonitinha — respondeu, com ar distante.

— A que horas ela largou o trabalho ontem à noite? — indagou Crome.

— Às oito. Sempre fechamos a essa hora. Não servimos jantar. A procura é muito reduzida. Um ou outro freguês aparece aqui pedindo ovos mexidos e chá (Poirot fez uma careta) por volta das sete horas ou algumas vezes depois, mas nosso movimento maior acontece lá pelas seis e meia.

— Ela lhe disse algo sobre como pensava passar a noite de ontem?

— Claro que não! — enfatizou a mulher. — Nós não unhamos intimidades.

— Ninguém veio procurá-la aqui?

— Não.

— Ela lhe pareceu diferente dos outros dias? Talvez nervosa ou deprimida?

— Na verdade, não sei dizer — retrucou a srta. Merrion, com ar indiferente.

— Quantas moças trabalham aqui?

— Normalmente duas, e duas a mais de 20 de julho até o fim de agosto.

— Mas Elizabeth Barnard não era uma dessas extras?

— A Srta. Barnard era efetiva aqui.

— Que me diz da sua colega... efetiva?

— A Srta. Higley? É uma jovem muito correta.

— Ela e a Srta. Barnard eram amigas?

— Não sei dizer, acredite.

— Talvez possamos ter uma palavrinha com ela.

— Agora?

— Se permitir...

— Vou chamá-la — disse a Srta. Merrion, levantando-se. — Por favor, não a retenha demasiado. Esta é a hora do café da manhã, e o movimento torna-se mais intenso aqui.

A felina e loura Srta. Merrion afastou-se.

— Muito refinada — comentou o inspetor Kelsey. E imitou a entonação meio afetada da mulher: "Na verdade, não sei dizer".

Uma garota rechonchuda, de cabelo preto, faces rosadas e olhos negros, agora muito abertos devido à excitação do momento, parou de repente, quase sem fôlego, diante dos policiais.

— A Srta. Merrion me disse para vir...

— É a Srta. Higley?

— Sim, sou eu.

— Conhecia Elizabeth Barnard?

— Ah, sim, eu conhecia Betty. Não foi uma coisa *horrível?* Muito horrível, mesmo. Nem posso acreditar que tenha acontecido de verdade. Estive dizendo a manhã toda às garotas que não *consigo* acreditar nisso! "Vocês sabem", disse eu, "o que houve não parece *real.* Betty! Quero dizer, Betty Barnard, que esteve sempre aqui, *assassinada!* Não, eu não acredito", disse a todo mundo. Cinco ou seis vezes já belisquei meu próprio braço só para ver se estava acordada mesmo. Betty assassinada... Isso... bem, eu já lhes disse, não parece *real.*

— Você conhecia bem a sua colega de trabalho? — perguntou Crome.

— Bem, ela trabalhava aqui há mais tempo que eu. Só vim para cá em março deste ano. Betty já estava nesta lanchonete desde o ano passado. Ela era meio fechada, o senhor sabe. Não costumava rir muito ou fazer brincadeiras. Não quero dizer com isso que fosse *esquisitona,* séria demais, tinha muita alegria interior, mas... Bem, ela era e não era discreta ao mesmo tempo, não sei se o senhor me entendeu.

Devo confessar que o inspetor Crome se mostrou extremamente paciente. Como testemunha, a gorducha Srta. Higley era exasperante com suas redundâncias. Cada observação que fazia era repetida e destacada uma dúzia de vezes. E o resultado do interrogatório foi, assim, muito pobre.

Ela não fora íntima da moça assassinada. Era de se deduzir que Elizabeth Barnard se considerara um pouco acima da Srta. Higley para lhe fazer confidências. Eram boas colegas de trabalho, mas, fora daí, pouco se avistavam ou conversavam. Elizabeth Barnard tivera um "amigo" que trabalhava numa agência imobiliária próxima da estação ferroviária, a Court & Brunskill. Não, o "amigo" não era nem o Sr. Court nem o Sr. Brunskill. Era um empregado dali. Se tinha boa aparência? Ah, sim... muito simpático, e sempre bem-vestido. Naturalmente, havia um toque de ciúme no íntimo da Srta. Higley.

O balanço do interrogatório, no final, resumiu-se ao seguinte: Elizabeth não revelara a ninguém do Ginger Cat seu programa para a noite anterior, mas, na opinião da Srta. Higley, fora encontrar-se com seu "amigo". Elizabeth usava

um vestido novo, branco, "encantador como nunca, com um desses novos decotes".

Trocamos duas palavrinhas com as empregadas extras da Srta. Merrion, mas sem nenhum resultado positivo. Betty Barnard nada lhes dissera sobre seu programa noturno, e ninguém a vira em Bexhill no decorrer da noite.

Capítulo 10



Os Barnards

Os pais de Elizabeth Barnard moravam num pequeno bangalô, um dos cinquenta, se tanto, construídos recentemente por um empreiteiro esperto no subúrbio mais distante do centro da cidade. O nome do novo bairro era Llandudno.

O Sr. Barnard, um homem corpulento e de ar embaraçado, com uns cinquenta e cinco anos presumíveis, já dera pela nossa aproximação e ficou parado, à nossa espera, na porta de sua casa.

— Podem entrar, senhores — disse.

O inspetor Kelsey adiantou-se, dizendo:

— Este é o inspetor Crome, da Scotland Yard, Sr. Barnard. Veio ajudar-nos nesse caso.

— Scotland Yard? — observou Barnard, mais animado. — Isso é bom. Esse assassino miserável não pode ficar sem castigo. Minha pobre menina... — E seu rosto acusou a dor que sentia.

— E este é M. Poirot, também vindo de Londres, e o...

— Capitão Hastings — disse Poirot.

— Prazer em conhecê-los, senhores — disse Barnard, meio alheado. — Venham para a sala de visitas. Não sei se minha mulher poderá falar com os senhores. Ela está arrasada.

No entanto, quando já estávamos acomodados na sala de visitas do pequeno bangalô, a Sra. Barnard apareceu. Era evidente que estivera chorando, tinha os olhos avermelhados e seus passos vagarosos e incertos eram os de uma pessoa que sofrera um grande golpe.

— Por que desceu, Hilda? Está tudo em ordem — disse o Sr. Barnard. — Tem certeza de que está bem, hem?

Deu-lhe uma palmadinha no ombro e puxou uma cadeira para ela.

— O superintendente foi muito gentil — disse o dono da casa. — Depois de nos informar do acontecimento, disse que deixaria algumas perguntas para serem feitas mais tarde, quando já tivesse passado o choque inicial que sofremos.

— O que houve foi muito cruel. Ah, meu Deus, foi duro demais! — exclamou a Sra. Barnard, chorosa. — A coisa mais terrível que poderia acontecer.

Sua voz tinha uma leve cadência monótona, e julguei de início que fosse estrangeira, mas então me lembrei do nome dado ao conjunto residencial e percebi que aquela entonação cantante de sua fala provava, na realidade, sua procedência galesa.

— Foi muito doloroso, senhora, eu entendo — disse o inspetor Crome. — E compreendemos seu sofrimento, mas desejamos saber certas coisas que nos permitiriam agir com maior presteza nesse caso.

— É muito lógico — disse o Sr. Barnard, movendo a cabeça em assentimento.

— Sua filha tem vinte e três anos, certo? Morava com vocês e trabalhava na lanchonete Ginger Cat, não é?

— Sim.

— Esta casa foi construída recentemente, pelo que sei. Onde moravam anteriormente?

— Eu trabalhava no ramo de ferragens, em Kennigton. Aposentei-me há dois anos. Sempre quis morar perto do mar.

— Têm duas filhas?

— Sim. Minha garota mais velha trabalha num escritório em Londres.

— Não ficaram preocupados por sua filha não voltar para casa ontem à noite?

— Nós não sabíamos que ela ainda não voltara — disse a Sra. Barnard, em voz chorosa. — Meu marido e eu sempre nos recolhemos cedo. Nove horas toda noite. Só viemos a saber que Betty não dormira em casa quando um policial veio nos procurar e disse...

Voltou a chorar sem poder conter-se.

— Sua filha tinha o hábito de... voltar tarde para casa?

— Sabe como são as garotas de hoje, inspetor — disse Barnard. — Elas se julgam independentes. Nessa temporada de verão, não se apressam nada em voltar para casa. Assim, Betty só costumava chegar aqui por volta de onze horas.

— Como ela procedia? Digo, a porta ficava aberta?

— A chave ficava sob o capacho, sempre fizemos assim.

— Havia algo a respeito de um possível noivado de sua filha?

— Esses jovens de hoje em dia não são muito de oficializar seus compromissos — disse o Sr. Barnard.

— O nome dele é Donald Fraser, e eu o apreciava. Gostava muito dele — disse a Sra. Barnard. — Pobre moço, saber do que... aconteceu deve ter sido doloroso para ele: Donald já deve ter sabido, suponho.

— Ele trabalha para Court & Brunskill, certo?

— Sim, eles são agentes imobiliários.

— E ele costumava encontrar-se com sua filha com frequência à noite, após o trabalho?

— Todas as vezes, não. Aproximadamente uma ou duas vezes por semana.

— Sabe se ela ia encontrar-se com ele ontem?

— Ela não me disse nada. Betty nunca falava muito sobre o que fazia ou aonde pretendia ir. Mas era uma boa menina, a nossa Betty. Ah, não posso acreditar... — E a Sra. Barnard soluçou de novo.

— Tente acalmar-se, querida. Vamos, que é isso... — murmurou o marido. — Temos que superar isto, ajudar a esclarecer o que aconteceu.

— Estou certa de que Donald nunca deveria... nunca... — e a Sra. Barnard não pôde prosseguir devido aos soluços.

— Agora, tente refazer-se — repetiu o Sr. Barnard para a esposa.

— Por Deus que gostaria muito de ajudá-los, mas a verdade é que não estou a par de nada que possa ajudar na captura desse patife covarde que fez isso. Betty era alegre, gostava de viver... tinha um namorado jovem e honesto... Estava bem encaminhada, como se dizia nos meus tempos de juventude. Não posso entender como alguém possa tê-la matado e por quê! Não tem sentido algum.

— O que diz é razoável, Sr. Barnard — observou Crome. — Bem, eu lhe direi o que gostaria de fazer agora... Queria dar uma olhadela no quarto da srta. Barnard. Pode ser que ali encontremos algo, cartas... ou um diário.

— Pode olhar à vontade — disse Barnard, levantando-se.

Crome acompanhou o dono da casa. Depois, Poirot e Kelsey o imitaram.

Parei um instante para apertar o cordão de meus sapatos, que estava frouxo. Foi aí que um táxi parou à entrada da casa e uma moça saltou. Ela pagou a corrida ao motorista e apressou-se a entrar no bangalô, carregando uma maleta. Mal entrou na sala, viu-me e parou de chofre.

Havia algo de tão estático em sua postura que me deixou curioso.

— Quem é você? — perguntou ela.

Dei uns poucos passos na sua direção. Sentia-me meio embaraçado, sem saber como responder devidamente. Deveria dizer-lhe meu nome? Ou mencionar

o fato de ter ido ali com a polícia? A jovem, contudo, não me deu tempo para resolver.

— Ah, sim, posso imaginar quem seja.

Tirou o pequeno gorro branco de lã que usava e, com um ar distraído, largou-o num canto da sala. Pude apreciá-la melhor então, pois ela se virou um pouco e a claridade incidiu sobre seu rosto.

Minha impressão inicial foi a de estar vendo aquelas bonecas holandesas com as quais minhas irmãs costumavam brincar em minha meninice. Seu cabelo era negro, cortado curto, com uma franja caindo sobre a testa. Tinha as maçãs do rosto bem pronunciadas, e no conjunto sua figura tinha uma sofisticada e moderna angulosidade que não era, contudo, ausente de atrativos. Não era bonita, na verdade, mas havia uma certa intensidade de expressão, uma energia interior que a tornava uma pessoa difícil de se esquecer.

— É a Srta. Barnard? — perguntei afinal.

— Sou Megan Barnard. Suponho que pertença à polícia.

— Bem... retruquei. — Não exatamente...

Ela me interrompeu, incisiva:

— Acho que não poderei lhe adiantar nada. Minha irmã era uma jovem inteligente, alegre e sem casos amorosos. Bom dia.

Sorriu de leve enquanto me falava e olhou para mim, desafiante.

— É uma boa resposta, não? — disse ela então.

— Só que não sou repórter, se foi isso o que pensou.

— Afinal, quem é você? — Relanceou o olhar pelo aposento. — Onde estão mamãe e papai?

— Seu pai foi mostrar o quarto da Srta. Betty à polícia. Sua mãe está aí dentro. Ela está muito abalada.

A moça pareceu tomar uma decisão.

— Venha comigo.

Empurrou uma porta entreaberta e eu a acompanhei. Achei-me então numa cozinha pequena e muito limpa.

Fui fechar a porta, mas encontrei uma inesperada resistência. Logo a seguir Poirot entrava sem ruído na cozinha e fechava a porta atrás de si.

— Megan Barnard? — disse Poirot, após um breve cumprimento.

— É o Sr. Hercule Poirot — disse eu à jovem. Megan Barnard dirigiu-lhe um rápido e avaliador olhar.

— Já ouvi falar do senhor. É o detetive particular da moda, certo?

— Não é uma descrição apropriada... mas serve — retrucou Poirot.

A jovem sentou-se na borda da mesa de cozinha. Rebuscou em sua bolsa e apanhou um cigarro. Colocou-o entre os lábios finos, acendeu-o, e então disse,

entre duas tragadas do cigarro:

— Seja como for, não imagino por que o Sr. Hercule Poirot possa se interessar por nosso humilde crime local.

— *Mademoiselle* — disse Poirot. — O que não imagina e o que eu não vejo talvez dessem para encher um livro inteiro. Mas tudo isso não tem nenhum alcance prático. O que tem importância prática é algo que *não* será fácil de descobrir.

— De que se trata, então?

— A morte, *mademoiselle,* infelizmente origina *predisposição.* Uma predisposição favorável à pessoa morta. Ouvi o que disse ainda há pouco ao meu amigo Hastings. "Uma moça inteligente e alegre, sem casos amorosos." A senhorita o disse ironizando os jornais. E é bem verdade que, quando uma jovem é morta, esse tipo de coisa é abordado com frequência pela imprensa. Ela era muito inteligente. Era feliz. Tinha bom gênio. Não tinha problemas sérios. E nem amizades pouco recomendáveis. Há sempre uma grande benevolência em relação a quem morre. Sabe o que eu gostaria de fazer neste momento? Conversar com alguém que conhecesse Elizabeth Barnard *e que não soubesse ainda que ela morreu!* Aí, então, talvez eu viesse a escutar aquilo que mais me interessa saber: a verdade.

Megan Barnard olhou para meu amigo em silêncio por alguns instantes, enquanto fumava. Então, por fim, decidiu falar. E suas palavras me causaram impacto.

— Betty era uma idiota consumada!

Capítulo 11



Megan Barnard

Como disse, as palavras de Megan Barnard, e mais ainda a entonação veemente e tensa com que foram pronunciadas, impressionaram-me fortemente.

Poirot, contudo, limitou-se a mover a cabeça, circunspecto.

— *A la bonne heure* — disse ele. — É inteligente, *mademoiselle.*

Megan Barnard disse, ainda no mesmo tom desinibido:

— Eu gostava muito de Betty. Mas essa afeição não me impedia de perceber a espécie de garota tola que ela era... e cheguei mesmo a dizer-lhe isso em várias ocasiões! Afinal, irmãs são para isso.

— E ela deu atenção a seus conselhos?

— Certamente que não — retrucou Megan, com ironia.

— Poderia ser mais explícita, *mademoiselle?*

A jovem hesitou, e Poirot lhe disse com um leve sorriso.

— Vou ajudá-la. Ouvi o que disse a Hastings. Que sua irmã era inteligente, alegre e sem casos amorosos... Isto *é... un peu contraire*[8] à realidade dos fatos, não?

Megan disse com precipitação:

— Não havia nada de ruim com Betty, entende? Ela sabia até onde devia ir. Não *era* o tipo de garota para fins de semana, compreende? Nada disso. Mas gostava que a convidassem para sair e dançar, e... bem, apreciava certos elogios meio vulgares e toda sorte de galanteios.

— E era bonita? Sim ou não?

Essa pergunta, que eu ouvia pela terceira vez naquele mesmo dia, obteve então uma resposta bem ilustrativa, concreta.

Megan deslizou com agilidade da ponta da mesa, abriu sua maleta de viagem e tirou dali algo que entregou a Poirot.

Numa pequena moldura de couro escuro, via-se a foto de uma jovem sorridente, de expressão muito alegre. Seu cabelo fora ondulado recentemente

— dava para notar — e contornava sua cabeça numa massa de cachos frisados. O sorriso era brejeiro, mas meio forçado. Não era certamente um rosto que se poderia classificar de formoso, mas possuía, obviamente, certa beleza, embora comum.

Poirot devolveu a foto, dizendo:

— Não se parecem em nada, *mademoiselle.*

— Ah, não. Eu sou a feiosa da família. Sempre soube disso. — Megan parecia dar pouca importância ao fato.

— Em que sentido exatamente acha que sua irmã se comportava como uma tola? Quer dizer, talvez em relação a Donald Fraser?

— É isso aí. Don é o tipo da pessoa ponderada, mas... bem, naturalmente, ficava sentido com certas coisas, então...

— E então o quê, *mademoiselle?* Poirot olhava a moça fixamente.

Talvez fosse imaginação minha, mas achei que ela hesitou ligeiramente antes de responder.

— Receei que ele viesse a... dar-lhe o fora. E teria sido uma pena. Don é um rapaz equilibrado e trabalhador, e daria um bom marido para ela.

Poirot continuava a analisá-la com o olhar. Ela não fugiu a esse olhar penetrante, mas sustentou-o com aquela mesma expressão que me recordou seu primeiro gesto desafiante, a maneira quase desdenhosa como me brindara na sala.

— Então foi só isso — disse Poirot, finalmente. — Nós não falamos a verdade de maneira nenhuma.

Ela balançou os ombros e voltou-se para a porta, dizendo:

— Bem, fiz o que podia para ajudá-lo.

Ia afastar-se, mas a voz firme de Poirot a reteve:

— Espere, *mademoiselle.* Tenho algo a lhe dizer. Volte aqui.

Embora de má vontade, penso eu, ela obedeceu.

Mas, para minha surpresa, Poirot pôs-se a falar da história das cartas de ABC, do crime de Andover, e do guia de trens encontrado junto ao corpo das duas vítimas.

Megan não lhe deu razão para queixas de falta de interesse no relato. Os lábios da jovem ficaram entreabertos, seus olhos brilharam mais vivamente, muito interessados no que ele dizia.

— Tudo isso é verdade, M. Poirot?

— Sim, é verdade.

— Quer dizer então que minha irmã foi morta por um desses horríveis maníacos homicidas?

— Precisamente.

Ela respirou fundo antes de exclamar:

— Ah! Betty... Betty... como isso *é horrível!*

— Já vê, *mademoiselle,* o alcance da informação que lhe pedi para dar espontaneamente, sem se preocupar se iria ou não magoar alguém.

— Sim, agora percebo isso.

— Então podemos continuar nossa conversa. Eu tinha imaginado esse Donald Fraser como sendo, talvez, dotado de um temperamento rude e ciumento, confere?

Megan Barnard disse tranquilamente:

— Agora sinto confiança no senhor, M. Poirot. E vou lhe dizer a pura verdade. Como já disse antes, Don é muito ponderado, uma pessoa que sabe se conter, o senhor sabe a que me refiro. Nem sempre consegue expressar o que sente com palavras. Mas, no íntimo, compreende e sente certas coisas intensamente. E tem uma índole ciumenta. Sempre teve ciúmes de Betty. Era muito dedicado a ela... e, naturalmente, minha irmã gostava dele, mas não era próprio de Betty gostar de uma pessoa e alhear-se dos demais. Não tinha esse jeito apaixonado. Ela... bem, arriscava sempre um olhar para algum rapaz bonitão que passasse algum tempo em sua companhia. E naturalmente, trabalhando no Ginger Cat, estava sempre se encontrando casualmente com homens, especialmente nas férias de verão. Tinha a língua sempre afiada, e assim, se eles a aborreciam, dava-lhes o troco na hora. E, então, talvez saísse com algum rapaz, para irem a um cinema ou algo assim. Nada de sério, compreenda, apenas gostava de se divertir. Costumava dizer que, já que talvez acabasse se casando com Don, devia, agora, aproveitar seu tempo divertindo-se enquanto podia.

Megan fez uma pausa, e Poirot disse:

— Entendo. Prossiga.

— E era justamente essa disposição de espírito de Betty que Don não podia entender. Se ela realmente gostava dele, ele não compreendia por que ela desejava sair com outros rapazes. E uma vez ou duas tiveram uma briga séria por causa disso.

— Mas Don não é um homem calmo, ponderado?

— Acontece com ele o mesmo que com todas as pessoas tranquilas, sossegadas. Quando perdem a paciência, pensam até em vingança. Don mostrou-se tão violento que Betty ficou assustada.

— Quando foi isso?

— Bem, essa briga aconteceu há cerca de um ano e a outra, pior ainda, foi há um mês, mais ou menos. Eu vinha para cá num fim de semana, e tentei ajeitar

as coisas de novo entre eles. Foi quando procurei despertar o bom senso de Betty... e lhe disse que ela agia como uma garota tola.

Tudo o que ela me respondeu então foi que não havia nada de mau naquilo. Bem, isso não deixava de ser verdade, mas de qualquer modo ela estava cavando sua infelicidade. O senhor sabe, ela adquirira o hábito, após a briga de um ano atrás, de inventar algumas mentirinhas convenientes apoiando-se no ditado: "O que os olhos não veem o coração não lente". A última desavença aconteceu porque ela dissera a Don que iria a Hastings ver uma amiguinha. Mas ele veio a saber que ela realmente estivera em Eastbourne, com um certo homem. Ele era casado, como se soube depois, e mantivera segredo disso, o que tornou as coisas piores ainda. Don e minha irmã fizeram uma cena terrível e Betty disse que ainda não estava casada com ele e que, portanto, tinha o direito de sair com quem lhe agradasse, e Don, muito pálido, trêmulo de raiva, afirmou que qualquer dia...

— Sim?

— Ele disse que cometeria um crime... — acabou concluindo Megan, em tom mais baixo.

Ficou parada fitando Poirot, que moveu a cabeça com ar sério.

— E assim, naturalmente, você ficou receosa...

— Nem por um instante pensei que ele chegasse a cumprir sua ameaça! Estava com receio era de que aquilo tudo, a briga e as palavras ditas por Don, viessem a ser do Conhecimento de outras pessoas.

Novamente Poirot moveu a cabeça, com ar grave.

— Certo. E posso dizer, *mademoiselle,* que, não fosse pela vaidade egoística de um assassino, seria isso o que teria acontecido. Se Donald Fraser não se tornou suspeito, ele o deve à jactância doentia do Sr. ABC.

Fez-se curto silêncio, e então ele disse:

— Sabe se sua irmã se encontrou realmente com esse homem casado, ou algum outro rapaz, ultimamente?

— Não sei. Trabalho em Londres, o senhor sabe.

— Mas qual a sua opinião?

— Ela não deve ter tido um novo encontro com aquele homem. Ele, com certeza, pulou fora ao perceber que havia possibilidade de um escândalo, mas não me surpreenderia se Betty tivesse... bem, contado de novo a Don algumas mentiras. Você sabe, ela gostava de dançar e ir ao cinema, e, naturalmente, Don não podia estar saindo com minha irmã com frequência.

— Assim, pode ser que ela tenha feito confidências a alguém, não? À coleguinha da lanchonete, por exemplo.

— Penso que não. Betty não suportava a tal Higley. Ela a achava muito vulgar. E as outras deviam ser novas ali. Betty não iria confidenciar-lhes nada.

A campainha da porta soou de modo estridente. Megan chegou à janela e debruçou-se no peitoril. Voltou a cabeça então, rapidamente.

— É Don...

— Traga-o para cá — disse Poirot, com presteza. — Gostaria de conversar um pouco com ele antes que o nosso bom inspetor o monopolize.

Megan saiu como um foguete da cozinha, e dois segundos depois já estava de volta, trazendo Donald Fraser pela mão.

Capítulo 12



Donald Fraser

Assim que vi aquele moço entrar, senti pena dele. Seu rosto pálido e a expressão conturbada mostravam como fora profundo o golpe que sofrera.

Era um rapaz de boa constituição, ar inteligente e educado, de um metro e oitenta talvez, não exatamente bonito, mas com um rosto agradável, meio sardento, pômulos salientes e uma brilhante cabeleira ruiva.

— O que é isso, Megan?! — exclamou ele. — Por que estamos aqui? Por Deus, conte-me tudo o que houve... Só há pouco eu soube que... Betty...

Sua voz sumiu. Poirot puxou uma cadeira para a frente e o convidou a sentar-se.

Então meu amigo tirou do bolso um pequeno frasco, despejou um pouco de seu conteúdo num copo convenientemente colocado no aparador da cozinha e disse:

— Beba isto, Sr. Fraser. Vai fazer-lhe bem.

O rapaz obedeceu. O conhaque diminuiu a sua palidez, reconfortando-o um pouco. Aprumou-se na cadeira e voltou-se uma vez mais para a jovem. Suas maneiras agora eram sóbrias, e ele demonstrava autocontrole.

— Então é verdade? — disse ele. — Betty morreu... assassinada?

— Sim, é verdade, Don.

Ele disse como se raciocinasse mecanicamente:

— Você acaba de chegar de Londres?

— Sim. Papai me telefonou.

— Por volta de nove e meia, não foi? — observou Donald Fraser.

Sua mente, desafiada pela realidade chocante, buscava uma válvula de escape ao referir-se a detalhes sem importância.

— Sim — respondeu Megan.

Fez-se curto silêncio, e então Fraser perguntou:

— E a polícia? Eles estão fazendo alguma coisa?

— Estão lá em cima, agora. Dando uma espiada nos objetos pessoais de Betty, acho eu.

— E não têm nenhuma ideia de quem... ? Não sabem...

Notava-se logo que Donald tinha um temperamento sensível, experimentando certo pudor e dificuldade em transpor para as palavras a realidade de fatos violentos e chocantes.

Poirot acercou-se mais um pouco do rapaz para lhe fazer uma pergunta. Sua voz adquiriu um tom prosaico, informal, como se a indagação se referisse a um detalhe sem maior importância.

— A Srta. Barnard lhe disse aonde pretendia ir na noite passada?

Ao responder, Fraser pareceu fazê-lo mecanicamente:

— Ela me contou que ia a St. Leonards com uma amiga.

— E você acreditou nela?

— Eu... — De repente o "autômato" ganhou vida própria. — O que está querendo dizer com isso?

Seu rosto, transtornado por súbita cólera, e sua expressão ameaçadora fizeram-me compreender que a jovem Betty deve ter ficado com medo de despertar sua raiva.

Poirot disse secamente:

— Betty Barnard foi morta por um assassino calculista. Somente dizendo a estrita verdade você poderá ajudar-nos a obter uma pista.

O rapaz dirigiu um breve olhar a Megan, como se a consultasse.

— Ele tem razão, Don — disse ela. — Não é hora de se preocupar com seus sentimentos pessoais ou os de mais alguém. Deve ser objetivo.

Donald Fraser olhou para Poirot com desconfiança.

— Quem é o senhor? É da polícia?

— Sou algo melhor do que a polícia — respondeu Poirot. Mas disse tal coisa sem arrogância deliberada. Para ele, tratava-se da simples enunciação de um fato.

— Conte para ele — disse Megan. Donald Fraser cedeu.

— Não tenho certeza — disse por fim. — Acreditei nela quando me falou. Nunca pensei que não fosse fazer o que me dissera. Mais tarde... talvez, achei que havia algo diferente em seu modo de ser. Eu... bem, comecei a pensar.

— E então? ... — disse Poirot.

Poirot estava sentado de frente para Fraser. Seu olhar fixo no rosto do outro parecia exercer um efeito hipnótico.

— Senti vergonha de mim mesmo por me mostrar tão desconfiado. Mas... o fato é que *estava* desconfiado... Pensei em ficar em frente à lanchonete e vigiá-la quando ela terminasse seu trabalho. Cheguei a ir até lá. Então compreendi que não podia fazer tal coisa. Betty talvez me visse ali, e ficaria zangada. Veria de imediato que eu estava vigiando seus passos.

— E o que fez então?

— Fui a St. Leonards. Cheguei lá por volta das oito horas. Fiquei atento aos ônibus, para ver se ela estava em algum... Mas nem sinal dela...

— E aí?...

— E... perdi a cabeça. Convenci-me de que ela estava com algum homem. Pensei que ele talvez a tivesse levado de carro a Hastings. Estive por lá, entrei em hotéis e restaurantes, rondei os cinemas... estive também no cais. Tudo sem sucesso e às cegas. Mesmo que ela estivesse onde eu imaginava, seria problemático encontrá-la, e, além do mais, havia um bom número de outros lugares aonde o tal homem poderia tê-la levado sem ser Hastings.

Fez uma pausa. Embora tivesse se mostrado preciso até ali, apreendi uma nuança daquela mescla de desorientação, suspeita e angústia que dele se apossara naquela ocasião, em Hastings.

— Por fim, desisti da busca e... voltei.

— A que horas?

— Não sei dizer. Caminhei sem parar. Devo ter chegado em casa por volta da meia-noite.

— Então...

A porta da cozinha foi aberta nesse momento.

— Ah, estão aí — disse o inspetor Kelsey.

O inspetor Crome passou à frente do colega, dirigindo um olhar primeiro a Poirot e depois aos demais.

— Srta. Megan Barnard e Sr. Donald Fraser — disse Poirot, fazendo as apresentações. — Este é o inspetor Crome, de Londres — explicou meu amigo.

Voltando-se para Crome, disse:

— Enquanto você investigava aí em cima, estive conversando com a Srta. Barnard e o Sr. Fraser, para ver se podia apurar alguma coisa que viesse a esclarecer o caso.

— Ah, sim? — retrucou o inspetor Crome, com a atenção presa não em Poirot, mas nos dois jovens.

Poirot afastou-se rumo ao *hall*. O inspetor Kelsey lhe perguntou com amabilidade, mal ele saía da cozinha:

— Conseguiu alguma coisa?

Mas teve sua atenção despertada pelo colega e não aguardou uma resposta à sua pergunta. Reuni-me a Poirot no *hall*.

— Alguma coisa impressionou você? — indaguei.

— Apenas a surpreendente magnanimidade do assassino, Hastings.

Não tive coragem de retrucar que não fazia a mínima ideia do que ele quisera dizer.

Capítulo 13



Uma conferência

A maior parte de minhas lembranças relativas ao caso ABC parece se constituir de conferências. Na Scotland Yard. No apartamento de Poirot. Conferências oficiais. Conferências extra-oficiais.

A conferência a que me refiro agora objetivava decidir se os fatos relativos às cartas anônimas deveriam ou não ser divulgados através da imprensa.

O crime de Bexhill atraíra muito mais atenção do que o de Andover. Reunia, naturalmente, elementos de interesse popular muito mais sugestivos. Para começar, a vítima fora uma jovem de boa aparência. E a tragédia, além disso, ocorrera numa popular estação balneária.

Todos os detalhes que cercavam o crime foram fartamente noticiados, com versões retocadas e chamativas. O guia de trens ABC contribuiu para uma parcela dessa atenção. A teoria favorita era a de que fora adquirido no local pelo assassino e se transformara numa pista valiosa para a sua identificação. E também parecia indicar que ele viera a Bexhill de trem e pretendera seguir para Londres.

O guia de trens não figurara no reduzido noticiário acerca do assassinato de Andover; assim, os dois crimes não pareciam correlacionados aos olhos da opinião pública.

— Temos que decidir sobre a política a adotar — disse o delegado auxiliar. — A coisa está no seguinte pé: que orientação nos trará melhores resultados? Devemos apresentar ao público os fatos, solicitar sua cooperação? Afinal de contas, serão milhões de pessoas a colaborar conosco, em busca de um maníaco...

— Ele não deve proceder como um louco — objetou o Dr. Thompson.

— ...Tomarão nota das vendas do ABC, e coisas desse tipo — prosseguiu o delegado auxiliar, sem atentar para a objeção do médico. — Contra isso,

suponho haver a vantagem de agir no escuro, não deixando nosso homem saber o que pretendemos fazer, mas aí ocorre o fato de que *ele sabe muito bem o que nós sabemos*. Chamou deliberadamente a atenção sobre si mesmo através dessas cartas. Bem, Cromer, qual a sua opinião?

— Encaro a coisa da seguinte maneira, senhor. Se tornar público esse assunto, o *senhor estará jazendo o jogo de ABC*. Eis o que ele deseja: publicidade, notoriedade. É o que está procurando. Não acha que tenho razão, doutor? Ele quer fazer sensação.

Thompson assentiu com a cabeça.

O delegado auxiliar disse pensativamente:

— Assim você só conseguirá frustrá-lo. Recusando-lhe a publicidade que deseja, fará com que ele anseie ainda mais por ela. Que tem a dizer sobre isso, Sr. Poirot?

Poirot demorou um pouco a responder. Então disse, com o ar de quem escolhe as palavras com cuidado:

— É difícil para mim, Sir Lionel. Sou, como se poderia dizer, parte interessada nesse caso. O desafio foi dirigido a mim. Se eu declarar: não torne público esse fato, não seria lícito pensar que é a minha vaidade que se manifesta? Estaria zelando pela minha reputação? Como vê, é difícil responder. Para ser franco, contar tudo tem suas vantagens. É, pelo menos, um alerta... Por outro lado, estou convencido, como o inspetor Crome, de que *é isso mesmo o que o assassino deseja que façamos*.

— Hum! — exclamou Sir Lionel, coçando o queixo. Voltou o olhar então para o Dr. Thompson. — Vamos supor que recusemos ao nosso lunático a chance de uma publicidade que tanto almeja. O que ele faria nesse caso?

— Cometeria outro crime — retrucou o psiquiatra, prontamente. — Seria como forçá-lo a agir.

— E se divulgássemos a coisa toda através das manchetes dos jornais? Qual seria, então, a reação desse indivíduo?

— Minha resposta é a mesma. Por um lado, *alimentaríamos* sua megalomania; por outro, nós o *frustraríamos*. O resultado é o mesmo: outro assassinato.

— O que tem a dizer, Sr. Poirot?

— Concordo com o Dr. Thompson.

— Uma espécie de beco sem saída, hem? Quantos crimes pensa que esse lunático ainda tem em mente?

O Dr. Thompson olhou de relance para Poirot.

— Parece que irá de A a Z — disse com humor.

— Naturalmente é isso o que ele pretende, mas não o conseguirá. Nem ficará próximo de seu objetivo. O senhor o terá apanhado antes disso. Interessante seria ver como ele se arranjaria com a vítima da letra X. — Ele se sentia pessoalmente culpado por tratar a questão de maneira especulativa, na base do entretenimento. — Mas o senhor o terá em suas mãos antes que tal aconteça. Talvez ele pare na letra G ou H.

Sir Lionel deu um soco na mesa, exclamando:

— Meu Deus, está querendo me dizer que ainda haverá outros cinco assassinatos?!

— Eu não chegaria a tanto, senhor — disse o inspetor Crome. — Confie em mim.

Crome se expressava com autoconfiança.

— E que letra do alfabeto indicaria como ponto final dessa série de crimes, inspetor? — indagou Poirot.

Havia um leve toque de ironia na voz de meu amigo. Acho que Crome o olhou com um ar contrariado que perturbava sua expressão habitual de serena superioridade.

— Devemos apanhá-lo da próxima vez, Sr. Poirot. Seja como for, asseguro que porei as mãos nele na hora em que chegar ao F.

Voltou-se então para Sir Lionel, observando:

— Penso que definimos de modo bem claro a psicologia desse caso. Que o Dr. Thompson me corrija se eu estiver errado. Acho que cada vez que ABC leva a cabo um crime, sua autoconfiança aumenta numa proporção de cem por cento. A cada vez ele se sente compelido a dizer: "Sou esperto, eles não conseguirão me apanhar!", mas aí sua extrema autoconfiança o leva também a descuidar-se. Superestima a sua esperteza e passa a julgar os outros cada vez mais tolos. E logo, logo passará a não se incomodar em tomar quaisquer precauções. Estou certo, doutor?

Thompson assentiu.

— É o que comumente acontece. A questão não poderia ter sido mais bem exposta numa terminologia leiga. Deve conhecer algo sobre o assunto, sr. Poirot. Não está de acordo com o que foi dito aqui?

Não creio que Crome tivesse gostado que Thompson consultasse Poirot. Afinal, ele se considerava o único perito no assunto.

— É como o inspetor Crome disse — concordou Poirot.

— Um caso de paranoia — murmurou o doutor. Poirot voltou-se para Crome, perguntando:

— Há algumas provas materiais de interesse relativas ao caso de Bexhill?

— Nada de conclusivo. Um garçom do Splendide de Eastbourne reconheceu, pela foto de Betty Barnard, a moça que jantou ali no dia 24, em companhia de um homem de meia idade, de óculos. Ela também foi reconhecida num motel, o Scarlet Runner, a meio caminho entre Bexhill e Londres. Dizem que ela esteve ali por volta das nove da noite do dia 24, com um homem que parecia ser um oficial da marinha. Temos que encarar como prováveis apenas tais testemunhos. Há, naturalmente, um bom número de outras identificações, mas nenhuma que nos mereça confiança. Não fomos capazes de descobrir a pista de ABC.

— Bem, você parece ter feito tudo o que era possível, Crome — disse o delegado. — Que tem a dizer agora, Sr. Poirot? Que linha de investigação lhe parece mais aconselhável?

— Parece-me que há um dado muito importante... a descoberta do motivo desses crimes.

— Isso é quase óbvio. Um complexo alfabético. Não é assim que o denomina, doutor?

— *Ça, oui* — disse Poirot. — Trata-se de um complexo alfabético. Mas por que essa fixação? Um doente mental parece ter sempre uma razão bem forte para os crimes que comete.

— Ora, vamos, Sr. Poirot! — observou Crome. — Lembre-se de Stoneman, em 1929. Ele apenas acabou eliminando alguém que mal o incomodava.

Poirot o encarou, retrucando:

— Certo. Mas se você é uma pessoa bem-situada e importante, devem-lhe ser poupados certos pequenos incômodos. Se uma mosca insiste em pousar por diversas vezes em sua testa, acabando por irritá-lo, o que faz então? Obstina-se em matar a tal mosca. Não tem qualquer escrúpulo em fazer isso. *Você* é importante; a mosca, não. Portanto, você mata o inseto, e a fonte de irritação desaparece. Seu ato surge a seus olhos como normal e justificável. Uma outra razão para exterminar a mosca reside no seu acentuado amor pela higiene. A mosca, afinal, é um perigo em potencial para a comunidade; assim, deve desaparecer. O cérebro de um criminoso mentalmente desequilibrado funciona assim também. Mas observe o caso atual: *se as vítimas são escolhidas alfabeticamente, então elas não são eliminadas por significarem uma fonte de aborrecimento pessoal para o assassino.* Associar os dois fatores seria coincidência demais.

— Eis aí uma questão a considerar — disse o Dr. Thompson. — Lembro-me de certo caso em que um homem foi condenado à morte. Sua viúva passou então a dar cabo dos membros do júri, um a um. Esses crimes, de saída, não

foram conectados com o caso. Pareceram então inteiramente casuais. Mas, como diz o Sr. Poirot, não se dá tal coisa com um assassino que comete crimes *ao acaso.* Ou ele elimina pessoas que se colocam (embora de modo insignificante) em seu caminho, ou então as assassina por *convicção.* Elimina sacerdotes ou policiais, ou prostitutas, porque crê firmemente que *devem* ser eliminados. E, pelo que observo, isso não se aplica ao presente caso. A Sra. Ascher e Betty Barnard não podem ser enquadradas numa mesma classe de pessoas. Naturalmente, é possível que um complexo sexual intervenha nesses crimes. As duas vítimas eram mulheres. Bem, podemos ter uma ideia melhor do assunto após o próximo crime...

— Pelo amor de Deus, Thompson, não se refira com essa naturalidade ao próximo crime — disse Sir Lionel, irritado. — Faremos tudo para impedir outro assassinato.

O Dr. Thompson manteve a calma, respirando fundo. E sua atitude era a de quem estivesse querendo dizer: "Faça o que achar melhor. Se não deseja enfrentar os fatos..."

Sir Lionel voltou a se dirigir a Poirot.

— Percebo qual o rumo que está seguindo, mas ainda não vejo as coisas com clareza.

— Pergunto-me — disse Poirot — o que se passa exatamente na mente do assassino. Ele mata, como pode ser notado por suas cartas, *pour le sport,* para seu entretenimento pessoal. Será isso realmente verdadeiro? Caso o seja, apoiado em que princípio ele escolhe suas vítimas, *afora o simples sistema alfabético?* Se mata meramente para divertir-se, não deveria então notificar o fato, já que, de outro modo, ele poderia matar com impunidade. Mas não, como todos nós admitimos, ele deseja é chocar a opinião pública, afirmar sua personalidade. De que modo sua personalidade foi recalcada a ponto de alguém poder associá-la às duas vítimas por ele escolhidas? Uma última sugestão: será que seu motivo direto e pessoal é o ódio que dedica a *mim,* Hercule Poirot? Será que me desafia publicamente por eu o ter (embora sem saber) derrotado de algum modo no decorrer de minha carreira? Ou a sua animosidade impessoal *é* dirigida contra um *estrangeiro?* E, se for esse o caso, o que o levaria a nutrir tal animosidade? Que ofensa terá sofrido da parte de um estrangeiro?

— São observações muito sugestivas — disse o Dr. Thompson.

O inspetor pigarreou antes de comentar:

— Realmente? Talvez sejam um pouco inadequadas no momento.

— De modo algum, meu amigo — disse Poirot, olhando-o fixamente. — *É aí mesmo, nestas indagações, que se acha a solução.* Se descobrirmos o motivo exato (fantástico, talvez para nós, mas lógico para ele) pelo qual nosso

lunático comete esses crimes, poderemos saber, provavelmente, quem será a próxima vítima.

Crome balançou a cabeça e replicou:

— Ele as escolhe ao acaso, eis a minha opinião.

— O magnânimo assassino — disse Poirot.

— O que foi que disse?

— Eu disse: o magnânimo assassino! Franz Ascher poderia ter sido preso pelo assassinato de sua esposa, e Donald Fraser também, pela morte de Betty Barnard, não fosse pelas cartas de advertência de ABC. Será que ele é tão sensível a ponto de não poder admitir que outros sofram por algo que não cometeram?

— Não tenho conhecimento de que coisas estranhas assim aconteçam — observou o Dr. Thompson. — Conheci homens que mutilaram cerca de seis pessoas apenas porque uma de suas vítimas não morreu no ato e sofreu um bocado. Ainda assim, não acho que seja essa a motivação de nosso homem. Ele anseia assumir a plena autoria desses crimes para sua própria honra e glória. Essa é a explicação mais adequada.

— Não chegamos a nenhuma decisão quanto à divulgação ou não dos fatos — disse Sir Lionel.

— Se me permite uma sugestão... — disse Crome, — Por que não aguardar o recebimento da próxima carta? Aí divulgaríamos o assunto através de edições especiais, etc. Ocasionaria um certo pânico na cidade a ser escolhida para o novo crime, mas colocaria de sobreaviso todo aquele cujo sobrenome começasse por C, e mexeria com os brios de ABC. Ele fará tudo para se sobressair. E será aí que o apanharemos.

O futuro mostrará o quanto estávamos desavisados.

Capítulo 14



A terceira carta

Lembro-me bem da chegada da terceira carta de ABC.

Devo dizer que todas as precauções haviam sido tomadas para que, quando ABC retomasse sua ofensiva, não houvesse protelações nem contratempos. Um jovem sargento da Scotland Yard foi destacado para guardar o apartamento, e, caso Poirot e eu estivéssemos ausentes, era sua obrigação atender a quem aparecesse a fim de comunicar-se com o distrito policial sem demora.

À medida que os dias iam passando, nossa ansiedade aumentava. O ar distante e superior, típico do inspetor Crome, acentuara-se mais ainda desde que, uma a uma, as pistas em que confiava foram frustradas. As descrições imprecisas de homens que teriam sido vistos em companhia de Betty Barnard resultaram inúteis. Vários carros notados nos arredores de Bexhill e Cooden estavam estacionados ali por motivos justificados, ou então a polícia não conseguiu localizá-los. A investigação acerca de compras de exemplares do Guia ABC trouxe apenas contrariedades para pessoas inocentes.

Quanto a nós, cada vez que a voz familiar e as batidas do carteiro na porta se faziam ouvir, nossos corações batiam mais depressa, apreensivos. Pelo menos comigo tal acontecia, e, não tenho certeza, mas acho que Poirot experimentava a mesma sensação.

Eu sabia que ele se sentia profundamente desgostoso com aquele caso. Recusara afastar-se de Londres, preferindo permanecer no centro dos acontecimentos para qualquer emergência. Naqueles dias críticos, mesmo o cuidado com seus queridos bigodes era esquecido por ele.

Foi numa sexta-feira que a terceira carta de ABC chegou, trazida pelo carteiro por volta das dez horas.

Ao escutar os passos e as batidas familiares, rápidas, levantei-me depressa e fui apanhar a correspondência. Havia quatro ou cinco cartas, lembro-me agora.

A última que olhei fora endereçada em letras de fôrma.

— Poirot! — gritei. E minha voz sumiu.

— *Ela* chegou? Então trate de abri-la, Hastings. Rápido. Cada instante perdido é precioso demais. Temos que traçar nossos planos.

Rasguei o envelope (pela primeira vez, Poirot não fez reparos à minha negligência) e abri a folha escrita.

— Leia — disse Poirot. Li então em voz alta:

"Pobre Sr. Poirot. Não é tão bom para solucionar esses problemas criminais como imaginava, hem? Quem sabe seus tempos áureos já se foram?! Vejamos se desta vez consegue melhor resultado. O caso de agora é mais fácil. Dia 30, em Churston. Tente fazer alguma coisa a esse respeito! É muito enfadonho encontrar tudo fácil em meu caminho, o senhor sabe!

Boa caçada.

"Sempre seu, ABC".

— Churston — repeti, indo apanhar nosso exemplar do Guia ABC. — Vejamos onde fica...

— Hastings... — A voz de Poirot soou enérgica e veio interromper o que eu fazia. — Quando essa carta foi escrita? Está datada?

Relanceei o olhar pela carta ainda em minhas mãos.

— Foi escrita no dia 27 — anunciei.

— Será que ouvi bem, Hastings? E ele marcou a data do crime para o *dia 30?*

— Exato. Deixe-me ver isso...

— *Bon Dieu,* Hastings... você não percebeu ainda. *Dia 30 é hoje.*

Num gesto eloquente, apontou para a folhinha, na parede. Peguei o jornal do dia para confirmá-lo.

Poirot apanhou o envelope rasgado que caíra sobre o tapete. Minha mente captara alguma coisa de diferente no destinatário, mas, estando muito ansioso para saber o conteúdo da carta, eu não prestara a devida atenção a tal detalhe.

Naquela época Poirot estava morando em Whitehaven Mansions. No destinatário, lia-se: "Sr. Hercule Poirot, Whitehorse Mansions", e no canto do envelope estava anotado: "Não é conhecido em Whitehorse Mansions, E.C. 1, nem em Whitehorse Court, procurar em Whitehaven Mansions,"

— *Mon Dieu.* — exclamou Poirot. — Será que até o acaso está ajudando esse louco? *Vite, vite,* temos que alertar a Scotland Yard.

Um minuto depois já estávamos com o inspetor Crome na linha. Dessa vez, pelo menos, aquele policial tão controlado não respondeu: "Ah, sim?" Em

vez disso, uma imprecação surda escapou-lhe dos lábios. Escutou o que tínhamos a dizer, então desligou a fim de comunicar-se com Churston o mais rápido possível.

— *C'est trop tard* — murmurou Poirot.

— Você não pode ter tanta certeza — argumentei, embora sem muita convicção.

Poirot olhou o relógio, dizendo:

— Dez e vinte. Falta apenas uma hora e quarenta minutos. Será que ABC esperará tanto tempo assim?

Abri o guia de trens que apanhara havia pouco da estante e li:

— Churston, Devon, dista trezentos e trinta quilômetros de Paddington. Tem seiscentos e cinquenta e seis habitantes. Trata-se de um lugar bem pequeno. Certamente nosso homem deve ter sido notado ali.

— Ainda assim, outra vida humana será destruída — murmurou Poirot. — E que me diz dos trens? Penso que será mais rápido do que ir de carro.

— Há um trem à meia-noite, com carro-leito, para Negton Abbot, que chega lá às seis e oito da manhã, e depois, a Churston, às sete e quinze.

— Sai de Paddington?

— Sim.

— Vamos tomá-lo, então, Hastings.

— Dificilmente terá tempo de obter informações novas antes de partirmos.

— E que importância terá recebermos más notícias hoje ou amanhã de manhã?

— Há alguma diferença nisso.

Coloquei algumas coisas numa maleta enquanto Poirot telefonava novamente para a Scotland Yard.

Pouco depois, ele entrava no quarto e me perguntava:

— *Mais qu'est ce que vous faites là?*

— Estou arrumando a mala para você. Pensei em poupar tempo.

— *Vous éprouvez trop d'émotion,* Hastings. Isso afeta seus gestos e pensamentos. Isso é maneira de dobrar um casaco? E veja só o que fez com meu pijama. Se o frasco da loção capilar se quebrar, o que será então?

— Santo Deus, Poirot! — exclamei. — Estamos às voltas com um assunto de vida ou morte. Assim, que importa o que aconteça com as nossas roupas?

— Você não tem senso de medida, Hastings. Não podemos pegar um trem antes da hora em que ele sai realmente da estação, e o fato de estragar nossas roupas não ajuda nada a impedir um crime.

Tirando com firmeza a maleta das minhas mãos, ele mesmo concluiu a arrumação. Explicou-me que teríamos que levar a carta e o envelope para Paddington. Alguém da Scotland Yard iria encontrar-nos lá.

Quando chegamos à estação ferroviária, a primeira pessoa que vimos na plataforma foi o inspetor Crome.

Crome respondeu diante do olhar interrogativo de Poirot.

— Nenhuma novidade ainda. Todos os homens disponíveis estão efetuando buscas por lá. Todas as pessoas cujo nome comece por C estão sendo avisadas por telefone, na medida do possível. Há uma chance de acertarmos. Onde está a carta?

Poirot entregou-a ao inspetor, que a leu, resmungando baixinho.

— Que azar danado! A sorte parece estar a favor desse sujeito. — Ele se referia ao destinatário equivocado.

— Não dá para se pensar que isso tenha sido feito de propósito? — insinuei.

— Não. Ele tem suas normas, loucas, é certo, e se deixa guiar por elas. Um aviso cortês... Faz questão disso. Eis aí a prova de sua jactância. Imagino... tenho quase certeza de que esse sujeito prefere o uísque White Horse.

— *Ah, c'est ingénieux, ça!* — disse Poirot, em tom elogioso, a despeito de não se dar bem com o inspetor. — Enquanto ele escrevia a carta, tinha uma garrafa desse uísque à sua frente.

— É o que parece — disse Crome. — Todos nós, uma vez ou outra, fazemos a mesma coisa, de modo inconsciente, copiando algo que está diante de nossos olhos no momento. Ele fixou na mente a palavra *"horse",* escrevendo-a no envelope, ao invés de *"haven"...*

O inspetor viajaria no mesmo trem, em outro carro-leito.

— Ainda que por uma incrível sorte nada aconteça, Churston é o lugar mencionado pelo assassino. E ele ali está, ou esteve ainda hoje. Um de meus homens está aqui, atento a qualquer telefonema de última hora, e virá me notificar antes que o trem saia.

Justamente quando o trem ia deixar a estação, vimos um homem correr pela plataforma. Logo alcançava a janelinha na qual o inspetor assomara a cabeça e lhe comunicava algo.

Mal o trem se pôs em marcha, Poirot e eu atravessamos o corredor e fomos bater na porta do compartimento do inspetor Crome.

— Recebeu alguma informação importante, não? — perguntou Poirot.

Crome disse pausadamente:

— Acho que pior não podia ser. Sir Carmichael Clarke foi encontrado morto, com a cabeça esmagada.

Sir Carmichael Clarke era uma pessoa de alguma reputação, embora não fosse muito conhecido do grande público. Até certa época desfrutara de algum renome como especialista em laringologia. Ao aposentar-se, em boa situação financeira, pudera dedicar-se mais ao que era uma das grandes paixões da sua vida: a coleção de cerâmicas e porcelanas chinesas. Alguns anos depois, herdara uma substancial fortuna de um tio idoso e pudera ampliar bastante sua coleção, tornando-se detentor de uma das mais conhecidas e apreciadas coleções de arte chinesa. Casara-se, mas não tinha filhos, e residia numa casa que construíra para si mesmo, próxima da costa de Devon. Só vinha a Londres em raras ocasiões, quando alguma peça rara era leiloada na capital.

Era fácil deduzir que a sua morte, logo após a da jovem e bonita Betty Barnard, forneceria matéria de sensação aos melhores jornais por muito tempo. Afinal era agosto, e os jornalistas estavam ansiosos por um assunto momentoso, o que devia complicar ainda mais as coisas.

— *Eh bien* — disse Poirot. — É possível que a publicidade faça por esse caso o que a iniciativa privada não conseguiu fazer. O país todo deve estar agora a procura de ABC.

— Infelizmente é o que ele deseja — observei.

— Exato. Mas isso poderá ser, do mesmo modo, sua ruína. Encantado com o sucesso, ele pode tornar-se descuidado... É o que espero... que se embriague com sua própria esperteza.

— Como é estranho, esse caso, Poirot — observei, quando uma súbita ideia despontou em minha mente. — Sabe que se trata do primeiro crime desse tipo em que atuamos juntos? Todos os anteriores tinham sido, digamos assim, assassinatos privados.

— Tem toda a razão, meu amigo. Até então, nosso destino sempre foi lidar com crimes *interiores*. A história da vítima era o que importava. E as indagações importantes sempre foram: "Qual o beneficiado com a morte de determinada pessoa? Que oportunidades os familiares do morto tiveram para consumar o crime?" Tratava-se sempre de um *crime íntimo*. Agora, pela primeira vez desde que nos associamos, estamos lidando com um crime cometido a sangue-frio, impessoal. Crime *exteriorizado*.

Senti um leve estremecimento e murmurei:

— É deveras horrível...

— Sim. Desde o primeiro momento, quando li a carta inicial, senti que havia ali alguma coisa irregular... deformada... — Fez um gesto impaciente e acrescentou: — Mas não devemos nos deixar trair pelos nervos... *Esse não é pior do que nenhum crime comum...*

— Ele é... — não consegui encontrar a palavra certa.

— Será pior tirar a vida ou vidas de estranhos do que eliminar alguém muito íntimo e estimado por você... uma pessoa que confia e acredita em você?

— Acho que esse crime é pior por ser *anormal*...

— Não, Hastings. Não é *pior,* somente mais *difícil*.

— Não, não concordo com você. É infinitamente mais aterrorizante.

Hercule Poirot disse, com ar pensativo:

— Deveria ser mais fácil de deslindar por ser obra de um anormal. Um crime cometido por alguém lúcido e sadio deveria ser muito mais complicado. No presente caso, se pudéssemos apreender sua *essência*... Essa questão do alfabeto apresenta certas discrepâncias. Se eu soubesse a *ideia* que preside esses crimes, aí então tudo se tornaria claro e simples...

Meu amigo suspirou e balançou a cabeça.

— Esses crimes não prosseguirão. Logo, logo devo descobrir a verdade... Bem, Hastings, vamos dormir um pouco. Teremos muito que fazer amanhã.

Capítulo 15



Sir Carmichael Clarke

Churston, que se localiza entre Brixham, de um lado, e Paignton e Torquay, do outro, ocupa um trecho que fica a meio caminho da curva de Torbay. Até uns dez anos atrás, era simplesmente uma extensão de campos de golfe, e, atrás deles, uma área verdejante do campo ia dar no mar. Havia ali, então, apenas uma fazenda ou duas marcando a presença humana naquelas paragens. Mas nos últimos anos ocorrera um surto de construções entre Churston e Paignton, e a zona costeira estava agora ocupada por pequenas casas e bangalôs, novas estradas, etc.

Sir Carmichael Clarke adquirira um sítio de razoável extensão, de onde se tinha uma visão contínua do mar. A casa fora construída em estilo moderno: um retângulo branco que não desagradava a quem via. Afora as duas grandes galerias que abrigavam a coleção de arte chinesa, o resto da casa não era amplo.

Nossa chegada ali ocorreu por volta das oito da manhã. Um agente da polícia local nos recebera na estação e nos colocara a par da situação.

Segundo fomos informados, Sir Carmichael Clarke costumava dar um passeio toda noite, após o jantar. Quando a polícia telefonou — pouco após as onze da noite —, soube que o dono da casa não voltara. Já que seu passeio habitual sempre seguia o mesmo caminho, não levou tempo para que um investigador descobrisse o cadáver. A morte fora ocasionada por um violento golpe desferido com algum objeto pesado no crânio da vítima. *Um ABC aberto fora colocado, virado para baixo, sobre o cadáver.*

Apresentamo-nos em Combeside (assim era chamada a casa) por volta das oito horas. A porta foi aberta por um mordomo idoso, cujas mãos trêmulas e fisionomia conturbada demonstravam o quanto aquela morte trágica o afetara.

— Bom dia, Deveril — disse o policial.

— Bom dia, Sr. Wells.

— Estes senhores vieram de Londres, Deveril.

— Por aqui, cavalheiros... — E levou-nos a uma sala de jantar comprida, onde o desjejum ia ser servido. — Vou chamar o Sr. Franklin.

Dois minutos depois, um homem corpulento, com o rosto queimado de sol, entrou na sala. Era Franklin Clarke, único irmão do morto.

Tinha as maneiras desinibidas e corretas de um homem acostumado a enfrentar contratempos.

— Bom dia, senhores.

O inspetor Wells fez as apresentações.

— Este é o inspetor Crome, da CID; Sr. Hercule Poirot; e o... capitão Hayter.

— Hastings — retifiquei friamente.

Franklin Clarke apertou a mão de cada um de nós, e esse gesto se fez acompanhar de um olhar penetrante.

— Aceitem comer alguma coisa — ele disse. — Podemos tratar do assunto enquanto comemos.

Todos concordaram, e logo estávamos apreciando excelentes ovos, *bacon* e café.

— Agora vamos ao caso — disse Franklin Clarke. — O inspetor Wells já me deu uma breve ideia do que ocorre, embora eu deva dizer-lhe que essa história é uma das mais extravagantes que já ouvi. Devo acreditar realmente, inspetor Crome, que meu pobre irmão foi vítima de um maníaco homicida, que esse já é o terceiro assassinato cometido e que *em todos eles um Guia ABC foi colocado junto ao cadáver?*

— Foi o que ocorreu de fato, Sr. Clarke.

— Mas *por quê?* Que benefício material poderia advir de um crime assim, mesmo tratando-se da imaginação mais doentia?

Poirot assentiu com um gesto de cabeça.

— Foi direto ao âmago da questão, Sr. Franklin.

— Não é muito adequado procurar motivos nessa fase dos acontecimentos, Sr. Clarke — disse o inspetor Crome. — É assunto para um psiquiatra, embora eu confesse ter uma certa experiência de crimes cometidos por lunáticos e saiba que seus motivos são comumente descabidos. Há um evidente desejo de auto-afirmação dessas personalidades doentias, procurando chocar a opinião pública... na realidade tornar-se alguém ao invés de ser um anônimo.

— Concorda com isso, Sr. Poirot?

Clarke parecia não acreditar no que ouvira. O apelo feito ao mais velho do grupo ali presente não foi do agrado do inspetor Crome, que franziu a testa.

— Perfeitamente — replicou meu amigo.

— Seja como for, um homem desses não demorará a ser descoberto — disse Clarke, com ar pensativo.

— *Vous croyez?* Mas *ces gens là* são muito astutas! E deve saber que *um tipo assim exibe comumente os mesmos traços distintivos de outras pessoas*. Ele pertence a essa classe de criaturas que passam em branco, ignoradas, ou então são objeto de riso!

— Gostaria que me desse algumas informações concretas, Sr. Clarke — disse Crome, interrompendo a conversa.

— Pois não.

— Seu irmão estava bem-disposto e com a aparência normal ontem? Não recebeu nenhuma carta inesperada? ou nada que viesse a perturbá-lo?

— Não. Eu diria que estava com sua disposição de ânimo costumeira.

— Nem inquieto ou preocupado de algum modo?

— Desculpe inspetor. Eu não quis dizer isso. Estar agitado e preocupado era o estado normal de meu pobre irmão.

— Por que vivia assim?

— O senhor certamente ignora que minha cunhada, Lady Clarke, está muito doente. Para ser franco, ela sofre de uma forma de câncer incurável, e está com seus dias praticamente contados. Sua doença afligiu profundamente meu irmão. Vindo do leste não faz muito tempo, senti-me impressionado com a mudança que se operou em meu irmão.

Poirot interpôs outra indagação:

— Suponhamos, Sr. Clarke, que seu irmão tivesse sido encontrado morto aos pés dos rochedos... ou com um revólver a seu lado. Em que o senhor teria pensado de imediato?

— Para ser franco, eu concluiria que ele se suicidara — retrucou Clarke.

— *Encore!* — murmurou Poirot.

— Como?

— Estava pensando em voz alta. Nada importante.

— De qualquer modo, *não foi* suicídio — disse Crome, com certa rispidez. — Pelo que eu soube, Sr. Clarke, era costume de seu irmão dar um pequeno passeio todas as noites, não?

— Exato. Ele sempre fazia isso.

— Todas as noites?

— Bem, desde que não estivesse chovendo, naturalmente.

— E todos nesta casa sabiam desse hábito de Sir Carmichael?

— Naturalmente.

— E quanto aos de fora?

— Não percebo bem a quem o senhor se refere com essa expressão. O jardineiro, por exemplo, poderia estar a par desses giros, mas não posso afirmar.

— E no povoado?

— Para sermos precisos, não há o que se poderia chamar de povoado aqui. Há uma agência de correio e chalés em Churston Ferrers, mas nenhuma vila ou lojas.

— Suponho que a presença de um estranho rondando este lugar seria logo notada, não?

— Pelo contrário. No mês de agosto, este recanto do mundo fervilha de estranhos. Eles chegam todos os dias de Brixham, Torquay e Paignton de carro, ônibus ou a pé. Broadsands, que se pode avistar daqui — ele apontou pela janela —, é uma praia muito popular, assim como a enseada de Elbury, bem conhecida por sua beleza natural, e as pessoas vão fazer piqueniques ali. Bem que gostaria que não viessem! Não têm ideia de como é belo e calmo este lugar em junho e no início de julho.

— Então não acha que um estranho seria notado?

— Não, a menos que parecesse... bem, fora do normal.

— Nosso homem não deve se apresentar assim — disse Crome, com ar de quem tem plena certeza do que diz. — O senhor compreende aonde quero chegar. Esse indivíduo deve ter andado por aí observando e descobriu que Sir Carmichael costumava dar um passeio à noite. Imagino, assim, que um estranho talvez tivesse vindo a esta casa ontem para ver seu irmão, Sr. Clarke.

— Que eu saiba, não... mas podemos perguntar a Deveril.

Clarke tocou a sineta e, quando o mordomo apareceu, fez a pergunta.

— Não, senhor, ninguém veio falar com o patrão. E não vi nenhum estranho rondando a casa. Os criados também não viram, pois eu lhes perguntei.

O mordomo esperou um instante, então perguntou:

— É só, senhor?

— Sim, Deveril, pode ir.

O mordomo afastou-se, mas, ao chegar à porta da sala, recuou ligeiramente para dar passagem a uma moça.

Franklin Clarke levantou-se assim que a viu aproximar-se.

— É a Srta. Grey, senhores. A secretária de meu falecido irmão.

Minha atenção foi logo despertada pela extraordinária beleza nórdica da jovem. Ela tinha aquele tom indefinível, quase transparente, de cabelo, os olhos cinzentos e brilhantes, assim como a tez, de uma alvura luminosa, que se encontra entre as norueguesas e suecas. Teria uns vinte e sete anos e parecia ser tão eficiente quanto bonita.

— Posso ser-lhes útil de algum modo? — indagou ela ao sentar-se.

Clarke serviu-lhe uma xícara de café, mas ela recusou comer qualquer coisa.

— A senhorita cuidava da correspondência de Sir Carmichael? — indagou Crome.

— Sim.

— E ele nunca recebeu uma ou mais cartas assinadas ABC?

— ABC? — Fez uma negativa com a cabeça. — Não, estou certa que não.

— E não disse ter visto alguém a observá-lo durante seus passeios noturnos nos últimos dias?

— Não. Ele nunca mencionou nada assim.

— A senhorita não chegou a notar nenhum estranho pelas imediações desta casa?

— Que estivesse espreitando a casa, não. Naturalmente, há uma porção de gente *vagueando* por aí, digamos assim, nesta época do ano. Muitas vezes encontramos pessoas caminhando sem um objetivo definido pelos campos de golfe ou mais abaixo, em direção à praia. De certo modo, todas as pessoas que vemos nesta época de verão são praticamente estranhas aqui.

Poirot assentiu com a cabeça, pensativo. O inspetor Crome pediu que lhe indicassem o trecho percorrido por Sir Carmichael em seu passeio noturno.

Franklin Clarke mostrou o caminho através da porta envidraçada. A Srta. Grey acompanhou-nos.

Ela e eu caminhávamos um pouco atrás dos demais. Então observei:

— Deve ter sido um choque muito grande para a senhorita.

— Ainda custo a acreditar que tenha acontecido. Já subira para o meu quarto ontem à noite quando telefonaram da delegacia de polícia. Escutei vozes lá embaixo, e então resolvi descer para saber do que se tratava. Deveril e o Sr. Clarke estavam lá fora com lanternas.

— A que horas o Sr. Carmichael costumava voltar de seu passeio?

— Por volta das quinze para as dez. Ele costumava entrar sem bater por uma porta lateral e algumas vezes ia direto para a cama, ou então à galeria onde estão suas coleções. Eis por que, se a polícia não se comunicasse conosco, sua ausência não seria notada senão quando fossem despertá-lo esta manhã.

— Certamente foi um grande golpe para a esposa dele, não?

— Lady Clarke está sob a ação de morfina há algum tempo. Acho que se encontra num estado de atordoamento que não lhe permite perceber bem o que ocorre à sua volta.

Já cruzávamos o portão do jardim, seguindo na direção dos campos de golfe. Atravessando uma das extremidades daqueles terrenos, ultrapassamos depois uma cerca, encontrando-nos então numa vereda meio íngreme, sinuosa.

— Isto aqui leva, mais abaixo, à enseada de Elbury — explicou Clarke. — Mas há dois anos construíram uma nova estrada, que parte da via principal até Broadsands e daí a Elbury. Assim, este caminho agora ficou praticamente abandonado.

Descemos a vereda alcantilada. No final, seguia-se uma trilha, por entre sarças e fetos, que descia para o mar. De repente, vimo-nos num ressalto relvoso de onde se descortinava o mar e uma praia de pedras brancas, brilhantes. Em toda a volta viam-se árvores com ramagens verde-escuras que pareciam inclinar-se para o mar. Era um cenário encantador: branco, verde-intenso e azul-safira.

— Que beleza! — exclamei.

— Não é mesmo? Por que as pessoas viajam até a Riviera quando têm isto aqui? Já viajei muito pelo mundo em minha mocidade e, Deus é testemunha, nunca vi coisa tão bela.

Então, como que envergonhado por seu arrebatamento, Clarke disse, num tom mais formal:

— Esse era o trajeto habitual de meu irmão em seus giros noturnos. Ele vinha até aqui, então retornava à trilha e, dobrando à direita em vez de à esquerda, passava pela fazenda e dirigia-se para casa através dos campos de golfe.

Retomamos o caminho de volta até chegarmos perto de um trecho próximo à cerca viva, a meio caminho do campo onde o cadáver fora encontrado.

Crome fez um sinal com a cabeça, dizendo:

— Foi bastante fácil. Nosso homem ficou parado aqui na sombra. Seu irmão não deve ter percebido nada até receber o golpe na cabeça.

A jovem secretária, ao meu lado, sentiu um leve estremecimento.

Franklin Clarke disse então:

— Coragem, Thora. Sei que foi algo brutal, mas nada se ganha fugindo à realidade.

"Thora Grey..." O nome lhe assentava bem, pensei.

Chegamos de volta à casa, para onde o corpo de Sir Carmichael fora levado após ser fotografado.

Subíamos a escadaria que levava aos quartos quando o médico saiu de um deles, com uma maleta preta na mão.

— Alguma coisa para nós, doutor? — perguntou Clarke.

O médico balançou a cabeça.

— Um caso realmente simples. Detalhes técnicos, eu os reservo para o inquérito. Seja como for, ele não chegou a sofrer. A morte deve ter sido

instantânea.

Já se afastava quando disse:

— Devo ver agora Lady Clarke.

Uma enfermeira do hospital apareceu no corredor, e o médico foi a seu encontro.

Entramos no aposento do qual o médico saíra pouco antes. Mas eu me apressei em sair dali. Notara que Thora Grey ainda estava no alto da escadaria.

Ela tinha uma expressão meio assustada, e eu me acerquei, indagando:

— Srta. Grey... — fiz uma breve pausa antes de concluir: — Está assim por causa do que aconteceu?

Thora me fitou antes de responder:

— Estava pensando no D.

— No D? — Olhei para ela intrigado.

— Sim. O próximo crime. Algo deve ser feito. Isso tem que ser impedido.

Clarke saíra do quarto depois de mim e perguntou:

— O que deve ser impedido, Thora?

— Esses crimes horríveis.

— Ah, sim. — Ela contraiu os lábios num ricto agressivo. — Desejo ter uma conversa, qualquer dia desses, com o Sr. Poirot... Esse Crome é dos bons? — Lançava as palavras no ar de modo inesperado.

Retruquei que Crome era tido como um policial muito hábil.

Minha entonação de voz não soou com a veemência que se poderia esperar.

— Ele tem uns modos muito ostensivos — disse Clarke. — Tem um ar de quem sabe tudo... e o que *deve* saber afinal? Nada, como até agora pude observar.

Ficou em silêncio por um minuto ou dois e então disse:

— O Sr. Poirot, sim, é o homem que merece minha confiança. Tenho um plano. Mas conversaremos sobre isso mais tarde.

Clarke afastou-se, indo bater na mesma porta pela qual o médico entrara.

Hesitei um instante antes de retomar a conversa com Thora Grey. Ela estava parada, olhando para a porta em frente.

— Em que está pensando, Srta. Grey?

Ela se voltou para mim, retrucando:

— Estava imaginando *onde ele se encontra agora...* o assassino, quero dizer. Não faz nem doze horas que aquilo aconteceu. Ah, será que não há nenhum *verdadeiro* clarividente que possa saber onde ele está agora e o que se dispõe a fazer?

— A polícia está investigando... — comecei a dizer. Minhas palavras corriqueiras romperam o encantamento. E Thora Grey voltou à realidade.

— Sim — disse ela então. — É claro.

Desceu a escada devagar. Fiquei imóvel um instante, refletindo sobre o que ela dissera. ABC... *Onde estaria ele agora?* ...

Capítulo 16



(Não faz parte da narrativa pessoal do capitão Hastings)

O Sr. Alexander Bonaparte Cust saiu com outras pessoas que tinham ido ao Torquay Palladium, onde estava sendo exibido o emocionante filme *Not a sparrow...*

Piscou um pouco assim que seus olhos se reencontraram com a claridade forte do sol da tarde e olhou com atenção à sua volta, com aquele ar de cão perdido que lhe era peculiar.

Pensou então em voz alta: "Isso me dá uma ideia..."

Pequenos jornaleiros passavam, anunciando as últimas notícias:

— Crime de um maníaco em Churston...

Carregavam cartazes onde se lia:

ASSASSINATO DE CHURSTON. ULTIMAS NOTÍCIAS.

O Sr. Cust remexeu no bolso, tirou uma moeda e comprou um exemplar. Mas não o abriu logo.

Entrando no Princess Gardens, caminhou lentamente até um banco em frente ao ancoradouro de Torquay. Sentou-se então e abriu o jornal.

Percorreu com o olhar as manchetes:

SIR CARMICHAEL CLARKE ASSASSINADO. TERRÍVEL TRAGÉDIA EM CHURSTON. OBRA DE UM MANÍACO HOMICIDA.

E logo abaixo, lia-se:

"Há apenas um mês a Inglaterra se viu surpreendida e chocada pelo assassinato de uma jovem, Elizabeth Barnard, em Bexhill. Recorde-se que um guia de trens ABC figurou nesse caso. E outro exemplar do ABC foi encontrado

junto ao corpo de Sir Carmichael Clarke, o que leva a polícia a crer que os dois crimes foram cometidos pela mesma pessoa.

Será possível que um maníaco homicida esteja rondando os nossos balneários?..."

Um jovem de calças de flanela e camisa azul-brilhante sentou-se ao lado do Sr. Cust, comentando:

— Que coisa sórdida, hem?

O Sr. Cust, tirado de sua abstração, murmurou:

— Ah, sim... muito...

Suas mãos, como o rapaz pôde notar, tremiam tanto que ele mal conseguia manter o jornal na posição correta.

— Você nunca sabe quando está diante de um desses malucos — disse o moço da camisa azul, muito falante. — Nem sempre dão a pinta do que são. Muitas vezes parecem exatamente iguais a você ou a mim...

— Ê, acho que sim — disse Cust.

— E um fato, amigo. Muitas vezes é a guerra que os deixa desequilibrados, nunca voltam a ser o que eram.

— Eu... acho que tem razão.

— Nunca suportei as guerras — disse o jovem. Seu companheiro de banco fitou-o, retrucando:

— Também não suporto a peste, a encefalite, a fome e o câncer... mas o fato é que acontecem!

— A guerra pode ser evitada — disse o outro, com convicção.

O Sr. Cust riu demoradamente.

O rapaz olhou-o, meio suspicaz. E pensou: "Esse sujeito parece meio gira". Mas acabou dizendo:

— Sinto, senhor, já vi que esteve na guerra.

— Estive — disse Cust. — E ela... me perturbou. Desde então minha cabeça não anda muito bem. Ela doi, sabe? Dores terríveis.

— Ah, lamento muito — murmurou o rapaz, embaraçado.

— Certas vezes nem sei o que estou fazendo...

— É mesmo? Bem, tenho que ir — disse o jovem, e afastou-se apressadamente. Sabia como era maçante as pessoas começarem a falar de suas doenças.

O Sr. Cust continuou a ler e reler o jornal. Pessoas iam e vinham, passando por ele. Muitas falavam sobre o assassinato de Churston...

— Que coisa horrível... Acho que tem algo a ver com os chineses. A garota da outra vez não era garçonete de uma lanchonete chinesa? ...

— Na verdade, foi no campo de golfe...

— Ouvi dizer que foi na praia...

— ...e, querida, nós tomamos nosso chá em Elbury ainda *ontem*...

— ...a polícia está certa de agarrá-lo...

— ...dizem que será preso a qualquer momento...

— ...é quase certo que ele esteja em Torquay... que outra mulher venha a ser assassinada...

O Sr. Cust dobrou o jornal cuidadosamente e deixou-o sobre o banco. Então levantou-se e caminhou calmamente em direção ao centro da cidade.

Algumas mocinhas passaram por ele, garotas de branco, rosa e azul, de vestidos leves de verão, saídas de praia e bermudas. Riam com expressão maliciosa. Avaliavam com o olhar os homens que passavam pela calçada.

Nenhuma daquelas garotas olhou um segundo que fosse para o Sr. Cust.

Ele se sentou na mesinha de calçada de um bar e pediu chá e creme de Devonshire ao garçom...

Capítulo 17



Encontro marcado

Com o assassinato de Sir Carmichael Clarke, o mistério ABC alcançou grande destaque.

O assunto monopolizava o noticiário dos jornais. Todas as espécies de pistas eram apontadas como já tendo sido descobertas pela polícia. Prisões eram anunciadas para qualquer momento. Fotografias de pessoas ou lugares remotamente relacionados com o crime eram publicadas. Quem pudesse dar quaisquer informações era logo entrevistado. O assunto também era comentado no Parlamento.

O crime de Andover passara agora a ser relacionado com os outros dois.

A Scotland Yard acreditava que essa onda publicitária era a melhor arma para agarrar o assassino. A população da Grã-Bretanha transformava-se, assim, num exército de detetives amadores.

Os editores do *Daily Flicker* tiveram um rasgo de inspiração ao apelar para este alerta:

"Ele pode estar em sua cidade!"

Poirot, naturalmente, estava na ordem do dia. As cartas-desafio que recebera foram publicadas e fotografadas. Ele foi criticado indiscriminadamente por não ter evitado os crimes, e defendido sob a alegação de estar prestes a identificar o assassino.

Os repórteres o assediavam sem cessar para entrevistas.

Declarações de M. Poirot feitas hoje...

E a seguir vinha meia coluna de imbecilidades.

M. Poirot faz um sombrio balanço da situação.

M. Poirot às vésperas de solucionar o caso.

O capitão Hastings, grande amigo de M. Poirot, fala ao nosso enviado especial...

— Poirot! — exclamei, exasperado. — Por favor, acredite em mim. Eu nunca disse nada do que está escrito aí.

Meu amigo retrucou em tom cordial, acalmando-me:

— Eu sei, Hastings, eu sei. Há um abismo incrível entre a palavra falada e a escrita. Há uma maneira de alterar as frases que deforma completamente o significado original das palavras.

— Não gostaria que você pensasse que eu disse essas...

— Não deve se preocupar. Tudo isso não tem a mínima importância. E mesmo essas tolices devem ser de alguma ajuda.

— Como?

— *Eh bien* — disse Poirot, sério. — Se nosso homem ler minhas supostas declarações ao *Daily Flicker,* publicadas hoje, deve perder todo o receio por mim como adversário!

Estou, talvez, dando a impressão de que nada de positivo estava sendo feito no terreno das investigações. Pelo contrário, a Scotland Yard e a polícia local de várias comarcas mostravam-se infatigáveis ao seguirem as mínimas pistas.

Hotéis, pessoas que dirigiam pensões ou alugavam quartos, todos os que se incluíam num amplo raio de ação do possível criminoso eram interrogados exaustivamente.

Centenas de histórias, fruto da imaginação de pessoas que tinham "visto um homem de ar muito esquisito e revirando os olhos", ou "observado um indivíduo de um rosto sinistro movendo-se furtivamente", eram investigadas nos mínimos detalhes. Nenhuma informação, por mais vaga que fosse, era ignorada. Trens, ônibus, caminhões, motoristas, porteiros, chefes de estação ferroviária, donos de livrarias... tudo era motivo para uma infatigável série de perguntas e verificações.

Algumas pessoas, pelo menos, foram detidas e interrogadas até que pudessem convencer a polícia sobre o que haviam feito realmente na noite do crime.

O resultado dessas investigações não foi de todo inútil. Certas informações deram o que pensar e foram anotadas como possivelmente úteis, mas sem uma prova posterior não levavam a nada.

Se por um lado Crome e seus colegas se mostravam infatigáveis, por outro, Poirot me parecia estranhamente passivo. E sobre isso não deixávamos de discutir.

— Mas o que gostaria que eu fizesse, meu amigo? A polícia sabe, melhor do que eu, cuidar desses interrogatórios de rotina. Você... sempre querendo me ver farejando aqui e ali como um perdigueiro.

— E assim, você fica em casa sentado como... como...

— Um homem sensato! Minha força, Hastings, está em meu *cérebro,* não em meus *pés!* Durante todo esse tempo em que você me imagina ocioso, estou refletindo.

— Refletindo? — exclamei. — E é hora para reflexões?

— Sim, um milhão de vezes sim.

— Mas que poderá ganhar por meio de meditação? Você conhece de cor e salteado os fatos relativos a esses três crimes.

— Não é sobre os fatos que estou refletindo, mas sobre a mentalidade do assassino.

— A mente de um louco!

— Precisamente. E, portanto, não pode ser apreendida num minuto. *Quando eu souber como o criminoso é, aí serei capaz de descobrir a sua identidade.* E nesse tempo todo venho aprendendo sempre um pouco mais. Por ocasião do crime de Andover, o que sabíamos do assassino? Praticamente nada. E após o crime de Bexhill? Um pouco mais. E mais ainda depois do crime de Churston. Começo a perceber não o que *você* gostaria que eu visse, isto é, o esboço de um *rosto e um corpo,* mas os traços de uma *personalidade.* Uma mente que age e se orienta em certas direções definidas. Após o próximo crime...

— Poirot!

— Mas, sim, Hastings, penso que é quase certa a ocorrência de um novo crime. Um bocado de coisas depende de *Ia chance.* Até agora, nosso *inconnu* tem sido feliz. Mas dessa vez a sorte pode abandoná-lo. Porém, de qualquer modo, após um outro crime já deveremos saber muito mais. O crime é terrivelmente revelador. Você pode testar e diversificar seus métodos como quiser, também seus gostos, hábitos, atitude intelectual, mas sua alma é revelada por suas ações. Existem indicações confusas, algumas vezes, tem-se a impressão de duas inteligências em ação, mas cedo o esboço se tornará claro, *eu sei.*

— Quem é ele?

— Não, Hastings, eu não posso saber seu nome e endereço! Eu posso, isto sim, saber *que tipo de homem ele é...*

— E então?

— *Et alors, je vais à la pêche.*

Como eu o olhasse meio intrigado, ele comentou:

— Como sabe, Hastings, um bom pescador sabe exatamente que tipo de isca deve oferecer a cada peixe. Devo escolher o tipo correto de isca.

— E então?

— E então? Você está pior do que o arrogante Crome, com seu eterno "Oh, sim?" *Eh bien,* e então nós devemos pegar a isca e o anzol e esticar a linha...

— Nesse meio tempo pessoas estarão morrendo aqui e ali.

— Três pessoas morreram. E o que representa isso quando cerca de cento e vinte perdem a vida em acidentes rodoviários?

— Isso é inteiramente diferente.

— Para quem morre nas estradas é praticamente a mesma coisa. Para os outros, parentes e amigos, aí sim, há uma diferença, mas algo pelo menos me alegra neste caso.

— Então ouçamos o que tem a me dizer de novo sobre a natureza da alegria.

— *Inutile* ser tão sarcástico. O que me alegra é o fato de não haver nenhuma sombra de culpa afligindo algum inocente.

— Não será isso pior?

— Não, mil vezes não! Não há nada tão terrível como viver num clima de suspeição, notar que o vigiam e perceber que o afeto dos outros se transforma em medo. Nada é tão desagradável como suspeitar dos que lhe são mais íntimos e mais afeiçoados... É como um veneno, um miasma. Não, pelo menos esse envenenamento da vida de um inocente, nós não encontramos no caso ABC.

— Logo você estará desculpando esse homem! — observei mordazmente.

— Por que não? Ele pode se acreditar inteiramente justificado. E nós, também, poderemos terminar simpatizando com seu ponto de vista.

— Essa é demais, Poirot!

— Ah! Eu escandalizei você. Primeiro com a minha passividade... e agora com minhas opiniões.

Movi a cabeça sem replicar.

— Para mim tanto faz — disse Poirot após breve pausa. — Tenho um plano que deve agradar a você, já que é ativo e não contemplativo. Também deve incluir um bocado de conversa e praticamente nenhuma reflexão.

Não gostei muito de seu tom de voz e indaguei, cauteloso:

— E qual é esse plano?

— Extrair dos amigos, parentes e criados das vítimas tudo o que saibam.

— Suspeita então que estejam ocultando os fatos?

— Não de modo intencional. Mas contar alguma coisa que se conhece sempre implica uma *seleção.* Se eu lhe disser, conte-me o que fez ontem, você talvez responda assim: "Eu me levantei às nove, fiz o desjejum meia hora depois, constante de ovos com presunto e café, fui ao clube, etc." E talvez não inclua outros detalhes, como: "Quebrei uma unha e tive que apará-la. Pedi água morna para me barbear. Derramei um pouco de café sobre a toalha da

mesa, ou escovei meu chapéu antes de colocá-lo na cabeça". Não se pode numerar *tudo.* Portanto faz-se uma *seleção.* Por ocasião de um crime, as pessoas escolhem aquelas informações que *elas* pensam ser importantes. Mas com muita frequência se enganam.

— E como se faz para obter as informações certas?

— Simplesmente, como disse há pouco, por meio de uma conversa. Falando! Ao se comentar um certo incidente, ou discutir sobre certa pessoa ou determinado dia, com insistência, detalhes extras acabam por surgir.

— Que tipo de detalhes?

— Naturalmente, aquilo que ainda não se conhecia, ou não se esperava descobrir. Mas muito tempo já se passou até agora para que as coisas comuns reassumam seu valor. É um desafio a todas as leis matemáticas que em três casos de assassinato não haja nenhum simples fato ou declaração que traga alguma luz sobre o assunto. Algum incidente trivial, alguma observação corriqueira que *possa* servir como indicador! É como procurar uma agulha num palheiro, claro... *mas que no palheiro hã uma agulha,* disso estou convencido !

A questão me parecia muito vaga e confusa.

— Você não percebeu ainda? Então sua intuição não é tão viva como a de uma simples e jovem camareira...

E Poirot me entregou uma carta. Estava escrita com clareza, com uma letra inclinada de colegial:

"Caro senhor: Espero que me perdoe por tomar a liberdade de lhe escrever esta. Estive pensando um bocado desde que aconteceram esses dois terríveis crimes, como o ocorrido com minha pobre tia. Parece que estamos todos no mesmo barco devido ao que aconteceu. Vi nos jornais o retrato daquela moça, a que é, eu penso, irmã da jovem assassinada em Bexhill. Me atrevi então a escrever para ela e lhe contar que viria para Londres a fim de arrumar emprego. Perguntei se poderia me encontrar com ela ou sua mãe, pois, como escrevi na carta, duas cabeças pensam melhor que uma só, e não desejo recompensas, somente descobrir quem é essa criatura diabólica. E talvez chegássemos a um melhor resultado se pudéssemos dizer uma à outra o que sabemos sobre o assunto.

A jovem senhorita me respondeu muito gentilmente que levava uma vida muito ocupada trabalhando num escritório e morando numa pensão de estudantes, mas sugeriu que eu escrevesse para o senhor. Disse também que estava pensando no mesmo que eu. Que nós tínhamos a mesma preocupação e devíamos permanecer em contato. Assim, estou escrevendo agora para o senhor, para dizer-lhe que vim para Londres e lhe dar meu endereço.

Esperando que não tenha vindo incomodá-lo com esta carta, respeitosamente,

Mary Drower."

— Mary Drower é uma garota muito inteligente — disse Poirot. E então tirou do bolso outra carta.

— Leia isto — disse.

Eram umas breves linhas de Franklin Clarke, explicando que viera a Londres e desejava conversar com Poirot no dia seguinte, caso fosse possível.

— Portanto, não se desespere, *mon ami*. A ação vai começar — disse Poirot.

Capítulo 18



Poirot faz um discurso

Franklin Clarke chegou às três da tarde seguinte e logo que entrou foi direto ao assunto, sem mais rodeios.

— M. Poirot, eu não estou satisfeito.

— Não, Sr. Clarke?

— Não duvido que Crome seja um policial muito eficiente, mas, francamente, ele me irrita. Aquela sua pose de quem sabe tudo melhor que os outros! Eu disse algo sobre um plano que tinha em mente a esse seu amigo quando os senhores estiveram em Churston, mas tive que pôr em ordem os negócios de meu falecido irmão e só agora vim a dispor de algum tempo. A minha opinião, M. Poirot, é que não devemos ficar de braços cruzados deixando o tempo passar...

— Justamente o que Hastings dizia há pouco!

— ...mas ir em frente com a questão. Devemos estar prevenidos para o próximo crime.

— Então acha que haverá um novo crime?

— Não pensa assim?

— Certamente.

— Muito bem, então. Espero ver tudo organizado.

— Pode me dizer com exatidão qual o seu plano?

— Proponho, Sr. Poirot, uma espécie de grupo especial, que aja sob suas ordens e seja composto de amigos e parentes das pessoas assassinadas.

— *Une bonne idée.*

— Fico contente que a aprove. Associando nossos cérebros, sinto que conseguiremos algo. E também, quando o próximo aviso chegar, estando de olhos bem abertos, um de nós talvez possa conhecer alguma pessoa que tenha estado próximo da cena de um dos crimes precedentes.

— Percebo o alcance de sua ideia, e a aprovo, mas deve se lembrar, Sr. Clarke, de que os parentes e amigos das outras vítimas não pertencem ao seu

meio social. São todos empregados e, embora gozem de umas curtas férias... Franklin Clarke atalhou:

— Bem observado. Sou a única pessoa em condições ideais de disponibilidade para tal tarefa. Não que pessoalmente eu seja muito abastado, mas meu irmão era rico e, com sua morte, naturalmente herdarei seus bens. Assim, proponho organizar o que chamaria de uma legião especial. Seus membros receberiam por seus serviços o mesmo valor de seus salários habituais, além, naturalmente, de uma quantia para gastos adicionais.

— E quem, a seu ver, deve formar essa legião?

— Estive pensando nisso. Para começar, escrevi à Srta. Megan Barnard. Na verdade, a ideia em parte é dela. Sugiro, além de mim, a Srta. Barnard, o Sr. Donald Fraser, que era noivo da mocinha assassinada... Há ainda uma sobrinha da velha senhora de Andover, cujo endereço a Srta. Barnard sabe. Não acho que o marido da tal senhora de Andover nos sirva, soube que vive embriagado. Pensei também nos pais de Betty Barnard, mas são bastante idosos para o serviço ativo.

— Alguém mais?

— Bem... há a Srta. Grey.

Clarke enrubesceu ligeiramente, ao pronunciar o nome da moça.

— Ah, a Srta. Grey... ?

Ninguém melhor do que Poirot conseguiria sugerir uma ponta de ironia em tão poucas palavras. Franklin Clarke parecia ter agora trinta anos a menos. Sua expressão era a de um estudante encabulado.

— Sim. O senhor sabe, a Srta. Grey trabalhou para meu irmão nesses dois últimos anos. Ela conhece bem a região, as pessoas das redondezas, e tudo o mais. Estive ausente por um ano e meio.

Poirot compreendeu o embaraço do outro e mudou de assunto.

— Esteve no Oriente, não? Na China?

— Sim. Estava, por assim dizer, incumbido de comprar objetos raros para meu irmão.

— Deve ter sido uma atividade muito interessante. *Eh bien,* Sr. Clarke, aprovo com louvor sua ideia. Estive dizendo a Hastings, ainda ontem, que era necessário um *rapprochement* das pessoas relacionadas com o caso. É preciso reunir e explorar lembranças, comparar observações e dados... *enfin,* conversar sobre coisas passadas, falar, falar e tornar a falar dessas coisas. De uma simples e inocente frase pode brotar um esclarecimento.

Alguns dias depois, a Legião Especial reunia-se no apartamento de Poirot.

Assim que todos se sentaram, olhando com ar obediente para Poirot, que ocupava o seu lugar como o reitor de uma reunião do corpo docente, na

cabeceira da mesa eu os passei em revista, por assim dizer, confirmando ou retificando as primeiras impressões que deles tivera.

As três moças eram todas de chamar a atenção: a extraordinária beleza nórdica de Thora Grey; a intensidade do olhar da morena Megan Barnard, com a estranha imobilidade de seu rosto, típica de um pele-vermelha; Mary Drower, vestida de maneira simples mas correta, de casaquinho preto e blusa escura, com seu rosto bonito e inteligente. Os dois homens, Franklin Clarke, cheio de corpo, bronzeado e falante, e Donald Fraser, retraído e quieto, contrastavam entre si de modo bem interessante.

Incapaz de resistir, naturalmente, ao apelo da ocasião, Poirot fez um pequeno discurso:

— Minhas senhoras e meus senhores, sabem por que estamos aqui reunidos. A polícia está fazendo o máximo que pode para encontrar a pista do criminoso. Eu também faço o mesmo, à minha maneira. Mas me parece que a reunião dos que têm um interesse pessoal no assunto, e também, devo dizer, um conhecimento pessoal das vítimas, poderá chegar a resultados que uma investigação feita por estranhos não conseguiria alcançar.

"Já tivemos três assassinatos: o de uma velha senhora, o de uma jovem e o de um homem já idoso. Somente uma coisa mantém um elo entre essas três criaturas: *o fato de que foram mortas por uma mesma pessoa.* Isso quer dizer que *a mesma pessoa esteve presente em três localidades diferentes* e foi vista necessariamente por muita gente. Não é preciso dizer que se trata de um maníaco em estágio muito avançado de insanidade. Também é igualmente certo que sua aparência e seu comportamento não demonstram tal fato. Essa pessoa (e, embora eu me refira a um indivíduo, lembrem-se de que pode ser homem ou mulher) tem todas as diabólicas artimanhas dos loucos. Conseguiu encobrir até agora todos os vestígios de sua passagem. A polícia tem certas pistas vagas, mas nada em que se basear para agir com eficiência.

"No entanto, deve haver certos indícios que não sejam vagos, mas exatos. Para exemplificar: esse assassino não chegou simplesmente a Bexhill à meia-noite e encontrou por acaso na praia uma jovem cujo nome começava por B..."

— Será necessário entrarmos em detalhes?

A voz de Donald Fraser tinha uma entonação angustiada. A lembrança da noiva assassinada o levara àquele aparte.

— É preciso ir ao fundo de tudo, *monsieur* — retrucou Poirot, voltando-se para o rapaz. — Está aqui, agora, não para resguardar seus sentimentos recusando-se a pensar em certos detalhes, mas para ir *au fond* da questão, mesmo que isso o aflija profundamente. Como eu dizia, não foi a *chance* que propiciou a ABC uma vítima ocasional na pessoa de Betty Barnard. Deve ter

havido uma deliberada escolha de sua parte, e, por conseguinte, premeditação. Isso quer dizer que ele deve ter reconhecido *de antemão* o terreno. Sobre certos dados, ele já se informara: a melhor hora para cometer o crime em Andover, a *mise en scène* em Bexhill, os hábitos de Sir Carmichael Clarke, em Churston. Pessoalmente, recuso-me a admitir que *não* haja alguma pista, nem o mínimo indício, que possa nos ajudar a determinar sua identidade.

"Pressuponho que um de vocês, ou talvez *todos, saibam alguma coisa que pensam não saber.* Assim, mais cedo ou mais tarde, estando sempre em contato uns com os outros, algo deve vir à tona, adquirindo um significado até então não imaginado. É como um quebra-cabeça... cada um de vocês deve ter *um fragmento aparentemente sem sentido, que não encaixa, mas que, ao ser reunido a outros, mostrará uma parte definida da figura a ser armada."*

— Palavras, apenas! — disse Megan Barnard.

— Como? — Poirot olhou-a interrogativamente.

— Refiro-me ao que está dizendo. Um simples jogo de palavras. Não quer dizer nada.

Ela se expressava com aquela mesma espécie de veemência quase desesperada que eu já associara à sua personalidade.

— *Mademoiselle,* as palavras são somente a outra face das ideias.

— Bem, acho isso bastante razoável — disse Mary Drower. — Pense bem, senhorita. Muitas vezes, quando estamos falando sobre certas coisas é que parecemos ver com clareza o caminho a seguir. As ideias se aclaram algumas vezes sem que saibamos como isso aconteceu. Conversar nos leva a um bocado de coisas, de um modo ou de outro.

— Se "em boca fechada não entra mosca", é para conversar que estamos aqui — disse Franklin Clarke.

— Que tem a dizer, Sr. Fraser?

— Particularmente, tenho dúvidas sobre a aplicação, na prática, do que disse, Sr. Poirot.

— E que pensa disso, Thora? — perguntou Clarke.

— Acho que o hábito de falar sobre coisas passadas é sempre bom.

— Suponhamos — sugeriu Poirot — que vocês todos repassem suas próprias lembranças de horas antes do crime. Talvez possamos começar pelo Sr. Clarke.

— Vejamos, na manhã do dia em que Car foi morto, eu saíra de barco para pescar. Apanhei oito cavalas. Estava ótimo lá na baía. Fiz a primeira refeição do dia em casa. Cozido de carneiro com batatas e cebolas, lembro-me. Tirei um cochilo na rede. Tomei chá. Escrevi algumas cartas, selei-as e fui de carro a Paignton para colocá-las no correio. Voltei para almoçar e, não me envergonho

de dizê-lo, reli um livro de E. Nesbit que adorava quando garoto. Então o telefone tocou...

— Não prossiga. Reflita agora, Sr. Clarke, antes de me responder. Encontrou alguém em seu caminho para a praia pela manhã?

— Um bocado de gente.

— Pode se lembrar de alguma coisa sobre essas pessoas?

— Agora não me recordo de nada em especial.

— Tem certeza?

— Bem... vejamos... Lembro-me de uma mulher incrivelmente gorda... usava um vestido de seda listrado, e fiquei pensando por que aqueles dois garotões estavam com ela... dois rapazes com um *fox-terrier* na praia, jogando pedrinhas para ele apanhá-las... Ah, sim, havia uma garota com o cabelo cor de espiga de milho, rangendo os dentes enquanto se banhava... é divertido ver como as coisas vão voltando, como uma foto sendo revelada.

— Tem aí um bom assunto. Agora avancemos um pouco... o senhor está no jardim, dirige-se ao correio...

— O jardineiro regava as plantas... A caminho do correio, vi alguém descer a estrada de bicicleta... uma mulher imprudente, andando meio trôpega e gritando para um amigo. Acho que isso é tudo.

Poirot voltou-se para Thora Grey.

— E a senhorita?

Thora Grey respondeu com a sua voz clara, explícita:

— Cuidei da correspondência com Sir Carmichael pela manhã e falei com a governanta. Escrevi cartas e costurei um pouco, à tarde. Bem, é difícil lembrar. Foi um dia comum. Fui me deitar cedo.

Para minha surpresa, Poirot não lhe perguntou mais nada. Passou adiante.

— Srta. Barnard, pode se lembrar da última vez em que viu sua irmã?

— Talvez umas duas semanas antes de sua morte. Eu viera passar o fim de semana em casa. O tempo estava ótimo. Fomos a Hastings, tomar um banho de piscina.

— E sobre o que conversaram na maior parte do tempo?

— Expus a ela minha opinião sincera, dei-lhe conselhos — disse Megan.

— E que mais? Ela conversou sobre o quê?

A jovem franziu a testa, buscando recordar-se.

— Ela me disse que estava dura... tinha comprado dois vestidos de verão e um chapéu. E falou um pouco de Don... Também disse que não gostava de Milly Higley, aquela colega dela da lanchonete, e rimos ao falar da tal Merrion, que dirige o negócio... Não me lembro de nada mais...

— Sua irmã não mencionou nenhum homem (perdoe-me, Sr. Fraser) com quem pretendesse se encontrar?

— Ela não me diria — retrucou Megan, secamente. Poirot voltou-se para o rapaz de cabelo ruivo e queixo anguloso.

— Sr. Fraser, desejo que traga suas lembranças à tona. Segundo já me disse, foi à lanchonete naquela infeliz noite. Sua intenção inicial fora esperar ali perto e depois seguir os passos de Betty Barnard, quando ela largasse o serviço. Pode se lembrar de alguém em quem tenha reparado enquanto esperava ali?

— Um bom número de pessoas passavam pela calçada. Não posso me recordar de nenhuma.

— Desculpe, mas está tentando se lembrar? Por mais preocupada que a mente esteja, os olhos notam algo de modo mecânico, ininteligível, mas com precisão fotográfica...

O rapaz repetiu com obstinação:

— Não me lembro de ninguém.

Poirot suspirou e voltou sua atenção para Mary Drower.

— Suponho que recebesse cartas de sua tia.

— Sim, senhor.

— Quando recebeu a última?

Mary pensou um instante antes de responder:

— Dois dias antes do crime, senhor.

— E o que ela dizia nessa carta?

— Que o velho diabo andara por ali e que ela o botara para fora da casa com o rabo entre as pernas (desculpe a expressão, senhor), e que me esperava na quarta-feira (era meu dia de folga), e acrescentou que iríamos ao cinema. Era meu aniversário, senhor.

Algo, talvez a menção feita àquela modesta comemoração, trouxe repentinas lágrimas aos olhos de Mary. Ela conteve um soluço e então pediu desculpas por aquele instante de ternura.

— Desculpe-me, senhor. Eu não queria agir como uma tola. Não é bom chorar. Só que, ao pensar nela... e em mim... esperando cumprir o combinado... Isso me perturbou de certo modo, senhor.

— Sei exatamente como você se sente — disse Franklin Clarke. — São sempre essas pequenas coisas que nos comovem. Especialmente algo assim como um passeio ou um presente, tudo muito simples e natural. Recordo-me agora de ter visto certa vez uma mulher vítima de atropelamento. Ela acabara de comprar sapatos novos. Eu a vi caída na rua, e o embrulho aberto a seu lado com aquelas ridículas sandálias de salto alto assomando... e isso me impressionou. Pareciam tão patéticas...

Megan disse com uma súbita veemência:

— Isso é verdade... terrivelmente verdadeiro. A mesma coisa aconteceu depois que Betty... morreu. Mamãe tinha comprado algumas meias para lhe dar de presente, no dia exato em que ocorreu aquilo. Pobre mamãe, ela ficou arrasada. Eu a encontrei chorando e segurando as meias. Não parava de dizer: "Eu comprei essas meias para Betty... comprei para Betty... e ela nem pôde vê-las".

Sua voz tremeu um pouco. Ela se inclinou para a frente e olhou fixamente para Franklin Clarke. Um repentino elo de simpatia os uniu naquele momento, irmanados pelo mesmo problema.

— Eu sei — disse Clarke. — Sei muito bem o que é isso. Essas são justamente as coisas mais terríveis de relembrar.

Donald Fraser moveu-se na cadeira, pouco à vontade. Thora Grey procurou amenizar o ambiente, perguntando:

— Não estamos tratando de traçar algum plano... para o futuro?

— Naturalmente. — Franklin Clarke recuperou sua desenvoltura habitual. — Acho que quando for a hora, isto é, quando a quarta carta chegar, devemos unir nossas forças. Até lá, talvez cada um de nós deva tentar a sorte de maneira particular. Não sei se há algum ponto a partir do qual o Sr. Poirot pense em encaminhar a investigação.

— Posso fazer algumas sugestões — disse Poirot.

— Ótimo. Eu as anotarei. — E tirou do bolso um pequeno bloco. — Pode começar, M. Poirot. Sugestão A...

— Acho muito possível que a garçonete, Milly Higley, saiba de alguma coisa que nos seja útil.

— A: Milly Higley — disse Clarke, anotando no bloco.

— Sugiro duas maneiras de abordá-la. A Srta. Barnard poderá tentar o que chamarei de contato ofensivo.

— Devo imaginar que acha isso próprio de meu estilo? — indagou Megan, secamente.

— Provoque uma discussão com a jovem, diga que sabe que ela antipatizava com sua irmã, e que esta lhe confidenciou tudo sobre *sua* vida. Se não me engano, isso deverá provocar sua irritação. Ela lhe dirá então o que pensava realmente de sua irmã. E alguma informação útil poderá vir à tona.

— E o segundo método de aproximação?

— Posso sugerir, Sr. Fraser, que se mostre aparentemente interessado na garota?

— Isso é necessário?

— Não, não é necessário. Trata-se apenas de uma possível forma de sondagem.

— Posso dar minha colaboração? — perguntou Franklin. — Tenho... ou tive uma boa experiência no assunto, Sr. Poirot. Vejamos o que posso fazer junto a essa jovem.

— Você teve tempo e oportunidade para se dedicar a isso — observou Thora Grey, com evidente mordacidade.

O rosto de Clarke tornou-se um pouco pálido.

— Sim — disse então. — Tive.

— *Tout de même,* não acho que haja muito para você fazer ali no momento — disse Poirot. — Mlle Grey agora é a mais indicada...

— Mas, compreenda, Sr. Poirot, saí de Devon de vez.

— Ah? Não entendo.

— A Srta. Grey, muito gentilmente, resolveu ficar para me ajudar a pôr em ordem as coisas — disse Clarke. — Mas, naturalmente, ela prefere um emprego em Londres.

Poirot dirigiu a ambos um olhar penetrante. E perguntou:

— Como está a viúva de Sir Carmichael?

Pude notar certa palidez no sugestivo rosto de Thora Grey e o tom evasivo da resposta de Clarke.

— Nada bem. A propósito, Sr. Poirot, será que ao passar por Devon não poderia visitá-la? Ela expressou desejo de vê-lo, como me disse antes que eu viesse a Londres. Claro que passa às vezes dois dias sem poder receber visitas, mas, se quiser arriscar... As despesas de viagem ficam por minha conta, obviamente.

— Certamente que irei, Sr. Clarke. Digamos, depois de amanhã, está bem?

— Ótimo. Avisarei a enfermeira para preparar o terreno.

— Quanto a você, minha jovem — disse Poirot, voltando-se para Mary. — Acho que poderá fazer um bom trabalho em Andover. Tente uma aproximação junto às crianças.

— Crianças...?

— Sim. Não costumam conversar de imediato com estranhos. Mas você é bem conhecida na rua onde sua tia morou. Há um bom número de crianças que brincam por ali. Podem ter notado quem entrava e saía da loja de sua tia.

— E quanto à Srta. Grey e a mim? — perguntou Clarke. — Isto é, se eu não for destacado para Bexhill...

— Sr. Poirot — disse Thora Grey —, qual era o endereço postal da terceira carta?

— Putney, *mademoiselle.*

— S. W. 15, Putney, é isso, não? — murmurou ela, pensativa.

— Chega a surpreender que nos jornais tenha saído impresso corretamente.

— Tal detalhe parece indicar que ABC seja londrino.

— Em face disso, sim.

— Alguém deve ser capaz de detê-lo — disse Clarke. — M. Poirot, o que aconteceria se eu mandasse publicar um anúncio mais ou menos assim: "ABC urgente. H.P. está na sua pista. Uma nota de cem pelo meu silêncio. X.Y.Z." O texto está um pouco rudimentar, é claro, mas serve para lhe dar uma ideia. Poderia dar certo.

— Sim, é uma possibilidade.

— Talvez o induzisse a se mostrar e me procurar.

— Acho que é muito perigoso e tolo — disse Thora Grey, meio ríspida.

— Que acha disso, Sr. Poirot?

— Não valerá a pena arriscar. Penso que ABC é bastante esperto para não responder a esse anúncio. — Poirot sorriu de leve ao concluir: — Sr. Clarke, noto que ainda é, no fundo (digo isso sem intenção de ofendê-lo), um menino.

Franklin Clarke olhou-o meio envergonhado.

— Bem — disse a seguir, consultando seu bloco de anotações. — Já temos algo para começar; A: Srta. Barnard e Milly Higley; B: Sr. Fraser e Srta. Higley; C: crianças de Andover; D: anúncio. Nada disso me parece muito satisfatório, mas já teremos algo para fazer enquanto esperamos.

Ele se despediu e, poucos minutos depois, o encontro estava terminado.

Capítulo 19



Pelos caminhos da Suécia

Poirot voltou a sentar-se na poltrona e pôs-se a assoviar baixinho uma toada.

— Uma pena que ela seja tão inteligente.

— Quem?

— Megan Barnard. Mlle Megan. "Palavras, apenas", foi o que ela me disse. Num instante, percebeu que aquilo que eu estava dizendo nada significava. Todos os demais se deixaram levar por ela.

— Eu havia achado bem plausível.

— Plausível, sim. Foi justamente isso o que ela percebeu.

— Então você não quis dizer nada com suas palavras?

— O que eu disse poderia ser resumido numa frase curta. Em vez disso, repeti-me *ad lib* sem que ninguém, a não ser Mlle Megan, se apercebesse...

— Mas por que você procedeu assim?

— *Eh bien...* para tomar pé na situação! Infundi em cada um dos aqui reunidos a impressão de que havia um trabalho a ser feito! Iniciar, digamos assim, as conversações!

— E não acha que alguma dessas sugestões que apresentou conduzirá a algum resultado?

— Ah, isso é sempre possível. Poirot conteve um sorriso ao observar:

— No meio da tragédia, partimos para a comédia. Não é mesmo?

— Que *pretende* dizer com isso?

— Trata-se do drama humano, Hastings! Reflita um instante. Temos três cenas com seres humanos unidos por uma tragédia comum. Imediatamente um segundo drama se inicia, *tout à fait à part*. Lembra-se do meu primeiro caso na Inglaterra? Ah, já se vão tantos anos... Mantive unidas duas pessoas que se amavam, graças ao expediente muito simples de mandar prender uma delas por assassinato! Nada menos do que isso! No meio da tragédia, permanecemos vivos, Hastings. E o crime, como observo com frequência, *é* um grande fabricante de casamentos.

— Essa não, Poirot! — exclamei, surpreso. — Estou certo de que nenhuma daquelas pessoas que aqui estiveram há pouco pensavam em outra coisa a não ser...

— Ah, meu caro amigo. E que me diz de você?

— Eu?

— *Mais oui.* Mal eles se foram, você não voltou da porta sussurrando uma melodia?

— Qualquer um pode fazer tal coisa sem ser chamado de insensível...

— Certamente, mas aquela melodia revelou-me seus pensamentos.

— É mesmo?

— Sim. Assoviar para si mesmo uma melodia é algo perigoso. Delata o que se passa em seu subconsciente. A toada que você trauteava data, creio eu, do tempo da guerra. *Comme ça* — e Poirot cantou com uma abominável voz de falsete:

"Em certa hora eu amo uma morena, Em outra, meu amor é uma loura (que veio do paraíso pelos caminhos da Suécia)".

"Poderia haver algo mais revelador? *Mais je crois que Ia blonde l'emporte sur la brunette!"*

— Francamente, Poirot! —protestei, meio ruborizado.

— *Cest tout naturel.* Não notou como Franklin Clarke simpatizou logo com Mlle Megan? Como se inclinou para fitá-la? E não percebeu também o aborrecimento que tal atitude causou a Mlle Thora Grey? E quanto ao Sr. Fraser...

— Poirot — disse eu então. — Intimamente você é um sentimental incurável.

— Eis aí a última coisa de que me poderiam qualificar. Você é que é um sentimental, Hastings.

Eu ia rebater essa observação com veemência, quando abriram a porta.

E para minha surpresa ali estava Thora Grey.

— Perdoem-me se voltei para incomodá-los — disse a moça, muito desenvolta. — Mas acontece que há uma coisa que gostaria de lhe dizer, Sr. Poirot.

— Pois não, *mademoiselle.* Sente-se, por favor.

Ela se sentou e hesitou um pouco, como se estivesse escolhendo as palavras adequadas:

— É o seguinte, Sr. Poirot. Bondosamente, o Sr. Clarke deu a entender ao senhor, há pouco, que eu teria deixado a Mansão Combeside por vontade própria. Ele é uma pessoa muito amável e leal. Mas, na realidade, não foi assim. Eu estava resolvida a permanecer ali, pois há muito a ser feito em relação às

coleções de arte de Sir Carmichael. Foi Lady Clarke quem quis que eu me demitisse! Posso dar um desconto para tal atitude. Afinal, ela é uma mulher muito doente, e sua mente está de algum modo perturbada pelas drogas que tem de tomar. Isso a torna desconfiada e fantasiosa. Passou a antipatizar comigo de maneira inexplicável e insistiu em que eu deixasse a sua casa.

Não pude deixar de apreciar a coragem da jovem. Ela não tentara camuflar os fatos, como muitos teriam vontade de fazer; fora direto ao ponto com uma admirável sinceridade. E senti-me cheio de admiração e simpatia por ela.

— Acho esplêndido que tenha voltado para nos dizer isso.

— É sempre melhor ficar com a verdade — disse Thora, sorrindo de leve para mim. — Não desejo me esconder atrás do cavalheirismo do sr. Clarke. Ele é realmente um cavalheiro.

Havia um toque de emoção em suas palavras. Era evidente sua grande admiração por Franklin Clarke.

— Foi muito sincera, *mademoiselle* — disse Poirot.

— Para mim, foi um golpe desagradável — disse Thora, pesarosa. — Não imaginava que Lady Clarke antipatizasse tanto comigo. Na verdade, sempre pensei que me apreciasse e ao meu trabalho ali. — Sua expressão agora denotava certa mágoa. — Quanto mais se vive, mais se aprende.

E levantou-se, dizendo:

— Bem, era o que eu tinha a dizer. Até logo, senhores. Eu a acompanhei até a escada.

— Isso é o que eu chamaria de espírito esportivo — disse, quando retornei à sala. — Tem coragem, essa garota.

— E calculismo.

— Que quer dizer com essa expressão agora?

— Apenas que ela tem o dom de antever o futuro. Olhei para meu amigo com ar de dúvida e acabei dizendo:

— Ela *é* realmente uma jovem adorável.

— E usa roupas muito adoráveis. Aquele crepe marroquino e a gola de pele de raposa prateada são o *dernier cri*.

— Nenhum detalhe lhe escapa, Poirot. Nunca noto o que as pessoas usam para se enfeiar.

— Devia ingressar então numa colônia nudista.

Eu já estava prestes a replicar com alguma observação contundente, quando ele disse, mudando subitamente de assunto:

— Como sabe Hastings, não consigo afastar da mente a impressão de que, em nossa conversa desta manhã, alguma coisa significativa foi dita. É estranho...

não posso definir exatamente o que foi... Apenas uma impressão que surgiu em minha mente... *Isso me lembra alguma coisa que já tinha ouvido, visto ou notado...*

— Algo ocorrido em Churston?

— Não, lá, não... Foi antes... Não importa, logo essa impressão voltará.

Ele me olhou (talvez eu não o estivesse ajudando devidamente), riu e recomeçou a sussurrar aquela melodia.

— Ela é um anjo, hem? Vinda do Éden, pelos caminhos da Suécia...

— Poirot! — exclamei. — Vá para o inferno!

Capítulo 20



Lady Clarke

Uma melancolia profunda, quase palpável, parecia envolver a Mansão Combeside quando a vimos pela segunda vez. Essa atmosfera era devida em parte, talvez, ao tempo; era um dia úmido de setembro, com algo outonal no ar. E de outro lado, sem dúvida, pelo aspecto de casa por alugar que a residência dos Clarkes transmitia agora. As janelas da parte de baixo estavam fechadas, e a pequena sala onde entramos se mostrava sombria e abafada.

Uma enfermeira com ar solícito e competente acercou-se de nós, puxando para baixo as mangas engomadas de seu uniforme de hospital.

— Sr. Poirot? — foi logo dizendo. — Sou a enfermeira Capstick. Recebi um bilhete do Sr. Clarke avisando-me da sua visita.

Poirot indagou sobre o estado de saúde de Lady Clarke.

— Considerando as circunstâncias, não está realmente mal.

Pela expressão "considerando as circunstâncias", presumi que a viúva de Sir Carmichael tivesse sido desenganada pelos médicos.

— Não se podem esperar grandes melhoras, naturalmente, mas alguns novos medicamentos têm tornado as coisas menos penosas para ela. O Dr. Logan está muito satisfeito com seu estado atual.

— Mas é certo ou não, que ela nunca poderá recuperar-se?

— Ah, nós nunca *dizemos* isso na realidade — retrucou a enfermeira, um pouco chocada com aquela observação muito realista.

— Imagino que a morte do marido tenha sido um golpe terrível para ela.

— Bem, Sr. Poirot, deve saber que o choque não poderia ser tão grande como ocorreria com uma pessoa completamente lúcida e em boas condições de saúde. Diria que, no estado em que se encontra, Lady Clarke sente as coisas de maneira *amortecida.*

— Desculpe minha pergunta, mas ela amava muito o marido e era correspondida?

— Ah, sim, eles formavam um casal muito feliz. Pobre homem, vivia tenso e preocupado com ela. É sempre pior para um médico, o senhor sabe. Eles não podem alimentar falsas esperanças. Acho que ele estava se afligindo demais para poder começar outra vez.

— Começar? Mas não devia ter muito que fazer.

— Todo mundo costuma fazer alguma coisa, não? E Sir Carmichael tinha a sua coleção de arte para cuidar. Um passatempo é um grande derivativo para um homem. Ele costumava orientar as compras ocasionalmente, e, então, junto com a Srta. Grey ocupava-se ultimamente em recatalogar e inovar a apresentação das peças de seu museu.

— Ah, sim... E a Srta. Grey? Foi despedida realmente?

— Sim... Sinto muito o que houve, mas as mulheres têm certos caprichos quando não estão bem de saúde. E não adianta discutir com elas. É melhor atendê-las. A Srta. Grey ficou muito magoada com o acontecido.

— Lady Clarke sempre antipatizou com ela?

— Não, *antipatizar,* a bem dizer, não. Para ser franca, só que no início até que ela gostava da Srta. Grey. Mas... isso é outro assunto, e não devo reter o senhor aqui com mexericos. Minha paciente na certa está imaginando por que nos demoramos aqui.

A enfermeira guiou-nos até um dos quartos do andar de cima. O que antes fora um dormitório agora se transformara numa bem-arrumada sala de estar.

Lady Clarke estava sentada numa cadeira de braços perto da janela. Visivelmente magra, seu rosto tinha uma tonalidade quase cinza e o olhar aflito de quem suporta dores acentuadas. Tinha uma expressão meio distante, um pouco sonhadora, e notei que suas pupilas eram como pontas de alfinete.

— Eis aqui o Sr. Poirot, a quem a senhora tanto desejava ver — disse a enfermeira Capstick, com sua voz cheia, animada.

— Ah, sim, o Sr. Poirot — disse Lady Clarke em tom vago.

E estendeu a mão.

— Este é meu amigo, o capitão Hastings, Lady Clarke — disse Poirot.

— Como vai o senhor? Foi bom que os senhores viessem.

Sentamos assim que ela nos convidou, com um gesto lento. Fez-se silêncio. Lady Clarke parecia ter mergulhado num sonho.

Depois, com algum esforço, despertou de seu torpor, dizendo:

— Vieram para conversar sobre Car, não é? Sobre a morte de Car. Ah, sim.

Suspirou, mas ainda de maneira absorta, balançando a cabeça.

— Nunca sabemos para onde a roda gira... Estava segura de que seria a primeira a ir... — Fez uma breve pausa antes de prosseguir: — Car era muito

forte para a idade que tinha. Nunca o vi doente. Tinha quase sessenta anos, mas aparentava uns cinquenta... Sim, era muito forte...Ela imergiu de novo em seu sonho. Poirot, que estava bem a par dos efeitos de certas drogas e de como elas dão, a quem as toma, a impressão de que o tempo é abolido, nada disse.

Lady Clarke voltou a falar de repente:

— Sim, foi bom que o senhor viesse. Falei com Franklin, e ele me disse que não se esqueceria de falar com o senhor. Espero que Franklin não esteja fazendo alguma tolice... é muito fácil de ser levado, apesar de já ter dado tantas voltas pelo mundo. Os homens são assim mesmo... Continuam meninos, no fundo... Especialmente Franklin.

— Ele tem um temperamento impulsivo — disse Poirot.

— Sim, sim... E é muito cavalheiresco. Os homens costumam ser bem tolos a esse respeito. Mesmo Car... — Sua voz sumiu de repente.

Lady Clarke moveu a cabeça com uma impaciência febril.

— Tudo se torna tão confuso... Nosso corpo é um transtorno, Sr. Poirot, especialmente quando se torna a preocupação predominante. Não tomamos consciência de mais nada, quer a dor seja adiada ou não, nada mais parece ter importância.

— Entendo, Lady Clarke. É uma das tragédias desta vida.

— Isso me torna muito confusa. Nem consigo me lembrar do que pretendia lhe dizer.

— Não seria algo sobre a morte de seu marido?

— A morte de Car? Sim, talvez. Essa criatura louca e infeliz, refiro-me ao assassino... É o que acontece com toda essa agitação e pressa dos dias de hoje, as pessoas não podem parar. Sempre senti pena dos doentes mentais... com a cabeça cheia de ideias estranhas. E depois, tendo de ser isolados num hospício, deve ser terrível. Mas o que mais se poderia fazer? Se andam por aí matando as pessoas... — Balançou a cabeça, sinceramente condoída. — Ainda não o pegaram? — perguntou por fim.

— Não, ainda não.

— Ele deve ter rondado por aqui naquele dia.

— Há muitos turistas aqui agora, Lady Clarke. É época de férias.

— Sim, já me esquecera... Mas ficam pelas praias, não se aproximam desta casa.

— Nenhum estranho veio aqui naquele dia.

— Quem lhe disse isso? — perguntou Lady Clarke, com súbita energia.

Poirot deu a impressão de estar surpreso, retrucando:

— Os criados e a Srta. Grey.

Lady Clarke exclamou com toda a clareza:

— Essa moça é uma mentirosa!

Quase saltei da cadeira, mas Poirot me conteve com um olhar rápido.

Lady Clarke prosseguiu, falando agora com especial exaltação:

— Eu não gosto dela. Aliás, nunca gostei. Car pensava como todo mundo sobre essa garota. Costumava dizer que ela era órfã e estava sozinha nesta vida. Mas, pergunto, que há de errado em ser órfã? Algumas vezes é até um atenuante, uma bênção. Você poderia ter tido um pai inútil e uma mãe que adorasse a bebida, e aí teria do que se lamentar. Ele dizia que ela era muito corajosa e muito eficiente em seu trabalho. Pois eu digo que ela apenas cumpria sua obrigação! Não sei onde está toda essa coragem!

— Agora trate de se acalmar, querida — disse a enfermeira Capstick. — Não deve se excitar. Não queremos que se canse.

— Tratei de mandá-la embora! Franklin teve a infeliz ideia de dizer que ela seria uma boa companhia para mim. Grande conforto eu iria ter! Retruquei que, quanto mais cedo ela saísse da minha frente, melhor seria. Franklin é um tolo! Não queria vê-lo envolvido com ela! Ele é um menino grande, sem juízo! "Darei três meses de salário a essa moça, se você preferir assim", eu lhe disse. "Mas que ela vá embora. Não a quero nem mais um dia nesta casa." Há uma vantagem em estarmos doentes: os homens não discutem conosco. Assim, ele fez o que eu disse, e ela se foi. Como uma mártir, imagino... com muita resignação e bravura!

— Agora, minha querida, não se exalte mais. É ruim para você.

Lady Clarke fez um gesto, afastando a enfermeira.

— Você age como uma tola com ela, igualzinha aos outros.

— Lady Clarke, por favor, não devia falar assim. Acho que a Srta. Grey *é* uma moça muito gentil, com um ar tão romântico, como se fosse uma personagem de novela...

— Não tenho mais paciência para ouvir as tolices de vocês — murmurou Lady Clarke, já cansada.

— Bem, ela agora já não está mais aqui, minha querida. Foi embora.

Lady Clarke balançou a cabeça com febril impaciência, mas não retrucou.

Então Poirot perguntou:

— Por que a senhora disse que a Srta. Grey era mentirosa?

— Porque é. Ela lhe falou que nenhum estranho esteve nesta casa, certo?

— Sim.

— Pois bem. Acontece que eu a vi, com meus próprios olhos, daqui desta janela, conversando com um desconhecido na porta da frente.

— Quando foi isso?

— Na manhã do dia em que Car morreu, por volta das onze horas.

— E qual era a aparência desse homem?

— Um tipo comum. Nada de especial.

— Um simples curioso, ou um vendedor?

— Não era um vendedor. Uma pessoa maltrapilha. Não me lembro direito.

Contraiu os lábios num ricto de dor e disse, com voz fraca:

— Por favor, devem sair agora, estou um pouco cansada... Enfermeira...

Nós obedecemos e apresentamos nossas despedidas à enfermeira.

— Eis uma história muito interessante — disse eu a Poirot quando já voltávamos a Londres. — Falo da Srta. Grey e do tal desconhecido.

— Viu só, Hastings? É como eu lhe digo: *há sempre alguma coisa a ser descoberta.*

— Por que a garota mentiu para nós ao dizer que não vira nenhum estranho na casa?

— Posso indicar sete motivos distintos... um deles extremamente comum.

— É uma adivinhação?

— Digamos que seja um teste para explorar sua ingenuidade. Mas não há razão alguma para quebrarmos a cabeça com essa história. A solução mais fácil é perguntar diretamente a ela.

— E suponhamos que nos diga outra mentira.

— Aí então seria algo realmente interessante, e muito sugestivo.

— É monstruoso pensar que uma garota como ela possa estar mancomunada com um louco.

— Justamente por isso é que não faço tal suposição. Estive pensando um instante e por fim disse, soltando um suspiro:

— Uma jovem bonita sempre tem problemas desse tipo.

— *Du tout.* Tire essa ideia da cabeça.

— Mas é verdade — insisti —, cada um à sua maneira, fica contra ela simplesmente porque é bonita.

— Está dizendo *bêtises,* meu amigo. Quem a seu ver antipatizava com ela em Combeside? Sir Carmichael? Franklin? A enfermeira Capstick?

— Lady Clarke arrasou com ela, você viu.

— *Mon ami,* você se mostra muito benevolente com mulheres jovens e belas. Quanto a mim, compadeço-me das velhas senhoras enfermas. Pode ser que a única a ver claro nesse assunto seja Lady Clarke, e que seu falecido esposo, a enfermeira Capstick, o Sr. Franklin Clarke... e o capitão Hastings, inclusive, estejam tão cegos como morcegos.

— Está predisposto contra essa moça, Poirot.

Para minha surpresa, eu o vi piscar um olho subitamente.

— Talvez seja porque goste de vê-lo montar em seu vistoso corcel de cavaleiro romântico, Hastings. Você age sempre como um cavaleiro andante, sempre pronto a vir em socorro de donzelas em apuros... Donzelas bonitas, *bien entendu.*

— Está sendo ridículo, Poirot — retruquei, mas sem poder conter o riso.

— Bem, não se vive só de tragédia, meu amigo. Interesso-me cada vez mais pelos incidentes humanos que surgem no decorrer deste caso. Temos diante de nós três dramas da vida familiar. Primeiro o de Andover: a vida trágica da Sra. Ascher, sua luta cotidiana, tendo que suportar e amparar o marido, e a devoção de sua sobrinha. Por si só já daria uma novela. Depois você tem Bexhill, um casal feliz, condescendente, as duas irmãs tão diferentes uma da outra, a garota fútil, meio tola e bonitinha, e a decidida e séria Megan, com sua lucidez e sua indomável paixão pela verdade. E a outra personagem, o jovem escocês tímido, com seu ciúme apaixonado e sua devoção pela mocinha morta. Finalmente, temos a família de Churston: a esposa desenganada, e o marido absorvido em sua coleção de arte chinesa, mas com uma crescente ternura e simpatia pela bela jovem que o ajuda tão desinteressadamente... e por fim o irmão ainda moço, vigoroso, atraente, amável, com um charme romântico resultante de suas longas viagens pelo Oriente.

"Observei, Hastings, que, no decurso normal dos acontecimentos, *esses três dramas distintos nunca deveriam se relacionar.* Deveriam seguir seu curso sem influências recíprocas. As permutações e combinações da vida nunca deixaram de me fascinar, Hastings."

— Chegamos a Paddington — foi só o que eu soube dizer.

Era hora, pensei, de voltar à realidade exterior e prosaica.

Ao chegarmos ao apartamento de Whitehaven, fomos informados de que um cavalheiro estava à espera de Poirot.

Calculei que se tratasse de Franklin Clarke, ou talvez Japp, mas me surpreendi ao ver ali Donald Fraser.

Ele parecia muito confuso, e sua dificuldade de expressão tornava-se mais evidente do que nunca.

Poirot não o apressou a revelar o motivo da visita, convidando-o, em vez disso, a comer um sanduíche e um copo de vinho.

Enquanto isso, Poirot monopolizou a conversa, explicando aonde tínhamos ido, referindo-se com simpatia e compreensão humana à viúva enferma.

Assim que terminamos os sanduíches e bebemos uns goles de vinho, Poirot imprimiu um toque pessoal à conversa.

— Veio de Bexhill, Sr. Fraser?

— Sim.

— Teve algum sucesso com Milly Higley?

— Milly Higley? — Fraser repetiu o nome da moça mais uma vez, como se nunca o tivesse ouvido. — Ah, sim, aquela garota! Não, não consegui nada nesse sentido. Isto é...

Fez uma brusca interrupção e entrelaçou os dedos nervosamente.

— Nem sei por que vim ver o senhor — disse, num desabafo.

— Mas eu sei — retrucou Poirot.

— Acho que não. Como poderia saber?

— Veio aqui porque há alguma coisa que precisa contar a alguém. Você veio ao endereço certo. Sou a pessoa indicada. Pode falar.

A entonação firme e a segurança de Poirot foram bem sucedidas. Fraser olhou-o com um ar inusitado de obediência e agradecimento.

— Pensa assim, então?

— *Parbleu,* tenho certeza disso.

— Sr. Poirot, conhece alguma coisa sobre os sonhos?

Era a última coisa que eu esperava ouvir do nosso visitante.

No entanto, Poirot não pareceu surpreso com a inesperada pergunta.

— Conheço — replicou. — Tem tido sonhos?...

— Sim. Sei que o senhor poderá dizer que é natural eu sonhar com... ela. Mas não se trata de um sonho comum.

— Ah, não?

— Venho tendo o mesmo sonho há três noites seguidas, senhor... Penso até que estou ficando maluco...

— Conte-nos o seu sonho.

Fraser estava muito pálido. Seus olhos pareciam dilatar-se. Para ser mais claro, *dava a impressão* de estar louco mesmo.

— É sempre a mesma coisa. Estou na praia, procurando pela Betty. Ela está perdida, somente perdida, compreende? E eu a estou procurando. Quero lhe dar o seu cinto. Com ele em minha mão, vou andando. E então...

— Sim?

— O sonho se modifica... Não estou procurando nada mais. Ela está ali, bem na minha frente... sentada na areia. Não me vê chegar... Ela... não, eu não posso...

— Prossiga.

A voz de Poirot era autoritária agora, firme.

— Eu me acerco dela por trás... mas sem que me ouça... Passo o cinto em volta de seu pescoço e puxo... puxo...

O tom angustiado da voz de Donald era impressionante... Crispei as mãos em torno dos braços da cadeira... A cena descrita parecia real.

— Ela fica sufocada... e morre. Eu a estrangulei. E então sua cabeça pende para trás, inerte, e vejo seu rosto... o de *Megan,* não o de Betty!

Fraser reclinou-se na poltrona, muito pálido e trêmulo. Poirot encheu outro copo de vinho e entregou-o ao rapaz.

— Qual o significado desse sonho, Sr. Poirot? Por que isso acontece comigo? E há três noites? ...

— Beba este vinho — ordenou Poirot.

O rapaz obedeceu, e então perguntou, num tom mais calmo:

— O que significa tudo isso? Eu... eu não quis matá-la, quis?

Não sei qual foi a resposta de Poirot, pois naquele exato momento ouvi as batidas do carteiro na porta e instintivamente deixei a sala.

A carta que acabara de chegar afugentou todo o meu interesse pelas estranhas revelações de Donald Fraser.

Voltei quase correndo à sala, exclamando:

— Poirot! Ela chegou. A quarta!

Ele saltou da cadeira e tomou a carta de minhas mãos. Apanhou seu corta-papel e abriu o envelope, que caiu sobre a mesa.

E nós três lemos juntos a carta.

"Não descobriu nada ainda? Que vergonha! Que fiasco! Que estão fazendo você e a polícia? Bem, bem, isso não é divertido? E aonde iremos nós agora buscar o mel?

Pobre Sr. Poirot. Lamento muito a sua sorte.

Mas, se de início não foi feliz, tente, tente de novo.

Temos ainda um longo caminho pela frente. Talvez Tipperary? Não, isso virá depois. Na letra T. O próximo e pequeno incidente terá lugar em Doncaster, em 11 de setembro.

Até a vista, ABC."

Capítulo 21



Descrição de um assassino

Foi naquele momento que, na minha opinião, aquilo que Poirot denominava elemento humano começou a desaparecer de cena novamente. Era como se a nossa mente, incapaz de suportar a contínua visão da tragédia e do horror, tivesse nos permitido um intervalo, que fora preenchido por interesses humanos normais.

Tínhamos, de uma vez por todas, sentido a impossibilidade de fazer algo, até que a quarta mensagem veio revelar o local escolhido para o crime D. E aquele clima de intervalo tinha ocasionado um relaxamento da tensão anterior.

Mas agora, com aquelas palavras impressas destacando-se no papel branco e apergaminhado, a caçada iria recomeçar.

O inspetor Crome veio direto da Yard, e, enquanto estava no apartamento, Franklin Clarke e Megan Barnard apareceram.

A jovem explicou-nos que também chegara havia pouco de Bexhill:

— Eu queria perguntar algo ao Sr. Clarke.

Megan parecia particularmente ansiosa por justificar e esclarecer sua atitude. Percebi esse detalhe, mas não dei muita importância a ele. Naturalmente, a carta ocupava meus pensamentos, excluindo tudo o mais.

Penso que Crome não gostou muito de ver ali vários participantes do caso. Assumiu o ar de quem cumpre apenas uma incumbência oficial e meio sigilosa.

— Levarei isto comigo, Sr. Poirot. Se deseja tirar uma cópia...

— Não, não é necessário.

— Quais são seus planos, inspetor? — indagou Clarke.

— São todos muito simples, Sr. Clarke.

— Dessa vez nós o agarraremos — disse Clarke. — Saiba, senhor inspetor, que formamos uma associação para cuidar do assunto, Uma legião das partes interessadas nesse caso ABC.

O inspetor Crome retrucou, no seu melhor estilo:

— Ah, sim?

— Pelo jeito não aprecia muito os amadores, não é, inspetor?

— Dificilmente terá os mesmos recursos a seu dispor, não pensa assim, Sr. Clarke?

— Nós contamos com um interesse pessoal em resolver o caso, e isso já é alguma coisa.

— Ah, sim?

— Suponho que a sua tarefa também não esteja sendo nada fácil, inspetor. Fico pensando em que novos apuros nosso ABC vai envolvê-lo.

Observei então que Crome podia por vezes mostrar-se loquaz, quando outros recursos não davam resultado.

— Dessa vez não creio que o povo tenha muito o que criticar quanto às nossas providências — disse Crome. — Esse idiota nos deu um aviso bem antecipado. O dia 11 cai numa quarta-feira, na próxima semana. Isso nos dá bastante tempo para uma campanha de alerta na imprensa. Doncaster toda será posta de sobreaviso. Toda pessoa cujo nome comece por D ficará de olhos bem abertos, o que é muito bom. Também destacaremos agentes para policiarem a cidade em larga escala. Essa ajuda já foi providenciada, com a anuência de todos os delegados distritais da Inglaterra. Todos em Doncaster, policiais e civis, procurarão localizar esse homem, e, com uma dose razoável de sorte, deveremos agarrá-lo!

Clarke disse calmamente:

— Nota-se logo que não é um esportista, inspetor.

Crome olhou-o, intrigado.

— Que quer dizer com isso, sr. Clarke?

— Meu caro, então ignora que a *próxima quarta-feira, em Doncaster, é o dia do Prêmio St. Leger?*

O inspetor ficou de queixo caído. Pela primeira vez na vida não se saiu com o seu habitual "Ah, sim?" Em vez disso, murmurou:

— É verdade. Sim, isso complica as coisas...

— ABC não é nenhum idiota, ainda que *seja* louco. Ficamos em silêncio por instantes, analisando a situação. A multidão de aficionados no hipódromo, sabendo-se da paixão dos ingleses pelo seu esporte favorito, as complicações daí decorrentes...

— *Cest ingénieux. Tout de même c'est bien imaginé, ça*— murmurou Poirot.

— Na minha opinião — disse Clarke —, o assassinato deverá ocorrer no hipódromo... talvez na ocasião em que o páreo principal estiver sendo disputado.

Por um momento seu temperamento de esportista deliciou-se com tal pensamento...

O inspetor Crome levantou-se, guardando a carta no bolso.

— O St. Leger é mesmo uma complicação — assentiu. — É lamentável.

Depois que Crome saiu, ouvimos vozes no corredor. Um minuto depois, Thora Grey entrava. A jovem disse, meio excitada:

— O inspetor me disse agora que chegou outra carta. Onde será dessa vez?

O dia estava chuvoso. Thora Grey estava com um casaquinho e saia pretos e um abrigo de peles. Um chapeuzinho também preto caía um pouco de lado sobre seus cabelos louros.

Dirigira-se a Franklin Clarke, e, pondo a mão em seu braço, aguardou a resposta.

— Será em Doncaster, e no dia do Prêmio St. Leger. Passamos a discutir o assunto. Era óbvio que todos nós pretendíamos estar presentes em Doncaster, mas a corrida de cavalos sem dúvida complicava os planos que havíamos traçado de antemão.

Senti-me desencorajado. Afinal, o que um pequeno grupo de seis pessoas poderia fazer, por mais forte que fosse seu interesse pessoal no assunto? Inúmeros policiais estariam atentos, em estado de alerta, vigiando todos os locais onde possivelmente o criminoso agiria. Assim, o que mais seis pares de olhos poderiam captar?

Como se respondesse a meus pensamentos, Poirot observou, numa entonação que parecia a de um professor ou um sacerdote:

— *Mes enfants,* não podemos debandar agora. Temos de analisar o assunto com método e ordenar nossos pensamentos. Devemos olhar para dentro, e não apenas para fora, em busca da verdade. Precisamos indagar a nós mesmos, cada um do nosso grupo: "O que *eu* sei sobre o assassino?" E assim devemos obter um retrato bem aproximado do homem que estamos procurando.

— Nada sabemos a seu respeito — disse Thora Grey, com ar desanimado.

— Não, *mademoiselle.* Isso não é verdade. Cada um de nós aqui conhece algo sobre ele... *desde que saibamos discernir o que conhecemos. Estou convencido de que a fonte está aí,* bastando somente apreendê-la.

Clarke moveu a cabeça, retrucando:

— Não sabemos nada, se ele é velho ou moço, bonito ou feio! Nenhum de nós jamais o viu ou falou com ele! E já analisamos tudo o que poderíamos saber inúmeras vezes.

— Tudo, não! A Srta. Grey, por exemplo, nos disse que não vira nem falara com nenhum estranho no dia em que Sir Carmichael foi assassinado.

— E é verdade — assentiu Thora Grey.

— É mesmo? *Pois Lady Clarke contou-nos,* mademoiselle, *ter visto da janela de seu quarto a senhorita parada, à porta da frente da casa, conversando com um homem.*

— Ela *me* viu falando com um estranho? — A jovem parecia realmente surpresa.

Seguramente, pensei então, aquele olhar tão límpido só poderia expressar a verdade.

Thora balançou a cabeça, dizendo:

— Lady Clarke deve ter cometido um engano. Eu nunca... Ah!

A exclamação saiu de repente, num jato. Um súbito rubor cobriu seu rosto, e ela explicou:

— Agora me lembro! Que cabeça, a minha! Já me esquecera desse fato. Mas nada tem de importante. Foi apenas um desses homens que vão de casa em casa vendendo meias, o senhor sabe; ex-combatentes, em geral. E são muito persistentes. Tive que despachar um deles naquele dia. Eu estava justamente passando pelo *hall* quando ele chegou à porta. Falou comigo em vez de tocar a campainha, mas tratava-se, como vi logo, de uma pessoa inofensiva. Imagino ter sido por isso que me esqueci dele.

Poirot deu alguns passos miúdos para cá e para lá, alisando a testa com as mãos. Monologava com tal veemência que ninguém ousou dizer nada, ficando todos a olhá-lo, intrigados.

— Meias — murmurou ele. — Meias... meias... *ça vient*... meias... meias... eis aí o *motivo, sim*... há três meses... outro dia... e agora. *Bon Dieu,* eu o tenho! Sentou-se muito ereto então, e dirigiu-me um olhar imperioso.

— Lembra-se, Hastings? Andover. A tabacaria. Subimos a escada. O dormitório. E, sobre a cadeira, *um par de meias de seda novas*. E agora sei o que foi que despertou minha atenção há dois dias. Foi você, *mademoiselle*... — Voltara-se para Megan. — Contou-me que sua mãe chorara *porque tinha comprado meias novas para a filha no dia exato do crime*...

Passeou então o olhar por todos nós.

— Estão percebendo? *Trata-se do mesmo motivo,* repetido em três ocasiões. Isso não pode ser coincidência. Quando *mademoiselle* me contou aquilo, tive a impressão de que o que ela dizia se encaixava em algo. E agora sei do que se trata. As coisas ditas pela Sra. Ascher à sua vizinha mais próxima, a Sra. Fowler. Sobre pessoas que estão sempre empurrando coisas para nós *comprarmos*... e ela mencionou *meias*. Diga-me, *mademoiselle, é* verdade ou não que sua mãe comprou aquelas meias, não numa loja, mas de alguém que batera à sua porta?

— Sim... sim, agora me lembro. Ela me disse qualquer coisa sobre o incômodo causado por esses homens teimosos que andam de casa em casa tentando vender seus artigos quase à força.

— Mas onde está a conexão com o caso? — exclamou Franklin. — O fato de um homem andar vendendo meias por aí não prova nada!

— Repito, meus amigos, isso *não pode* ser coincidência. Houve três crimes, e a cada vez um homem apareceu vendendo meias e sondando o terreno.

Voltando-se bruscamente para Thora, disse:

— *À vous Ia parol!* Descreva o tal homem.

Olhando para Poirot, desconcertada, Thora murmurou:

— Não posso... Não sei bem como descrevê-lo... Usava óculos, acho... e um casacão surrado...

— *Mieux que ça, mademoiselle!*

— Ele ficou parado... Não me recordo direito. Mal olhei para ele. Não era o tipo de homem que chame a atenção...

Poirot disse com ar muito sério:

— Tem toda a razão, *mademoiselle,* O verdadeiro segredo dos assassinos reside na descrição que fez do assassino, porque não há dúvida de que ele *foi* o assassino! *"Não era o tipo de homem que chame a atenção."* Sim, isso é um fato... *Mademoiselle* acaba de descrever o assassino!

Capítulo 22



(Não faz parte da narrativa pessoal do capitão Hastings)

O Sr. Alexander Bonaparte Cust estava sentado muito quieto. O seu café da manhã permanecia intocado. Um jornal estava aberto e apoiado no bule de chá, e o Sr. Cust o lia com grande interesse.

De repente levantou-se, deu alguns passos para lá e para cá, e então foi sentar-se numa cadeira perto da janela. Comprimiu a cabeça com as duas mãos, soltando um gemido rouco.

Não ouviu, assim, o ruído da porta que se abria. Sua senhoria, a Sra. Marbury, parou no umbral, dizendo com animação:

— Estive pensando, Sr. Cust, se gostaria de um saboroso... mas o que houve? Não está se sentindo bem?

O Sr. Cust afastou as mãos da cabeça, retrucando:

— Não é nada. Nada mesmo, Sra. Marbury. Só não estou... me sentindo muito bem esta manhã.

A Sra. Marbury fitou a bandeja com o café da manhã.

— Estou vendo. Nem tocou na comida. É a sua cabeça que está doendo de novo?

— Não. Um pouco apenas... Eu... eu costumo sentir uma série de coisas.

— Bem, sinto muito, acredite. Então não vai sair hoje, não é?

O Sr. Cust ergueu-se bruscamente, retrucando:

— Não, eu tenho que sair. É um negócio importante. Muito importante.

Suas mãos tremiam, e, ao vê-lo tão agitado, a Sra. Marbury procurou acalmá-lo.

— Bem, se precisa mesmo sair, saia. Vai para longe, desta vez?

— Não. Irei a... — hesitou um instante antes de completar: — Cheltenham.

Havia qualquer coisa tão especial no modo como ele chegara a mencionar aquele lugar que a Sra. Marbury o olhou meio surpresa.

— Cheltenham é um belo lugar — disse a senhoria puxando conversa. — Estive lá quando vivi em Bristol. As lojas são tão vistosas!

— Suponho que sim.

A Sra. Marbury estava muito tesa, porque não combinava com seu temperamento, e moveu-se para apanhar o jornal que estava caído no chão.

— Só se veem crimes nos jornais de agora — disse ela, dando uma olhadela nas manchetes antes de colocar o exemplar sobre a mesa. — Sinto arrepios só de ler essas coisas. É como se Jack, o Estripador, estivesse de volta.

Os lábios do Sr. Cust se moveram, mas sem emitir nenhum som.

— Doncaster, é esse o lugar onde esse louco pretende cometer seu próximo crime — disse então a Sra. Marbury. — E será amanhã! Isso nos deixa até arrepiados, não é mesmo? Se eu vivesse em Doncaster e meu nome começasse com D, tomaria logo o primeiro trem para o fim do mundo, se pudesse. Não iria correr nenhum risco. Que me diz disso, Sr. Cust?

— Nada, Sra. Marbury... nada.

— E haverá as corridas e tudo o mais. Não duvido que ele encontre sua oportunidade ali. Mas centenas de policiais, dizem os jornais, estão em ação e... Mas por que o senhor está *fazendo* essa cara tão desolada? Não seria melhor tomar um pequeno gole de algum licor? Realmente, agora acho que não devia viajar hoje.

O Sr. Cust empertigou-se, protestando:

— Mas é preciso, Sra. Marbury. Sempre sou pontual em meus... compromissos. As pessoas assim adquirem mais... confiança em nós! Quando eu me comprometo a fazer uma coisa, vou até o fim. É o único modo de se conduzir a bom termo um... negócio.

— Mas o senhor está doente...

— Não estou doente, Sra. Marbury. Apenas um pouco preocupado... Tenho vários problemas pessoais a resolver. E não tenho dormido bem. Não estou com nada de grave, pode crer.

Seu modo de falar era tão firme que a Sra. Marbury recolheu a bandeja com a refeição e, embora relutante, saiu do quarto.

O Sr. Cust puxou uma maleta que estava debaixo da cama e começou a arrumá-la. Pijama, estojo de barba, uma camisa engomada, chinelo de couro. A seguir, abriu o armário, de onde tirou umas doze caixas de papelão achatadas, de uns vinte e cinco por dezesseis centímetros, transferindo-as então para a valise.

Olhou de relance para o guia de trens, sobre a mesa, e então deixou o quarto, segurando a maleta.

Já no *hall,* colocou o chapéu na cabeça e vestiu o sobretudo. Ao fazê-lo, suspirou tão profundamente que a moça que acabava de sair de um quarto ao

lado olhou-o, intrigada.

— Alguma coisa o incomoda, Sr. Cust?

— Nada, Srta. Lily.

— Está suspirando tanto...

O Sr. Cust disse bruscamente:

— É sujeita a premonições, Srta. Lily? Costuma ter pressentimentos?

— Bem, não sei se sou assim como diz... Naturalmente, há dias em que sentimos que na realidade tudo sairá errado, e em outros a gente tem a impressão de que tudo dará certo.

— Exatamente — disse o Sr. Cust. E suspirando fundo de novo: — Bem, vou indo, Srta. Lily. Adeus. Sei o quanto a senhorita tem sido atenciosa comigo aqui.

— Bem, mas não deve dizer adeus, assim parece que o senhor está se despedindo para sempre.

— Ah, não, naturalmente que não.

— Voltarei a vê-lo na sexta — riu a garota. — Aonde vai desta vez? Já sei, ao balneário de novo.

— Não, não... vou a Cheltenham.

— Bem, é um lugar bonito. Mas não tanto como Torquay. É uma praia adorável. Espero ir lá nas minhas férias do ano que vem. Mas, por falar nisso, o senhor deve ter estado bem perto de onde aconteceu o crime, o do ABC. Foi justamente quando o senhor estava naquela praia, não foi?

— Sim... Mas Churston fica uns dez ou doze quilômetros antes.

— Ainda assim, deve ter sido emocionante! Afinal, o senhor pode ter cruzado com o assassino na rua! Deve ter estado bem perto dele!

— Sim, é possível, naturalmente — disse o Sr. Cust, com um sorriso tão apagado e torto que Lily Marbury não pôde deixar de observar:

— Ah, Sr. Cust, *não deve* estar se sentindo bem.

— Estou bem, perfeitamente bem. Adeus, Sra. Marbury.

Fez um cumprimento desajeitado, erguendo um pouco o chapéu, recolheu sua valise e apressou-se a sair pela porta principal.

— Um tipo fora de moda, mas pitoresco — disse Lily Marbury, com ar indulgente. — Para mim, parece meio gira.

O inspetor Crome disse a seu subordinado:

— Providencie uma relação de todos os fabricantes de meias e depois mande fazer circulares dessa relação. Quero uma lista de todos os seus representantes... sabe do que estou falando, sujeitos que vendem esses artigos a domicílio à base de comissão.

— Trata-se do caso ABC, senhor?

— Sim. É mais uma das ideias do Sr. Hercule Poirot. — A entonação do inspetor foi de pouco-caso. — Provavelmente resultará em nada, mas não se deve deixar de lado nenhuma possibilidade, por menor que seja.

— Perfeitamente, senhor. O Sr. Poirot fez muito sucesso em seu tempo, mas acho que agora ele está um pouco gagá.

— Ele é um charlatão — disse o inspetor Crome. — Sempre com aquela pose que impressiona a muita gente. Mas a *mim* não consegue impressionar. Bom, agora vamos às providências para Doncaster...

Tom Hartigan disse para Lily Marbury:

— Vi seu velho admirador esta manhã.

— Quem? O Sr. Cust?

— Sim, ele mesmo. Estava em Euston. Olhando como uma galinha perdida, como de costume. Acho que esse cara está meio doido. Precisa que alguém olhe por ele. Primeiro deixou cair o jornal e logo depois a passagem de trem. Eu a apanhei do chão, e ele... nem tinha ideia de que a perdera. Agradeceu-me de um modo muito confuso, mas não acho que tenha me reconhecido.

— Ora, meu bem — disse Lily. — Ele só viu você de passagem, poucas vezes, no vestíbulo.

Os dois dançavam agora ao som de uma vitrola.

— Você dança que é uma beleza! — disse Tom.

— Abrace-me mais — murmurou Lily, e se agarrou mais ao rapaz.

Continuaram a dançar, até que Lily perguntou de repente:

— Você disse há pouco Euston ou Paddington? Falo de onde encontrou o velho Cust.

— Foi em Euston.

— Tem certeza?

— Claro que sim. Em que está pensando?

— Curioso. Sempre pensei que se fosse a Cheltenham pela estrada de Paddington.

— E você está certa. Mas acontece que o velho Cust não ia para Cheltenham e sim para Doncaster.

— Cheltenham, querido.

— Doncaster. Eu vi, garota! Além do mais, não lhe disse que apanhei a passagem de trem que ele deixou cair?

— Está bem, mas ele *me* falou que ia a Cheltenham. Tenho certeza.

— Você pode ter ouvido mal. O certo é que tomou o trem para Doncaster. Algumas pessoas vão lá arriscar a sorte. Eu também fiz uma aposta no Pirilampo, no prêmio St. Leger, e gostaria de vê-lo correr.

— Não acho que o Sr. Cust frequente hipódromos, não tem jeito de turfista. Ah, Tom, faço votos para que ele não seja vítima desse assassino que anda por aí. É em Doncaster que ABC pretende cometer seu novo crime.

— Cust não corre esse perigo. Seu nome não começa por D.

— Ele podia ter sido morto da última vez. Estava bem perto de Churston, em Torquay, quando aconteceu o assassinato anterior.

— Estava ali, hem? É muita coincidência junta, não? — Riu. — Mas ele não esteve em Bexhill daquela outra vez, ou esteve?

Lily franziu as sobrancelhas, retrucando:

— Sei que estava ausente... Sim, lembro-me disso porque ele esquecera seu calção de banho. Mamãe estava consertando-o para ele. E ela disse, então: "E o Sr. Cust acabou viajando ontem sem o seu traje de banho", e eu comentei: "Ah, pensar agora num velho calção de banho quando uma garota acaba de ser estrangulada em Bexhill. Um crime terrível!"

— Bem, se ele pediu à sua mãe para consertar o calção de banho é porque pretendia ir à praia. Escute, Lily — disse Tom, com ar divertido —, que me diz de esse velho maluco ser o assassino em pessoa?

— O pobre Sr. Cust? Seria incapaz de matar uma mosca — riu.

Voltaram a dançar muito felizes. Aparentemente, para eles, só importava o prazer de estar juntos. Mas em seu subconsciente algo os inquietava...

Capítulo 23



Doncaster, 11 de setembro

Doncaster!

Acho que nunca me esquecerei daquele 11 de setembro. O fato é que toda vez que ouço falar do prêmio St. Leger, automaticamente meus pensamentos se voltam não para a corrida de cavalos, mas para aquele crime.

Ao evocar minhas próprias sensações, o que mais se impõe *é* um incômodo sentimento de insuficiência. Estávamos ali, no centro dos acontecimentos, Poirot, eu, Clarke, Fraser, Megan Barnard, Thora Grey e Mary Drower, e, em última instância, *o que podíamos fazer?*

Tínhamos formado um grupo para uma missão desesperada, buscando reconhecer, entre uma multidão de milhares de pessoas, um rosto ou figura vista de relance uma vez apenas, havia dois ou três meses.

As dificuldades, na realidade, eram ainda maiores. De todos nós, a única pessoa em condições de fazer tal reconhecimento era Thora Grey.

Mas uma boa parte de sua serenidade nórdica desapareceu sob a tensão daqueles dias. Seu modo de ser, habitualmente comedido e eficiente, se modificou. Sentada na sala, ela cruzava e descruzava as mãos, quase chorando, tendo no olhar um apelo incoerente para Poirot.

— Na verdade, nem cheguei a observá-lo... Por que devo reconhecê-lo? Mas que tola eu sou! Todos vocês dependendo de mim, todos... e não posso ajudar em nada. Porque, mesmo se o visse de novo, não poderia reconhecê-lo. Tenho uma péssima memória fisionômica.

Apesar de tudo o que já me dissera sobre Thora Grey, e ainda que parecesse não apreciá-la, Poirot mostrou-se gentil com ela nessa ocasião. Havia um toque de ternura em sua voz e em seus gestos, ao dirigir-se à moça. Deduzi então que Poirot, tanto como eu, não era indiferente a uma bela mulher em apuros.

Pousando a mão com suavidade no ombro da jovem, ele disse:

— Que é isso, *petite,* nada de nervosismos. Não queremos vê-la assim. Se você puder ver esse homem, será capaz de reconhecê-lo.

— Como o senhor sabe disso?

— Ah, por muitos motivos... um deles, porque ao negro se segue o vermelho.

— Que quer dizer com isso, Poirot?! — exclamei.

— Estou usando o linguajar do jogo. Na roleta, pode ocorrer uma incidência do preto... mas no fim *o vermelho deve aparecer.* Trata-se da lei da matemática das probabilidades.

— Fala de uma reviravolta da sorte?

— Exatamente, Hastings. E é aí que o jogador (e o assassino, que afinal de contas é apenas um tipo superior de jogador, já que não arrisca seu dinheiro, mas a sua vida) deixa de ser previdente. Como *está* ganhando, pensa que *continuará* a ganhar! Assim, não se retira da mesa de jogo na hora certa, com os bolsos cheios. Também no terreno do crime, o assassino que é bem sucedido *não pode admitir a possibilidade de vir a fracassar!* Ele *se* acredita destinado a vencer sempre, mas eu lhes digo, meus amigos, por melhor planejado que seja, um crime, para ser bem sucedido, depende da sorte!

— Não acha que está exagerando um pouco? — objetou Franklin Clarke.

Poirot moveu as mãos com veemência.

— Não, não. As chances podem ser equilibradas, se prefere assim, mas a sorte *deve* inclinar-se a seu favor. Pense bem! Podia ter acontecido de alguém entrar na loja da Sra. Ascher justamente quando o assassino saía dali. Essa pessoa pode ter cismado de olhar atrás do balcão, ter visto então a mulher morta e corrido para deter o criminoso, ou ainda tê-lo descrito corretamente para a polícia, que deveria prendê-lo logo a seguir.

— Sim, naturalmente, isso é possível — admitiu Clarke. — O que equivale a dizer que a sorte coube, nesse caso, ao assassino.

— Precisamente. Um assassino é sempre um jogador. E, como muitos jogadores, nem sempre sabe quando deve parar. A cada novo crime, sua opinião acerca de suas próprias aptidões é reforçada. Seu senso de equilíbrio fica embotado. Ele não diz: "Tenho sido esperto e contado com a *sorte!"* Não, ao contrário disso, dirá: "Tenho sido esperto!" E o alto conceito em que tem sua engenhosidade se amplia, e aí então, *mes amis,* a roleta gira, e a sequência colorida se encerra... a bolinha incide sobre um novo número, e o crupiê grita: "Vermelho".

— Acha então que isso ocorrerá neste caso? — perguntou Megan, erguendo as sobrancelhas.

— *Terá* que acontecer, mais cedo ou mais tarde! Até agora *a sorte tem acompanhado o criminoso,* mas de repente deverá mudar e ficar do nosso lado. E acredito que *já tenha* mudado! A pista fornecida pelas meias é o começo. Agora, em vez de tudo *dar certo* para ele, tudo lhe sairá *errado.* E ele, também, deve começar a cometer erros...

— Reconheço que está nos encorajando — disse Franklin Clarke. — Todos nós precisamos de um pouco de estímulo. Desde que acordei, hoje, estou sentindo um desânimo muito grande.

— Acho muito difícil que possamos realizar algo de alcance prático — disse Donald Fraser.

— Não seja derrotista, Don — observou Megan, com energia.

Mary Drower, um pouco constrangida, disse:

— Só digo é que nunca se sabe com quem estamos lidando. Esse maníaco anda por aí e, no entanto, nós estamos aqui sem saber como reconhecê-lo. E pensar que às vezes nos reencontramos com alguém do modo mais pitoresco possível, quando não desejaríamos...

Eu disse, com certa exasperação:

— Se ao menos pudéssemos fazer algo mais...

— Hastings, deve saber que a polícia está fazendo tudo o que é humanamente possível. Agentes especiais foram convocados. O nosso bom inspetor Crome pode ter lá seus defeitos como pessoa, mas *é* um oficial de polícia competente, e o coronel Anderson, o comissário-chefe, é um homem de ação. Eles tomaram todas as providências para vigiar e patrulhar a cidade, especialmente o hipódromo. Policiais à paisana estarão espalhados por toda parte. E há também a campanha feita pela imprensa. O público está devidamente alertado.

Donald Fraser moveu a cabeça, dizendo:

— Ele não irá atacar dessa vez. — Mostrando-se mais esperançoso, concluiu: — Só sendo mesmo um louco!

— Infelizmente ele é louco — retrucou Clarke, secamente. — O que acha, Sr. Poirot? Esse homem irá desistir ou tentará levar adiante seu plano?

— A meu ver, sua obsessão é tão intensa que ele *deverá* tentar cumprir sua promessa! Desistir seria admitir seu fracasso, algo que seu egoísmo doentio jamais permitiria. Devo dizer que esta é, também, a opinião do Dr. Thompson. Nossa esperança é que ele venha a ser capturado ao tentar a consumação do crime.

— Ele terá que ser bem esperto — disse Donald. Poirot olhou seu relógio. Compreendemos seu gesto.

Fora combinado que estaríamos em ação o dia todo, percorrendo o maior número possível de ruas pela manhã, e, mais tarde, ocupando os vários locais de acesso ao hipódromo.

Eu disse "nós". Naturalmente, no meu caso particular, tal patrulhamento era de pouca valia, já que eu nunca pusera os olhos em ABC. Contudo, como a ideia era nos separarmos a fim de cobrir uma área a mais ampla possível, sugeri que me permitissem atuar como escolta de uma das três moças.

Poirot concordou, e tive a impressão de que havia uma ponta de malícia em seu olhar.

As moças foram apanhar seus chapéus. Donald Fraser estava parado junto à janela, olhando para fora, aparentemente mergulhado em seus pensamentos.

Franklin Clarke relanceou o olhar para o rapaz e, notando, pela sua abstração, que ele não iria prestar atenção na conversa, ergueu a voz um pouco, dirigindo-se a Poirot:

— Ouça, Sr. Poirot. Sei que esteve em Churston, e conversou com minha cunhada. Será que ela não disse, ou insinuou... quero dizer, sugeriu qualquer coisa... — interrompeu-se, embaraçado.

Poirot retrucou com um ar de pura inocência, que despertou em mim uma forte suspeita.

— *Commcnt?* Sua cunhada disse, insinuou ou sugeriu o quê, afinal?

Franklin Clarke mostrou-se mais embaraçado ainda ao observar:

— Talvez o senhor ache que não é hora de tratarmos de assuntos pessoais...

— *Du tout!*

— Mas eu gostaria de ver as coisas bem esclarecidas.

— Um propósito muito elogiável.

Dessa vez senti que Clarke começou a desconfiar que a expressão suave e cordial de Poirot ocultava um divertimento íntimo. E ele passou a se expressar da maneira mais rudemente objetiva.

— Minha cunhada é uma mulher muito distinta, amável, sempre a estimei muito, mas já se acha enferma há algum tempo. E, tratando-se desse tipo de doença, tendo de tomar certas drogas para suportar as dores, é natural que se exaspere ou, como é muito comum, passe a *inventar* coisas sobre as pessoas!

— Ah, sim?

Agora não havia como ignorar o brilho meio irônico do olhar de Poirot.

Mas Franklin Clarke, absorvido em seus rodeios diplomáticos, não notou tal detalhe.

— O assunto se refere a Thora... à Srta. Grey — disse Clarke.

— Ah, é sobre a Srta. Grey que está falando? — A entonação de Poirot aparentava uma certa surpresa ingênua.

— Sim. Lady Clarke enfiou certas ideias na cabeça. O senhor sabe, Thora... a Srta. Grey é uma bonita moça...

— Acho que sim — admitiu Poirot.

— E as mulheres, mesmo a melhor delas, são um bocado maldosas em relação a outras mulheres. Naturalmente, Thora era uma auxiliar inestimável para meu irmão, ele sempre dizia que ela era a melhor secretária que já tivera, e a apreciava bastante, sem dúvida. Mas, entre ambos, o que houve foi sempre uma amizade franca e honesta. Quero dizer que Thora não é do tipo de moça que...

— Não? — disse Poirot, levando o outro a prosseguir.

— Mas o fato é que minha cunhada passou a alimentar certas ideias... ciúmes, suponho. Não que o demonstrasse abertamente. Mas, após a morte de Car, quando se tratou da permanência da Srta. Grey em nossa casa... Bem, Charlotte assumiu uma atitude drástica. Naturalmente, isso se deve à sua doença e às doses de morfina e tudo o mais; a enfermeira Capstick o atesta, e diz que não devemos censurar Charlotte por ter esses caprichos...

Clarke fez uma pausa um pouco demorada.

— E então?

— O que desejo que entenda, Sr. Poirot, é o fato de não haver nenhum fundamento nessa história toda. São apenas fantasias próprias da imaginação de uma mulher enferma. Veja — tirou um envelope do bolso do casaco —, aqui está uma carta que recebi de meu irmão quando me encontrava na Malásia. Gostaria que a lesse, porque esclarece justamente o relacionamento que havia entre Car e a Srta. Grey.

Poirot pegou a carta. Franklin colocou-se ao lado de meu amigo e leu em voz alta alguns trechos que indicou com o dedo:

— "... as coisas aqui continuam correndo como sempre. Charlotte tem tido suas dores minoradas na medida do possível. Gostaria que se pudesse fazer algo mais por ela. Você se lembra de Thora Grey? É uma ótima moça, e não posso dizer-lhe o quanto sua presença me reconforta. Não saberia o que fazer nesta fase tão difícil, se não fosse ela. Sua simpatia e dedicação são constantes. Ela tem bom gosto e sabe apreciar as coisas belas, além de compartilhar da minha paixão pela arte chinesa. Tive realmente sorte em encontrá-la. Nem uma filha poderia me servir de companhia tão dedicada e atenciosa. A vida dessa moça tem sido difícil e nem sempre feliz, mas sinto-me contente de que agora ela encontre aqui um lar e uma afeição verdadeira."

— Como vê — disse Franklin —, *eis* como meu irmão se sentia em relação a ela. Ele a imaginava como a uma filha. Assim, achei muito injusto que, mal meu irmão tivesse morrido, sua esposa praticamente a expulsasse de Combeside! As mulheres são realmente uns demônios, Sr. Poirot.

— Lembre-se de que sua cunhada está muito doente e infeliz.

— Eu sei. Eis por que guardo estas coisas só para mim. Não se deve julgá-la. Mas, mesmo assim, achei que devia mostrar-lhe a carta. Não desejo que tenha uma impressão errada de Thora devido ao que Lady Clarke possa ter-lhe dito.

Poirot devolveu-lhe a carta, dizendo, com um leve sorriso:

— Posso garantir que nunca me deixo levar por impressões falsas, decorrentes de algo que me *é* dito. Tenho minha maneira pessoal de julgar os fatos.

— Bem — disse Clarke, guardando a carta. — De qualquer modo, estou contente por ter esclarecido a questão com o senhor. Aí vêm as moças. Será melhor irmos logo.

Assim que deixamos a sala, Poirot me chamou a um canto.

— Está decidido a acompanhar a expedição, Hastings?

— Ah, sim. Não me sentiria bem permanecendo aqui, inativo.

— A atividade mental é tão boa quanto a corporal, Hastings.

— Bom, acho que você é melhor nisso do que eu.

— Tem toda a razão, Hastings. Estarei certo ao supor que você pretende servir de cavalheiro para uma das moças?

— Essa é a minha intenção.

— E a qual delas você se propõe honrar com a sua companhia?

— Bem... eu... ainda não pensei nisso.

— Que tal a Srta. Barnard?

— Tem um modo de ser muito independente, a meu ver.

— E a Srta. Grey?

— Seria a mais indicada.

— Estou achando você clara e particularmente desonesto! Descubro agora que, durante todo esse tempo, só pensou em passar o dia com seu anjo louro!

— Ora, francamente, Poirot!

— Lamento alterar seus planos, mas devo requisitá-lo para escoltar outra pessoa.

— Muito bem. Já percebi que você tem um fraco por aquela garota que tem um jeito de boneca holandesa.

— Mary Drower é a pessoa que você deve acompanhar, e peço que não a deixe sozinha um único instante.

— Mas, por quê, Poirot?

— Porque, meu caro amigo, o sobrenome dela começa com D. Não podemos correr nenhum risco.

Reconheci o acerto da sua observação. De saída parecera-me algo forçada, mas então raciocinei que, se ABC tinha um ódio fanático por Poirot, devia estar bem informado sobre os movimentos e relações do meu amigo. E, nesse caso, a eliminação de Mary Drower deveria afetá-lo como um autêntico e contundente quarto golpe.

Prometi então ser merecedor da sua confiança.

Ao sair, vi que Poirot estava sentado numa cadeira perto da janela. À sua frente, uma miniatura de roleta. Ele girou a esfera e, quando eu já alcançara a porta de saída, gritou para mim:

— *Rouge*... isso é um bom presságio, Hastings. A sorte está mudando!

Capítulo 24



(Não faz parte da narrativa pessoal do capitão Hastings)

O Sr. Leadbetter empurrou o corpo mais para trás, na poltrona, e conteve um resmungo de impaciência quando seu vizinho de fila passou por ele, roubando-lhe a visão do que se passava na tela. O homem movia-se meio pesadão, desajeitado, e, antes de passar por Leadbetter, inclinara-se um pouco para recolher seu chapéu, que ficara numa poltrona em frente.

E isso acontecia logo no momento culminante de *Not a sparrow,* pleno de empatia e beleza poética, um filme que o Sr. Leadbetter esperara uma semana inteira para assistir.

A mocinha do filme, de cabelo dourado, interpretada por Katherine Royal (na opinião do Sr. Leadbetter a estrela máxima do cinema mundial), estava justamente dizendo, num desabafo cheio de revolta:

"Nunca. Preferia morrer de fome. Mas não morrerei de inanição. Grave estas palavras: *nem um só pardal sucumbe assim*..."

O Sr. Leadbetter moveu a cabeça com irritação, da direita para a esquerda, duas vezes. "Que gente! Por que, afinal de contas, certas pessoas não podem esperar o filme *terminar* para sair... E se retiram justamente no momento de maior impacto espiritual."

Mas, finalmente, aquele indivíduo importuno já se afastara. O Sr. Leadbetter pôde, assim, ter uma plena visão da tela, onde aparecia a figura de Katherine Royal, imóvel junto à janela da Mansão Van Schreiner, em Nova York.

E, na cena seguinte, a heroína estava tomando o trem, Com a criança em seus braços... Como eram curiosos os trens americanos, não se pareciam com os ingleses.

Ah, ali estava Steve de novo, em sua cabana nas montanhas...

E o filme se encaminhava rapidamente para seu final emotivo e semi-religioso.

O Sr. Leadbetter soltou um suspiro, deliciado com o que vira, assim que as luzes foram acesas. Então ergueu-se, ainda procurando acomodar a vista à luz.

Nunca deixava o cinema depressa. Sempre levava um minuto ou dois para retornar à realidade prosaica da vida cotidiana.

Olhou de relance à sua volta. Havia pouca gente no cinema, naquela tarde. Quase todo mundo fora ver as corridas. O Sr. Leadbetter não gostava de corridas de cavalos, nem de jogar cartas ou de beber e fumar. Assim, tinha mais disposição ainda para desfrutar de seu prazer de ir ao cinema.

Todos se apressavam em sair da sala de exibição. E o Sr. Leadbetter se dispôs a imitá-los. O homem que estava sentado na fila da frente havia adormecido, e estava derreado na poltrona. O Sr. Leadbetter sentiu-se indignado ao pensar que havia alguém capaz de dormir durante a projeção de um drama tão emocionante como *Not a sparrow*.

Foi então que ouviu um cavalheiro bem-vestido dizer ao dorminhoco, cujas pernas, esticadas, lhe estorvavam a passagem:

— Por favor, senhor.

O Sr. Leadbetter já se achava agora próximo da saída. Então olhou para trás, instintivamente.

Parecia que algo de anormal acontecia na fila onde se achava o dorminhoco. O porteiro... um grupinho de curiosos... Talvez aquele homem que estivera sentado à sua frente não tivesse adormecido, quem sabe bebera demais ou...

Hesitou um instante, mas então resolveu sair de vez do cinema. E assim perdeu a ocasião de ver a sensação do dia, bem maior do que a da vitória de Not Half, um azarão que rateara uma pule altíssima no Grande Prêmio St. Leger.

O porteiro do cinema dizia agora ao cavalheiro elegante:

— Acho que tem razão, senhor... Ele está passando mal... Mas o que é isso?

O outro olhava agora a sua mão direita meio aturdido. Era visível a mancha de algo viscoso, avermelhado.

— É sangue...!

O porteiro soltou uma exclamação abafada, pois acabara de ver alguma coisa de cor amarelada quase embaixo do assento da poltrona.

— Caramba! — exclamou. — *Isto aí é um... ABC!*

Capítulo 25



(Não faz parte da narrativa pessoal do capitão Hastings)

O Sr. Cust saiu do Cine Regal e olhou para o céu.

Um belo anoitecer... Uma noite realmente bela...

E veio-lhe à mente uma citação poética de Robert Browning... "Deus está em Sua morada celestial. Tudo está em ordem."

Sempre apreciara essa mensagem poética. Só que havia ocasiões, bem frequentes, em que achava que seu conteúdo não era verdadeiro...

Continuou caminhando sem pressa pela rua, sorrindo para si mesmo, até chegar ao Cisne Negro, onde se hospedara.

Subiu a escada e alcançou seu quarto, pequeno e abafado, no segundo andar, que dava para um pátio interno cimentado e uma garagem.

Assim que entrou no quarto, seu sorriso murchou de repente. Havia uma mancha na manga do seu paletó, perto do punho. Tocou-a de leve: úmida e vermelha... Sangue...

Enfiou a mão no bolso e tirou uma faca fina e comprida. A lâmina também estava pegajosa e vermelha...

O Sr. Cust ficou ali sentado um longo tempo.

Por uma vez apenas seu olhar, como o de um animal acuado, vagou pelo quarto.

Umedecia sem cessar os lábios ressecados.

— A culpa não foi minha — murmurou.

Era como se estivesse argumentando com alguma pessoa, um menino suplicando ao diretor da sua escola.

Continuou a passar a língua pelos lábios, angustiado.

Novamente, tateou a manga do casaco.

Seu olhar percorreu então o quarto e parou na bacia.

Um minuto depois, já estava derramando água na bacia com um jarro fora de moda. Tirando o casaco, pôs-se a lavar a manga com cuidado, procurando

remover a mancha de sangue...

Com horror, viu que a água foi ficando avermelhada... Bateram à porta e ele ficou imóvel, tenso. A porta foi aberta. Uma mulher moça e gorducha entrou, com uma vasilha na mão.

— Ah, desculpe, senhor. Sua água quente. Cust se esforçou para dizer algo.

— Obrigado... Mas já lavei as mãos com a fria... Por que dissera aquilo? Imediatamente seu olhar pousou na bacia.

Disse depressa, com agitação: — Eu... eu feri a mão...

Houve uma pausa, na realidade bem longa, até que a moça disse: — Sim, senhor.

E saiu, fechando a porta.

O Sr. Cust ficou imóvel, como que transformado em estátua.

Permaneceu tenso, à escuta.

Finalmente... Seriam vozes, exclamações abafadas, passos subindo as escadas?

Não conseguia ouvir nada, a não ser as batidas de seu próprio coração...

Então, subitamente, saindo de sua imobilidade, passou a agir.

Vestiu rapidamente o casaco, foi na ponta dos pés até a porta e abriu-a. Nenhum ruído exceto o murmúrio das pessoas que conversavam no bar. Alcançou o alto da escada, movendo-se devagarinho...

Ninguém ali também. Era uma sorte. Desceu a escada. Que caminho pegaria agora?

Tomou uma decisão rápida, passando depressa pelo corredor e alcançando logo a porta que dava para o pátio. Dois motoristas estavam na garagem, consertando seus carros e discutindo sobre perdas e danos.

O Sr. Cust atravessou rapidamente o pátio e logo ganhou a rua. Dobrou a primeira esquina à direita, depois à esquerda e de novo à direita...

Correria o risco de ir até a estação?

Sim, ali haveria muita gente em movimento, trens especiais, e se a sorte continuasse de seu lado tudo lhe sairia certo...

Se ao menos a sorte estivesse com ele...

Capítulo 26



(Não faz parte da narrativa pessoal do capitão Hastings)

O inspetor Crome ouvia as declarações do Sr. Leadbetter, feitas com grande nervosismo.

— Eu lhe asseguro, inspetor, meu coração ameaça parar quando penso no que houve. *Ele* devia estar sentado ao meu lado durante a projeção!

Crome, indiferente ao comportamento do coração do Sr. Leadbetter, disse:

— Pode me explicar com clareza o que aconteceu? Aquele homem saiu quase ao final do filme...

— *Not a sparrow,* com Katherine Royal — murmurou Leadbetter, automaticamente.

— Ele passou pelo senhor movendo-se desajeitadamente...

— *Simulava* isso, percebo agora. Então inclinou-se sobre a poltrona da frente para apanhar seu chapéu. Foi quando deve ter apunhalado aquele pobre homem.

— E o senhor não ouviu nada? Um grito? ou um gemido?

O Sr. Leadbetter nada ouvira a não ser a explosão de revolta de Katherine Royal na pele da heroína do filme, mas, com a sua imaginação muito viva, inventou um gemido.

O inspetor Crome tomou esse gemido em seu valor aparente e convidou Leadbetter a prosseguir.

— E então ele saiu...

— Pode descrevê-lo para nós?

— Era bem alto. Uns dois metros. Parecia um gigante.

— Louro ou moreno?

— Bem... não sei exatamente. Acho que era calvo. Um tipo de aspecto sinistro.

— Por acaso era coxo? — indagou o inspetor Crome.

— Sim, sim, agora que o senhor tocou nisso, acho que ele mancava um pouco. E era muito moreno, pode ser um mestiço.

— E estava sentado ao lado do senhor antes de começar a sessão?

— Não. Chegou depois de começado o filme.

O inspetor Crome inclinou a cabeça, assentindo, pediu ao Sr. Leadbetter que assinasse sua declaração e viu-se livre dele.

— Como testemunha, não se poderia encontrar outra pior — observou Crome, com ar pessimista. — Não disse coisa com coisa. Está claro que não tem a menor ideia da aparência do nosso homem. Vamos ouvir o que o porteiro do cinema tem para dizer.

O porteiro, muito teso e com pose de militar, entrou e ficou à espera, fixando o olhar no coronel Anderson.

— Agora, Jameson, conte-nos o que viu.

— Sim, senhor. Quando a sessão terminou, vieram me dizer que havia um homem passando mal. Ao me aproximar, vi que ele estava afundado na poltrona. Algumas pessoas olhavam a cena, e um senhor bem-vestido tocou o casaco do homem doente, manchando seus dedos de algo que logo vimos ser sangue, senhor. Estava claro que aquele homem morrera... apunhalado. Aí minha atenção foi despertada por um guia ABC caído entre os pés do morto. Achei melhor não tocar em nada e avisei imediatamente a polícia, relatando o ocorrido.

— Muito bem, Jameson. Você agiu corretamente.

— Obrigado, senhor.

— Não viu um homem sair da fila logo atrás, uns cinco minutos antes de terminar a sessão?

— Vi vários, senhor.

— Poderia descrevê-los?

— Sinto que não, senhor. Sei apenas que um deles era o Sr. Geoffrey Parnell. E havia também um moço que conheço, Sam Baker, com sua jovem esposa. Não notei mais ninguém em especial.

— Uma pena. É tudo, Jameson.

— Sim, senhor.

Jameson saiu depois de uma breve saudação cerimoniosa.

— O legista já nos entregou o seu laudo — disse o coronel Anderson. — Seria bom falarmos com o cavalheiro que chegou a tocar no morto.

Nesse momento um policial entrou na sala, dizendo, após perfilar-se diante do coronel:

— O Sr. Hercule Poirot está aqui com um outro senhor.

O inspetor Crome franziu a testa, comentando:

— Muito bem. Suponho que seja melhor recebê-lo...

Capítulo 27



O crime de Doncaster

Entrando logo após Poirot, pude ouvir o final do comentário do inspetor Crome.

Mas tanto ele como o comissário-chefe pareciam preocupados e deprimidos.

O coronel Anderson cumprimentou-nos com um gesto de cabeça.

— Estou contente que tenha vindo, sr. Poirot — disse polidamente. Acho que imaginou que tivéssemos ouvido o comentário meio irônico de Crome. — Como vê, estamos com a garganta entalada de novo.

— Um outro crime de ABC?

— Sim. Um trabalho um bocado audacioso. Nosso homem só fez inclinar-se sobre uma poltrona e apunhalar a vítima pelas costas.

— Usou outra arma desta vez?

— Sim, ele varia um bocado de métodos, hem? Golpe na cabeça, estrangulamento e agora uma facada. Diabolicamente versátil... Aqui está o laudo do legista, se desejar vê-lo.

Anderson empurrou os papéis sobre a mesa para que Poirot os recolhesse.

— O morto já foi identificado? — indagou Poirot. — Sei que havia um guia ABC sob o assento da poltrona — acrescentou de imediato.

— Sim. Um ABC voltou a ser encontrado... se isso *é* motivo de satisfação para nós. O morto chamava-se George Earlsfield e era barbeiro.

— Curioso — observou Poirot.

— Nosso homem pode ter saltado uma letra — sugeriu o coronel.

Meu amigo moveu a cabeça com ar de dúvida.

— Poderíamos fazer entrar a próxima testemunha? — perguntou Crome. — Ele está ansioso para voltar para casa.

— Sim, sim, faça-o entrar.

Um homem de meia-idade, parecidíssimo com a lacaio-rã de *Alice no País das Maravilhas,* foi introduzido na sala. Estava bastante nervoso, e sua voz vibrava de excitação.

— Foi a experiência mais chocante que já vivi — confessou, com voz meio esganiçada. — Tenho uma deficiência cardíaca, senhor... um coração muito fraco, podia até ter morrido.

— Seu nome, por favor — disse o inspetor.

— Downes. Roger Emmanuel Downes.

— Profissão?

— Sou professor da Highfield School.

— Agora, Sr. Downes, desejamos que nos conte com suas próprias palavras o que aconteceu no cinema.

— Posso resumir com facilidade o que houve, senhores. Terminada a sessão, eu me levantei. A poltrona à minha esquerda estava vazia, mas a seguinte permanecia ocupada por um homem aparentemente adormecido. Eu não podia passar por ele porquanto estava com as pernas esticadas para a frente. Pedi-lhe então licença para passar. Como ele não se movesse, repeti meu pedido num tom... bem, um pouco mais alto. Nenhuma resposta. Então toquei em seu ombro para despertá-lo. Foi quando seu corpo pendeu para a frente e eu me dei conta de que estava desmaiado ou seriamente doente. Aí gritei: "Este homem está passando mal. Chamem o porteiro". Este veio. Assim que olhei para a mão com a qual segurara aquele homem, notei que estava pegajosa... Havia sangue em meus dedos... Vi então que o homem fora apunhalado. No mesmo instante, o porteiro deparou com o guia de trens ABC... Asseguro, senhores, foi um choque terrível! Podia ter acontecido algo sério comigo! Eu, que há anos sofro de deficiência cardíaca...

O coronel Anderson estava olhando para o Sr. Downes com uma expressão realmente curiosa. Então observou:

— Pode considerar-se um homem de sorte, Sr. Downes.

— E sou, senhor. Nem tive palpitações!

— Creio que não me entendeu bem, Sr. Downes. Não disse que estava sentado numa poltrona próxima à ocupada pelo morto?

— Na realidade, eu me sentara primeiro na poltrona ao lado da do homem assassinado, depois passei para a outra, pois a da frente estava vazia, permitindo-me ver melhor o filme.

— O senhor tem praticamente a mesma constituição e altura do morto, certo? E na ocasião estava usando cachecol de lã, da mesma forma que ele, não é assim?

— Não estou percebendo... — começou a dizer o Sr. Downes, confuso.

— Pois estou tentando lhe dizer, meu amigo, por que o senhor teve sorte. De um modo ou de outro o assassino seguia o senhor, e cometeu um engano. Em outras palavras, *ele pegou o homem errado.* Sou capaz até de comer meu chapéu, Sr. Downes, se aquela facada não lhe era destinada!

E, apesar de o coração do sr. Downes ter suportado o teste anterior, dessa vez foi incapaz de evitar fortes palpitações. O professor afundou numa poltrona, com o rosto muito pálido, quase sufocado.

— Água — balbuciou. — Um copo d'água...

Foi logo atendido. Bebeu a água, e então seu rosto readquiriu a cor normal.

— Mas eu? Por que eu? — murmurou então.

— Porque parece ter sido assim — respondeu Crome. — Na verdade, é a única explicação plausível para o caso.

— Está querendo dizer que aquele homem... o demônio personificado, um louco sedento de sangue, foi atrás de *mim,* dentro do cinema, aguardando uma oportunidade para...?

— Tudo indica que sim.

— Mas, em nome de Deus, por que *eu?* — indagou o professor da escola para rapazes, com ar ofendido.

O inspetor Crome sentiu-se tentado a responder: "Por que não?" Mas, em vez disso, comentou: — Acho que não se pode esperar que um maníaco tenha razões para fazer o que faz.

— Valha-me Deus! — exclamou o Sr. Downes, quase choramingando.

Levantou-se. Parecia de repente mais velho e alquebrado.

— Se não desejam mais nada de mim, preciso voltar para casa, senhores. Eu... não me sinto muito bem.

— Pode ir em paz, Sr. Downes. Um policial irá acompanhá-lo, apenas para a sua segurança pessoal, já que não se sente bem.

— Ah, não, não é preciso, obrigado.

— Mas pode ser necessário — disse o coronel Anderson, secamente.

Lançou um olhar disfarçado ao inspetor, fazendo-lhe uma pergunta muda. Crome fez um gesto quase imperceptível.

O Sr. Downes retirou-se, meio vacilante.

— Positivamente, ele não entendeu bem a situação — disse o coronel Anderson. — Um ou dois homens devem vigiá-lo, certo?

— Sim, senhor. O inspetor Rice já tomou providências. A casa dele será vigiada.

— O senhor acha que, ao dar pelo seu engano, ABC tentará um novo golpe? — perguntou Poirot.

— Existe tal possibilidade — disse Anderson. — Esse ABC parece ser um sujeito metódico. O fato de as coisas não terem saído de acordo com o programa deverá transtorná-lo.

Poirot moveu a cabeça, pensativo.

— Se pudéssemos obter uma descrição desse indivíduo — disse o coronel Anderson, irritado. — Agora estamos mais no escuro do que antes.

— Ele vai aparecer — disse Poirot.

— Pensa assim? Bem, é possível. Mas, que diabo, será que ninguém chegou a pôr os olhos no rosto desse sujeito?

— Tenha paciência.

— Parece muito confiante, Sr. Poirot. Há algum motivo para esse otimismo?

— Sim, coronel Anderson. Até então, o assassino não cometera um erro. Agora vê-se forçado a cometer outro.

— Se isso é tudo o que tem a dizer... — começou o coronel Anderson, com certa mordacidade, mas foi interrompido nesse instante.

— O Sr. Ball, do Cisne Negro, está aqui com uma mocinha, senhor — disse um policial. — Afirma que tem algo a dizer que poderá ajudá-los.

— Pois faça-os entrar. Precisamos mesmo de ajuda.

O Sr. Ball, do hotel Cisne Negro, era um homem corpulento, de movimentos e reflexos um pouco lentos. Cheirava a cerveja de longe. Com ele estava uma moça gordinha, olhando para tudo ali com evidente nervosismo.

— Espero não me intrometer ou roubar seu precioso tempo — disse o Sr. Ball, com uma voz grossa, arrastada. — Mas esta moça, Mary, garante ter alguma coisa a contar que interessará aos senhores.

Mary riu baixinho, com ar inibido.

— Bem, minha jovem, de que se trata? — indagou Anderson. — Qual é seu nome?

— Mary, senhor, Mary Stroud.

— Está bem, Mary, agora conte o que sabe. Mary buscou seu patrão com o olhar.

— Faz parte do serviço dessa garota levar água quente ao quarto dos hóspedes — disse o Sr. Ball, vindo em auxílio da jovem. — No momento, temos doze cavalheiros no hotel. Alguns vieram para as corridas e outros são caixeiros viajantes.

— Sim, sim — disse Anderson, impaciente.

— Vamos, menina — insistiu o Sr. Ball. — Conte sua história. Não há motivo para ficar com medo.

Mary suspirou, tomou fôlego e, com a voz meio travada, começou a contar:

— Bati na porta e, como não obtivesse resposta, esperei um instante. Não devia ter entrado a menos que o hóspede me autorizasse, mas, como não houve resposta quando insisti, resolvi abrir a porta, que não estava fechada à chave. E aí eu o vi lavando as mãos... — A garota fez uma pausa, meio ofegante devido ao nervosismo.

— Continue, minha jovem — disse Anderson.

Mary arriscou um olhar para o seu patrão, meio indecisa, mas ele a animou com um aceno de cabeça, e ela prosseguiu no mesmo tom excitado:

— "Trouxe sua água quente, senhor", disse eu, mas ele respondeu: "Eu me lavei com a fria mesmo"; então, naturalmente, olhei para a bacia e... Ah, meu Deus, *a água estava toda vermelha!*

— Vermelha? — exclamou Anderson, vivamente. Ball ajudou novamente a garota:

— Ela me disse que o hóspede tirara o paletó e segurava a manga, que estava molhada... não foi assim, garota?

— Sim, senhor, foi o que vi. — E acrescentou, com precipitação: — O rosto dele... Ah, senhor, estava muito esquisito, com um olhar que me deu medo.

— E quando foi isso? — perguntou Anderson, bruscamente.

— Se estou bem lembrada, por volta das cinco e quinze.

— Há três horas — resmungou Anderson. — Por que não veio logo nos procurar?

— Não soube dessa história na hora — retrucou Ball. — Só quando ouvi algo a respeito de um novo crime é que Mary, muito nervosa, contou-me o incidente, senhor. Ela disse que a água da bacia estava suja de sangue. Bem, eu não confiei muito na história e fui verificar. Não havia ninguém no quarto do tal hóspede. Andei fazendo perguntas, e um dos rapazes lá da garagem me disse que vira um sujeito sair apressado do hotel. A descrição conferia. Então eu disse a Mary que devia ir à polícia. Ela não gostou muito da sugestão, estava muito nervosa, e aí me prontifiquei a acompanhá-la.

O inspetor Crome apanhou uma folha de papel e, fitando a mocinha, disse:

— Descreva o tal homem. Seja clara e breve, não há tempo a perder.

— Era de estatura normal, meio encurvado, e usava óculos.

— Como estava vestido?

— Com um terno preto e um chapéu mole, de feltro. Sua roupa parecia surrada.

Pouco mais ela conseguiu acrescentar a esses dados.

O inspetor Crome não quis ir além no interrogatório, pois seria inútil. Os telefones da central de polícia entraram logo em ação, mas nem o inspetor nem o delegado se mostravam muito otimistas.

Crome atentou para o detalhe de que o homem não levava nenhuma valise ou embrulhos quando fora visto saindo do hotel.

— Assim, há uma chance ainda — comentou.

Dois policiais foram enviados ao Cisne Negro.

O Sr. Ball, com ar de quem se sente orgulhoso e importante, e Mary, ainda assustada, acompanharam-nos. Um dos agentes voltou dez minutos depois.

— Eu trouxe o livro de registro de hóspedes, senhor. Aqui está a assinatura do tal homem.

Todos nós olhamos o livro. A letra era miúda e apertada, nada fácil de ler.

— A. B. Case... ou será Cash? — disse Anderson.

— ABC — murmurou Crome, de modo significativo.

— E quanto à bagagem? — perguntou Anderson.

— Uma valise de bom tamanho, senhor, cheia de pequenas caixas de papelão.

— Caixas? Com quê?

— Meias, senhor. Meias de seda. Crome voltou-se para Poirot e disse:

— Meus parabéns. Seu palpite estava certo.

Capítulo 28



(Não faz parte da narrativa pessoal do capitão Hastings)

O inspetor Crome estava em sua sala, na Scotland Yard. O telefone que ficava em sua mesa soou com um ruído discreto e ele atendeu logo.

— É Jacobs, inspetor. Está aqui um rapaz que me contou algo que o senhor talvez goste de ouvir.

O inspetor suspirou. Diariamente, umas vinte pessoas em média apareciam ali com alguma informação pretensa-mente importante sobre o caso ABC. Alguns eram simplesmente tipos desequilibrados, outros, criaturas bem-intencionadas que acreditavam realmente que tinham algo útil a informar. Era dever do sargento Jacobs agir como uma peneira humana, retendo o material imprestável e selecionando o que parecia aproveitável para o inspetor.

— Muito bem, Jacobs — disse Crome. — Mande-o entrar.

Pouco depois batiam à porta do inspetor, e o sargento Jacobs entrava, acompanhando um rapaz alto, de aparência razoável.

— Este é o Sr. Tom Hartigan, chefe. Ele tem informações que talvez tragam algum esclarecimento sobre o caso ABC.

O inspetor ergueu-se e, com amabilidade, apertou a mão do rapaz.

— Bom dia, Sr. Hartigan. Não quer sentar-se? Fuma? Quer um cigarro?

Tom Hartigan sentou-se, meio desajeitado, olhando com certo temor respeitoso para aquele homem que catalogara mentalmente como "um dos mandachuvas". Mas logo a aparência do inspetor o desapontou um pouco. Parecia uma pessoa tão comum!

— Agora vamos. — disse Crome. — Tem algo a nos contar que acha que servirá para nos ajudar a esclarecer o caso. Pois vá em frente.

Tom começou a falar, meio nervoso:

— Bem, pode ser que não valha a pena. É apenas uma ideia minha. Talvez esteja roubando seu tempo.

O inspetor Crome suspirou de novo, discretamente. Que tempo enorme tinha de perder para animar as pessoas a falar!

— Quem pode julgar melhor isso somos nós, aqui. Vamos aos fatos, Sr. Hartigan.

— Bem, senhor, o caso é o seguinte. Namoro uma jovem, sabe, e a mãe dela aluga quartos. Lá pelos lados de Camden Town. O quarto dos fundos, no segundo andar, fora alugado por um ano a um homem chamado Cust.

— Cust...

— Exato, senhor. Um tipo de meia-idade com um jeito de quem já apanhou muito da vida, meio confuso e caladão. Dessas pessoas que nunca matariam uma mosca, o senhor sabe... e eu nunca pensaria que ele fosse capaz de fazer algo ruim se não tivesse acontecido uma coisa que achei muito estranha.

E de um modo algo enrolado, repetindo-se com frequência, Tom descreveu seu encontro casual com o Sr. Cust na estação de Euston e o incidente do bilhete perdido.

— Como o senhor pode observar, de qualquer modo que se encare o fato, não deixa de ser divertido. Lily, a minha garota, afirmou que ele se referira a Cheltenham, e sua mãe confirma isso. Ela se recorda distintamente de terem falado nisso na manhã em que ele partiu. Naturalmente, não prestei muita atenção a esse detalhe na ocasião. Lily disse recear que Cust fosse vítima desse tal ABC ao ir a Doncaster, e disse também que havia muita coincidência no fato de Cust ter estado perto de Churston por ocasião do crime anterior. Rimos e eu lhe perguntei então se ele por acaso não estivera em Bexhill anteriormente, e ela respondeu não saber exatamente se Cust estivera lá, mas que fora a um balneário, disso tinha certeza. Foi aí que comentei com ela a hipótese de ele ser o próprio ABC. Uma piada, é claro. Ela falou que o pobre Sr. Cust não mataria uma mosca, e a coisa morreu aí. Não pensamos mais no assunto. Pelo menos da maneira como eu tinha feito até ali. Depois comecei a matutar sobre esse tal Cust e pensei que, afinal de contas, inofensivo como ele parecia, devia ser um bocado biruta.

Tom parou para tomar fôlego e então prosseguiu. O inspetor Crome agora já o ouvia com interesse.

— E aí aconteceu esse crime em Doncaster, senhor, e li nos jornais que se buscavam informações sobre o paradeiro de um certo A. B. Case ou Cash. A descrição desse indivíduo combinava bastante com a de nosso amigo. Dei um pulo à pensão e perguntei a Lily se ela sabia as iniciais do nome completo do Sr. Cust. Ela não soube me dizer, mas sua mãe se lembrou que eram A. B. Aí fomos mais longe no assunto e imaginamos se Cust não teria estado em Andover por

ocasião do primeiro assassinato. Bem, o senhor sabe que não é fácil rebuscar coisas passadas há três meses. Tivemos uma trabalheira, mas acabamos tendo sorte no final, porque um irmão da Sra. Marbury viera do Canadá para visitá-la justamente no dia 21 de junho. Ele chegou inesperadamente, e sua irmã quis providenciar um quarto para alojá-lo na pensão. Aí Lily sugeriu que Bert poderia ficar no dos fundos, já que o Sr. Cust *estava ausente.* Mas a Sra. Marbury não concordou, achando que não estaria agindo direito com seu inquilino, ela que sempre gosta de proceder com franqueza e honestidade. Mas, graças a esse pequeno incidente, e ao fato de o barco de Bert Smith estar ancorado em Southampton naquela data, chegamos a um bom resultado.

O inspetor Crome escutara com muita atenção, fazendo uma ou outra anotação. Então indagou:

— É tudo?

— Sim, senhor. Espero que não tenha tomado seu tempo à toa com algo que talvez não signifique nada. — E Tom enrubesceu ligeiramente.

— De modo algum. Você agiu certo vindo aqui. Naturalmente, a margem de prova é pequena, essas datas podem significar uma simples coincidência, assim como a questão do nome, também. Mas certamente despertou meu interesse em ter uma conversa com esse Sr. Cust. Ele está em casa agora?

— Sim, senhor.

— Quando voltou?

— Na noite do crime de Doncaster.

— E que esteve fazendo desde então?

— Ele fica em casa a maior parte do tempo, senhor. E anda com um ar muito esquisito, segundo a Sra. Marbury. Compra um monte de jornais, deita-se bem cedo depois de lê-los, naturalmente, e pela manhã bem cedo sai para comprar os matutinos. A Sra. Marbury nos contou também que ele fala um bocado sozinho. Ela acha que o Sr. Cust está ficando meio gira.

— Qual é o endereço da Sra. Marbury?

Tom disse onde ficava a casa da mãe de sua namorada, e Crome observou:

— Obrigado pela informação. Possivelmente cuidarei do assunto ainda hoje. Não preciso recomendar-lhe cuidado e discrição se estiver com esse Sr. Cust.

Crome levantou-se, imitado pelo rapaz, e trocaram um aperto de mão.

— Acredite que fez o que devia fazer vindo procurar-nos. Bom dia, Sr. Hartigan.

Pouco depois que o rapaz saiu, Jacobs voltou a entrar na sala de seu superior, perguntando:

— E então, senhor? Achou boas as informações?

— São promissoras — retrucou o inspetor. — Isto é, se os fatos forem realmente como o rapaz expôs. Ainda não conseguimos nada junto aos fabricantes de meias. Já era tempo de tentar outra coisa. Por falar nisso, traga-me o dossiê do caso de Churston.

Jacobs gastou alguns minutos procurando o que seu chefe pedira.

— Sim, é este. O que eu queria está aqui, entre os depoimentos prestados à polícia de Torquay. Um jovem chamado Hill. Declarou que deixava o Torquay Palladium, após a exibição do filme *Not a sparrow,* quando sua atenção foi despertada por um homem que se comportava de modo esquisito. Falava sozinho. Hill o ouviu dizer: "Eis aí uma boa ideia". Esse filme não é o que estava passando no Cine Regal de Doncaster?

— Sim, senhor.

— Isso pode significar alguma coisa. Às vezes trata-se apenas de uma simples impressão... mas é possível que a ideia do *modus operandi* para seu próximo crime surgisse então na mente de nosso homem. Vejo que temos o nome completo desse Hill e seu endereço. A descrição que fez do tal homem é vaga, mas se encaixa muito bem nas descrições feitas por Mary Stroud e por Tom Hartigan...

Jacobs assentiu, pensativo.

— Talvez estejamos animados agora, quem sabe se com razão, pelo fato de esse homem ter se mostrado sempre reservado, meio estranho.

— Alguma ordem, senhor?

— Coloque dois homens vigiando essa casa de Camclen Town, mas que não façam nosso pássaro voar. Terei uma conversinha com ele. Pensei em ir lá porque achei mais acertado do que trazer esse Cust aqui e perguntar-lhe se gostaria de prestar declarações. Isto daria a impressão de que estávamos prontos para engaiolá-lo.

Tom Hartigan acabara de se encontrar com Lily Marbury, que ficara esperando por ele.

— Foi tudo bem, Tom?

O rapaz assentiu, explicando:

— Falei com o próprio inspetor Crome. É quem está encarregado do caso.

— Como é ele?

— Um bocado tranquilo e cheio de maneirismos, não é o meu tipo de detetive.

— Esse *é* o novo modelo de Lorde Trenchard — disse Lily, com um toque de respeito na voz. — Alguns deles são de primeira. Bem, e o que ele disse?

Tom fez um rápido resumo do encontro.

— Então acham que foi realmente ele?...

— Pensam que deve ser. Seja como for, o inspetor me disse que lhe farão algumas perguntas.

— Pobre Sr. Cust!

— Não fica bem ter pena do Sr. Cust, garota. Se for ABC, cometeu quatro terríveis assassinatos.

Lily suspirou e balançou a cabeça.

— Isso me parece horrível.

— Bom, agora vamos voltar e tomar um bom lanche, querida. Já pensou se minhas suspeitas estiverem certas e meu nome sair nos jornais?

— Ah, Tom, será mesmo?

— Melhor ainda. O seu nome também vai aparecer e o de sua mãe. E tenho um palpite de que seu retrato será publicado, também.

— Que ótimo, Tom! — E Lily pendurou-se no braço do namorado, deliciada com a ideia.

— E, nesse meio tempo, o que me diz de comermos algo no Comer House?

Lily aconchegou-se ainda mais ao rapaz, exclamando:

— Então vamos logo!

— Certo. Espere apenas um minuto. Devo telefonar da estação.

— Para quem?

— Para uma garota com quem eu ia me encontrar... Lily afastou-se dele bruscamente, mas pouco depois desistia de andar sozinha e se juntava ao rapaz, meio sem jeito por levar a sério uma brincadeira.

— Agora, falemos sério, Tom — disse ela, enfiando o braço no dele de novo. — Fale mais sobre sua visita à Scotland Yard. Não viu aquele outro lá?

— De quem está falando?

— Do cavalheiro belga. Aquele a quem ABC sempre escreve.

— Não. Ele não estava lá.

— Bem, conte-me mais coisas. Que aconteceu quando você estava lá dentro? Quem o atendeu e o que você disse?

O Sr. Cust depôs o fone no gancho com delicadeza.

Voltou-se então para a Sra. Marbury, que estava parada à porta de um dos quartos, morta de curiosidade, evidentemente.

— Não é sempre que recebe telefonemas, não, Sr. Cust?

— Não... mesmo, Sra. Marbury.

— Espero que não sejam más notícias...

— Não... não. — Como era insistente aquela mulher... Então arriscou um olho para as manchetes do jornal que segurava.

Nascimentos... Casamentos... Mortes...

— Minha irmã acaba de ter um bebê — foi a saída que o Sr. Cust encontrou.

Ele... que nunca tivera irmãs!

— Ah, meu Deus! Agora... bem, isso é ótimo, sem dúvida. ("Ele nunca mencionou essa irmã em todos esses anos", foi o que ela pensou. "E ainda pensam que esse homem...!") Fiquei surpresa, confesso ao senhor, quando aquela senhora me pediu para falar com o "Sr. Cust". No primeiro minuto, tive a impressão de estar ouvindo a voz da minha Lily, era muito parecida, realmente, mas acredite que senti uma espécie de euforia no ar. Bem, Sr. Cust, aceite meus parabéns sinceros. É o primeiro, ou o senhor já tem outros sobrinhos?

— Este é o primeiro e o único que já tive ou gostaria de ter, e... agora acho que devo viajar. Eles... eles devem estar me esperando lá. Eu... eu penso que ainda dá para apanhar o próximo trem, se me apressar.

— Pretende ficar muito tempo fora, Sr. Cust? — perguntou a Sra. Marbury quando ele já subia a escada.

— Ah, não... dois ou três dias apenas.

O Sr. Cust entrou em seu quarto. A Sra. Marbury entrou na cozinha, pensando, sentimental como era, naquela "pobre e gentil criatura".

Sentiu uma ponta de remorso ao lembrar-se de algo.

Na noite anterior, Tom e Lily, e toda aquela busca e conferência de datas! Tentando provar que o Sr. Cust era aquele monstro horrível, ABC. Apenas por causa de suas iniciais e devido a algumas poucas coincidências.

"Espero que eles não estejam levando isso a sério", pensou a Sra. Marbury, procurando despreocupar-se. "Tomara que se envergonhem do que imaginaram."

De uma maneira muito íntima e inexplicável, o fato de o Sr. Cust ter dito que sua irmã tivera um filho removera efetivamente quaisquer dúvidas porventura alimentadas pela Sra. Marbury, de boa fé, acerca de seu inquilino.

"Espero que ela não tenha tido problemas com o parto, pobrezinha", pensou a Sra. Marbury, ainda sentimental, testando a temperatura do ferro com a ponta do dedo úmido antes de passar a blusa de seda de Lily.

Sua mente aquietou-se quando o rumo de seus pensamentos se fixou em coisas mais corriqueiras.

Enquanto isso, o Sr. Cust descia silenciosamente a escada, com a maleta na mão. Seu olhar pousou um instante no telefone, sobre a mesinha.

Aquela curta conversa de há pouco ainda ecoava em sua mente.

— É o Sr. Cust quem fala? Acho que gostaria de saber que um inspetor da Scotland Yard pretende ir aí conversar com o senhor... O que ele respondera

então? Não conseguia se lembrar... Sim, dissera ao telefone algo assim:

— Obrigado... muito obrigado, minha querida... foi muito gentil da sua parte...

Por que ela lhe telefonara? Seria possível que tivesse adivinhado? Ou desejara apenas sugerir que ele devia permanecer em casa, aguardando a visita do inspetor?

Mas como ela sabia que o tal inspetor viria?

E sua voz... ela a disfarçara ao falar com a mãe.

Parecia... sim, parecia que ela já *estava a par*...

Era bem possível, pensou o Sr. Cust. As mulheres são muito estranhas. Cruéis e ternas, de uma maneira insuspeitada e repentina. Uma vez ele já vira Lily livrar um rato de uma ratoeira.

Uma garota gentil...

Uma gentil e bonita jovem...

Parou perto do grande armário do *hall,* que estava carregado de guarda-chuvas e casacos.

Poderia...?

Um leve ruído vindo da cozinha o levou a decidir-se...

Não, não daria tempo...

A Sra. Marbury poderia voltar à sala e...

Abriu a porta da rua, deu um passo à frente e fechou-a às suas costas...

Para onde...?

Capítulo 29



Na Scotland Yard

Nova reunião.

Presentes o comissário assistente, o inspetor Crome, Poirot e eu.

O comissário estava dizendo no momento:

— Uma boa sugestão de sua parte, Sr. Poirot, essa de checar os que negociam com meias.

Poirot fez um gesto largo com as mãos, retrucando:

— Era o mais aconselhável. Esse homem não poderia ser um representante ou vendedor comum. Vendia os artigos diretamente, sem nenhum vínculo com firma alguma.

— Obteve algo de positivo nesse sentido, inspetor?

— Acho que sim, senhor. — Crome consultou uma pasta. — Devo fazer um apanhado da situação até hoje?

— Sim, faça isso, por favor.

— A verificação que fiz incluiu inicialmente Churston, Paignton e Torquay. Obtive uma relação de pessoas que ele visitou para vender meias. Devo dizer que esse homem agiu de modo muito meticuloso. Hospedou-se no Pitt, um pequeno hotel próximo da Tower Station. Na noite do crime, retornou ao hotel às dez e trinta. Deve ter tomado um trem em Churston às nove e cinquenta e sete, chegando à estação às dez e vinte. Ninguém pôde descrevê-lo, pois não se fixaram nele no trem ou na estação. Mas naquela sexta-feira foi disputada a Regata de Dartmouth, e os trens que vinham de Kingswear estavam praticamente lotados.

"Em Bexhill ocorreu quase o mesmo. Registrou-se no Hotel Globo com o seu próprio nome. Procurou vender meias em cerca de doze casas, inclusive a da Sra. Barnard e a lanchonete Ginger Cat. Deixou o hotel no começo da noite. Chegou de volta a Londres por volta de onze e trinta da manhã seguinte. Em Andover procedeu da mesma forma. Alojou-se no Feathers. Tentou vender as

meias à Sra. Fowler, moradora da casa vizinha à da Sra. Ascher, e a meia dúzia de pessoas na rua. O par comprado pela Sra. Ascher eu obtive da sua sobrinha (de nome Mary Drower), e é idêntico às do estoque do Sr. Cust."

— Até aqui, muito bem — disse o comissário.

— Para apurar uma informação que recebi — continuou o inspetor —, fui ao endereço fornecido a mim por Hartigan, mas soube que Cust saíra dali uma meia hora antes. Recebera um telefonema, segundo me informaram. Foi a primeira vez que ele recebeu um telefonema desse tipo, contou-me a dona da casa.

— Terá um cúmplice? — insinuou o comissário.

— É muito improvável — disse Poirot. — É curioso que... a menos...

Todos nós o olhamos interrogativamente, mas ele se interrompeu e balançou a cabeça, levando o inspetor a prosseguir na leitura do dossiê.

— Revistei meticulosamente o quarto ocupado por Cust. Essa busca serviu para eliminar quaisquer dúvidas que ainda existissem. Encontrei um bloco de papel de carta semelhante ao usado para as cartas de aviso, um bom sortimento de artigos de malha, principalmente meias, e... no fundo do armário onde estavam guardadas as meias, havia um pacote quase do mesmo formato e tamanho, mas com outro conteúdo, como verifiquei logo ao abri-lo. Ali estavam *oito exemplares do guia ABC!*

— Uma prova contundente — disse o comissário.

— Descobri algo mais, também — retrucou o inspetor, cuja entonação de voz se mostrou de repente quase humana, na minha opinião, com ar triunfante. — Só descobri isso esta manhã, senhor. Não tinha tido tempo ainda para anotá-lo. Não havia nem sinal daquela faca no quarto...

— Seria uma atitude imbecil guardar a arma do crime ali — observou Poirot.

— Afinal de contas, ele não é uma criatura racional — observou o inspetor. — Seja como for, ocorreu-me que ele podia muito bem ter trazido a arma para casa e, aí então, intuindo ser perigoso guardá-la ali, como o Sr. Poirot observou, no seu quarto, procurasse escondê-la em outra parte. Que lugar da casa escolheria? Encontrei logo a resposta. O *armário do hall;* ninguém costuma removê-lo. Sendo uma peça muito pesada, tive dificuldade em afastá-la da parede... E lá estava o que procurava! Não havia dúvida alguma. Estava manchada de sangue ressecado.

— Bom trabalho, Crome — disse o comissário. — Só precisamos de mais uma coisa agora.

— O quê?

— Apanhar esse homem.

— Nós o pegaremos, senhor. Não se preocupe. O inspetor falava com segurança.

— Que tem a dizer, Sr. Poirot? Poirot pareceu emergir de um sonho.

— Perdão, não ouvi bem o que dizia.

— Estávamos dizendo que a prisão do nosso homem é pura questão de tempo, agora. Concorda conosco?

— Ah, era isso... Sim, sem dúvida alguma. Estava tão abstraído que todos ali o olharam curiosos.

— Alguma coisa o preocupa, Sr. Poirot?

— Há algo que me preocupa e muito. Trata-se do *por quê.* O *motivo.*

— Mas, meu caro amigo, o homem é louco varrido — disse o comissário, com certa impaciência.

— Entendo o que o Sr. Poirot quer dizer — observou Crome, vindo em seu socorro cortesmente. — Ele está certo. Uma obsessão definida está por trás disso tudo. Acho que encontraremos a raiz do problema num complexo de inferioridade exacerbado. Pode tratar-se, também, de mania de perseguição, e, nesse caso, talvez ele visse o Sr. Poirot como um de seus perseguidores. Pode estar com a impressão de que o Sr. Poirot é um detetive contratado para caçá-lo.

— Hum — murmurou o comissário. — Essa é a maneira de explicar as coisas em moda hoje em dia. No meu tempo, se um homem era louco é porque era mesmo, e não se procurava usar termos científicos para disfarçar o fato. Imagino que um médico de agora venha a sugerir-nos a internação de um homem como esse ABC numa clínica psiquiátrica, dizendo-nos que, após uns quarenta e cinco dias de tratamento e repouso, ele poderá reintegrar-se normalmente à sociedade.

Poirot sorriu, mas não retrucou. A reunião terminara.

— Bem — disse o comissário — Como já disse Crome, prender esse homem é mera questão de tempo.

— Já o teríamos agarrado antes, se não fosse um sujeito de aparência tão comum. Por causa disso, chegamos a importunar pessoas absolutamente inofensivas.

— Gostaria de saber onde ele se encontra neste momento — disse o comissário.

Capítulo 30



(Não faz parte da narrativa pessoal do capitão Hastings)

O Sr. Cust parou perto de uma quitanda.

Olhou para o outro lado da rua.

Sim, era ali.

Sra. Ascher. Vendedora de revistas e cigarros...

Na janela via-se uma tabuleta: "Aluga-se".

Vazia...

Sem vida...

— Desculpe, senhor.

Era a mulher do quitandeiro, procurando apanhar uns limões.

O Sr. Cust se desculpou, saindo do caminho.

Lentamente pôs-se a caminhar, agora na direção da rua principal...

Era difícil, muito difícil mesmo a sua situação, já que estava sem dinheiro...

Não ter comido nada durante aquele dia todo fazia-o sentir-se muito esquisito e meio tonto...

Seu olhar esbarrou num cartaz afixado numa lojinha onde se vendiam jornais e revistas.

"O caso ABC. Assassino ainda está solto. Entrevistas com o Sr. Hercule Poirot."

O Sr. Cust monologou:

— Hercule Poirot. Será que *ele* sabe... Afastou-se dali. Não devia ficar parado, olhando aquele cartaz... Pensou:

— Não tenho mais saída...

Pé ante pé... que estranho seu modo de caminhar... Altamente ridículo...

Mas, afinal de contas, o homem é um animal ridículo... E ele, Alexander Bonaparte Cust, era particularmente grotesco.

Sempre fora.

As pessoas costumavam rir dele...

E não podia censurá-las por isso...

Aonde estava indo? Não sabia. Chegara ao fim da linha. Não olhava agora para outra coisa a não ser seus pés.

Caminhava como se flutuasse.

Olhou para cima. Luzes piscavam à sua frente. E o letreiro...

Distrito policial.

— É engraçado — murmurou o Sr. Cust, e esboçou um risinho frouxo.

Então deu alguns passos à frente. Subiu os poucos degraus e já ia entrar na delegacia quando cambaleou e caiu desmaiado.

Capítulo 31



Hercule Poirot interroga

Era um dia de novembro, de céu claro. O Dr. Thompson e o inspetor-chefe Japp tinham vindo informar a Poirot o resultado do inquérito policial movido contra Alexander Bonaparte Cust.

Estando muito gripado, Poirot não pudera comparecer aos interrogatórios e à audiência preliminar. Felizmente, não exigira que eu o representasse.

— Ele será enviado a julgamento. Eis o que ficou decidido — disse-nos Japp.

— E não lhe será facultado o direito de defesa? Sempre pensei que fosse assim, nessa fase do processo.

— E o procedimento usual nesses casos, realmente — retrucou Japp. — Suponho que o jovem promotor Lucas queira apressar as coisas. Afinal de contas, insanidade é a única alegação que a defesa pode apresentar nesse caso.

Poirot deu de ombros, observando então:

— Alegar insanidade não absolve ninguém. No passado, certas prisões, para deleite de Suas Majestades, pouco diferiam da morte.

— Imagino que Lucas receie que ainda haja uma chance para Cust. Com um álibi de primeira para o crime de Bexhill, o caso poderia sofrer certa reviravolta. Mas acho que ele ignora a força de nossas provas contra esse homem. Seja como for, Lucas adora esses casos originais. É moço e deseja impressionar a opinião pública para promover-se.

Poirot voltou-se para Thompson.

— Qual a sua opinião, doutor?

— Sobre Cust? Palavra de honra que não sei o que dizer. Está atuando como um tipo normal, de maneira até bem convincente. Mas é um epilético, naturalmente.

— Que desfecho surpreendente o desse caso! — observei.

— Refere-se à entrada de Cust na delegacia de Andover e ao seu desmaio? Sim, foi na verdade um final surpreendente para o caso. Aliás, ABC sempre planejou com requinte o efeito que seus atos causariam.

— É possível cometer-se um crime e não se ter consciência de havê-lo consumado? — perguntei então. — Afinal, as negativas de Cust parecem conter boa dose de autenticidade.

O Dr. Thompson deu um leve sorriso, retrucando:

— O senhor não deve deixar-se levar por frases meio teatrais, do tipo "Juro por Deus que sou inocente". Na minha opinião, *Cust sabe perfeitamente que cometeu esses crimes*.

— Embora, como é comum nesses casos, o prisioneiro negue com veemência sua culpa — acrescentou Japp.

— Assim, segundo o senhor — disse Poirot —, é perfeitamente possível que um indivíduo sujeito a ataques epiléticos e lapsos de memória cometa certas ações em estado de sonambulismo e não tenha, depois, consciência de tê-las praticado. Mas é do consenso geral que tal ato "não deve contrariar a vontade da referida pessoa quando desperta".

E passou a debater a questão, falando do *grand mal* e do *petit mal* e, para ser franco, me deixou muito confuso, como acontece comumente quando uma pessoa culta se aprofunda num assunto que lhe é familiar.

— Contudo, não concordo com a teoria de que Cust cometeu esses crimes sem saber que os praticava. Ainda se poderia aceitar essa teoria se não houvesse as cartas. Estas derrubam tal teoria pela base. Elas demonstram premeditação e um cuidadoso planejamento do crime.

— E sobre essas cartas ainda não temos nenhuma explicação — concluiu Poirot.

— Isso lhe interessa tanto assim?

— Naturalmente, já que foram escritas para mim. E sobre essas mesmas cartas Cust nem se manifesta. Até descobrir a razão pela qual elas me foram endereçadas, não considero esse caso resolvido.

— Bem, do seu ponto de vista, posso entender tal atitude. Mas não haverá nenhum motivo para acreditar que esse homem tenha algo contra o senhor de algum modo?

— Absolutamente.

— Tenho uma sugestão a fazer. Seu nome, por exemplo.

— Meu nome?

— Sim. Cust carrega, aparentemente devido a um capricho de sua mãe (não me surpreenderia se se tratasse aqui do complexo de Édipo), dois nomes de batismo extremamente pretensiosos: Alexandre e Bonaparte. Percebe as

implicações? Alexandre, o Grande, figura histórica de conquistador do mundo e supostamente invencível. Bonaparte, o grande imperador da França. Assim, poder-se-ia dizer que ele aspira a um adversário, um adversário, digamos, de sua classe. Bem... o senhor tem o nome de um gigante mitológico, Hércules.

— Suas palavras são muito sugestivas, Dr. Thompson. Despertam ideias...

— Ah, trata-se apenas de uma sugestão. Bom, eu devo ir agora.

O Dr. Thompson retirou-se, mas Japp ficou mais um pouco.

— Essa questão do álibi o preocupa? — indagou Poirot.

— Um pouco — admitiu o inspetor. — Compreenda, não acredito nele, pois sei que não é verdadeiro. Mas vai ser o diabo invalidá-lo. Esse Strange é um osso duro de roer. Muito obstinado.

— Diga-me como ele é.

— Um quarentão persistente, autoconfiante, presunçoso e engenheiro de minas. Para mim, foi ele quem insistiu para que tomassem a termo seu testemunho agora. Está com viagem marcada para o Chile. Assim, espera ver a coisa resolvida logo.

— É uma das pessoas mais categóricas que já conheci. — comentei.

— O tipo de homem que não gostaria de admitir um equívoco. — disse Poirot, com ar pensativo.

— Ele se aferra à sua versão e não admite ser interrompido com argumentações contrárias. Jura por tudo o que há de mais sagrado que encontrou Cust no Hotel Whitecross, em Eastbourne, na noite de 24 de julho. Estava sozinho e desejava ter alguém com quem bater um papo. Pelo que já pude observar, Cust é o tipo do ouvinte ideal. Não interrompe ninguém! Após o jantar, ele e Cust jogaram dominó. Parece que Strange era um craque nesse jogo, mas, para sua surpresa, Cust mostrou-se também um hábil e apaixonado praticante do dominó. Estranho jogo, esse. Há gente que é louca por ele. São capazes de ficar jogando horas a fio. E foi o que Strange e Cust aparentemente fizeram, Cust quis retirar-se para dormir, mas Strange não o permitiu e, jura que só se recolheram à meia-noite. Na verdade afirma, Strange, despediram-se com um boa-noite dez minutos após a meia-noite. E, se Cust estava no Whitecross, em Eastbourne, aos dez minutos da madrugada do dia 25, obviamente não poderia ter estrangulado Betty Barnard na praia de Bexhill entre meia-noite e uma da madrugada.

— *É,* o problema parece realmente insuperável Poirot, pensativo. — Decididamente, isso dá o que pensar.

— É o que tem acontecido com Crome — observou Japp.

— Esse Strange é muito objetivo?

— Sim. É taxativo e obstinado, tornando realmente difícil descobrir o ponto fraco de seu testemunho. Supondo-se que Strange esteja equivocado e o tal homem não fosse Cust, por que então ele *afirma* ser esse o nome de seu parceiro de dominó? E a assinatura no livro de registro do hotel está correta. Não se poderia dizer que houve um cúmplice; maníacos homicidas não os têm! Teria a jovem morrido mais tarde? O médigo-legista mostrou-se categórico em seu laudo, e, seja como for, não daria tempo para Cust deixar o hotel de Eastbourne sem ser visto por ninguém e dirigir-se a Bexhill, cerca de vinte e dois quilômetros dali...

— Sim, isso é um problema — disse Poirot.

— Naturalmente, de uma maneira estrita, a acusação ainda fica de pé. Prendemos Cust pelo assassinato de Doncaster, fundamentados em provas como o casaco manchado de sangue e a arma do crime; não há escapatória. Ninguém poderia levar nenhum júri a declará-lo inocente. Ele fica isento apenas de um dos crimes. Mas cometeu o de Doncaster, o de Churston e o de Andover. Então, com mil diabos, *deve* ter consumado o assassinato de Bexhill também. Mas o caso é que não vejo como!

Japp balançou a cabeça e acrescentou:

— Essa é a sua oportunidade, Sr. Poirot. Crome está no escuro. Ponha em ação essa sua excelente massa cinzenta, de que tanto já ouvi falar. Mostre-nos como ele pôde fazer isso.

E o inspetor se retirou.

— Que me diz dessa história, Poirot? — perguntei então. — Essas pequenas e úteis células cerebrais estarão aptas a decifrar o problema?

Poirot respondeu à minha pergunta com outra indagação:

— Diga-me, Hastings, considera esse caso encerrado?

— Bem... sim, praticamente está. Já pegaram o homem. E há muitas provas. Restam apenas os remates.

— Então o caso está terminado! Qual! O caso é o *homem,* Hastings. Até que tenhamos conhecido tudo sobre o homem, o mistério permanece tão denso como antes. Não se pode cantar vitória só porque o colocamos atrás das grades!

— Conhecemos um bocado de coisas sobre ele.

— Não sabemos realmente nada! Sabemos apenas onde ele nasceu. Que esteve na guerra, recebeu um leve ferimento na cabeça e foi desligado do exército devido à epilepsia. Sabemos que foi inquilino da Sra. Marbury nos últimos dois anos. Que era quieto e reservado, o tipo de homem que ninguém nota. Sabemos que idealizou e levou avante um hábil esquema de assassinatos sistematizados. Que cometeu alguns erros incrivelmente tolos. E que matou suas vítimas de modo impiedoso, atroz. Sabemos também que não deixou,

generosamente, que a culpa dos crimes por ele cometidos recaísse sobre qualquer outra pessoa. Se esperava matar sem ser molestado, então seria fácil fazer outras pessoas sofrerem por seus crimes. Hastings, não percebe que esse homem é uma massa de contradições, simplório e astuto, cruel e magnânimo, *e que deve haver algum fator dominante que reconcilie suas duas índoles?*

— Se você o encara como objeto de um estudo psicológico, é claro... — comecei a dizer.

— E qual foi, senão este, o caminho adotado nesse caso desde o início? Até agora estive estudando o terreno, tentando *conhecer realmente o assassino.* E agora, Hastings, vejo *que não o conheço de fato!* Estou desorientado.

— A ânsia por poder... — comecei a dizer.

— Sim, isso explicaria um bocado de coisas... Mas não me satisfaz. Há coisas que desejo saber. *Por que* ele cometeu esses crimes? *Por que* escolheu particularmente essas pessoas como vítimas?...

— A ordem alfabética... — lembrei.

— Betty Barnard era, por acaso, a única pessoa em Bexhill cujo nome começava por B? Betty Barnard... Acaba de me surgir uma ideia... Deve ser verdade, sim, deve ser verdade. Mas, nesse caso...

Fez uma longa pausa, e eu não quis interromper suas reflexões. E para ser franco, acho que até acabei cochilando.

Despertei ao toque da mão de Poirot em meu ombro.

— *Mon cher* Hastings — disse-me ele com carinho. — Meu anjo da guarda.

Fiquei muito confuso com essa repentina mostra de estima.

— É verdade — insistiu Poirot. — Você sempre me ajuda, me traz sorte. E me inspira.

— E posso saber qual foi a inspiração desta vez?

— Enquanto eu mesmo me fazia certas indagações, lembrei-me de uma observação sua, Hastings, um comentário muito leve sobre algo bastante simples e claro. Já lhe disse certa vez que você tem um talento especial para enunciar o que é óbvio. E foi justamente esse óbvio que deixei de lado até aqui.

— Qual foi essa brilhante observação de minha autoria?

— Ela torna tudo claro como cristal. Entrevejo as respostas a todas as minhas indagações. A razão da morte da Sra. Ascher, que, na verdade, cheguei a vislumbrar há tempos, o motivo para a eliminação de Sir Carmichael Clarke, a razão do crime de Doncaster, e, por fim, algo sumamente importante, *o motivo em relação a Hercule Poirot.*

— Poderia ter a gentileza de me explicar...?

— Não agora. Preciso primeiro de mais uma pequena informação. E poderei obtê-la de um dos membros de nossa Legião Especial. Aí então... *quando tiver conseguido a resposta a uma certa indagação, irei ver ABC.* Estarão frente a frente, por fim, ABC e Hercule Poirot... os adversários.

— E então?

— Então... teremos uma conversa! — retrucou Poirot. — *Je vous assure,* Hastings, nada é mais perigoso do que uma conversa, *para alguém que tem algo a esconder.* Como me disse certa vez um velho e sábio francês, a fala é uma invenção do homem para impedi-lo de pensar. E é também um meio infalível de se descobrir o que ele deseja ocultar. Um ser humano, Hastings, não pode resistir, diante da oportunidade que uma conversa lhe dá, de se revelar e expressar sua personalidade. Cada vez ele revelará mais coisas e se deixará trair.

— Que espera que Cust lhe diga? Hercule Poirot sorriu e respondeu:

— Uma mentira. E, por meio dela, saberei a verdade!

Capítulo 32



Poirot caça uma raposa

Durante os próximos três dias, Poirot andou muito ocupado. Saía sem dizer aonde ia, falava muito pouco, mergulhado em suas reflexões, e se recusava firmemente a satisfazer minha natural curiosidade sobre a ideia luminosa que, segundo ele, eu lhe inspirara, mas que agora parecia coisa do passado.

Não fui convidado a acompanhá-lo em nenhuma de suas misteriosas idas e vindas, fato este que de certo modo me magoou.

Já no fim da semana, contudo, ele me disse que pretendia fazer uma visita a Bexhill e arredores, e sugeriu que eu o acompanhasse. Não é preciso dizer que aceitei com grande alegria o convite.

Mas esse convite, como descobri logo, não se estendera a mim apenas. Os membros de nossa Legião Especial também haviam sido convidados.

Tanto quanto eu, eles estavam intrigados com o pedido de Poirot. No entanto, ao final do dia, eu teria de qualquer modo uma noção do rumo seguido pelos pensamentos de Poirot.

Primeiro ele visitou o casal Barnard e obteve uma informação exata da mãe de Megan acerca da hora em que o Sr. Cust batera à sua porta para vender meias, e o que ele dissera. Depois foi ao hotel onde Cust se hospedara de passagem e conseguiu uma descrição pormenorizada da sua saída dali. Pelo que pude observar, nenhum fato novo resultara dessas investigações, mas Poirot parecia muito satisfeito.

A seguir Poirot foi à praia, observar de perto o trecho exato onde o corpo de Betty Barnard fora encontrado. Pôs-se então a andar em círculos por alguns minutos, observando a areia atentamente. Não consegui ver a utilidade disso, pois a maré cobria o local duas vezes por dia.

Já me habituara, contudo, em meu convívio com Poirot, a perceber que suas ações eram comumente ditadas por uma ideia, por mais absurdas que viessem a parecer.

E agora eu o via caminhar da praia ao ponto mais próximo em que um carro poderia estacionar. Dali voltou de novo ao local onde os ônibus de

Eastbourne faziam ponto antes de deixarem Bexhill.

Finalmente, levou-nos ao Ginger Cat, onde tomamos um chá meio velho, servido pela gorducha garçonete Milly Higley.

Poirot cumprimentou a garota usando um linguajar galês meio preciosista, aludindo aos seus tornozelos.

— As pernas das inglesas... são sempre tão finas! Mas *mademoiselle* tem pernas perfeitas. Têm forma... têm um charme!

Milly Higley riu baixinho, dengosa, e lhe disse para não exagerar. Ela sabia da fama dos "franceses".

Poirot não se incomodou com a troca de nacionalidade e nem corrigiu a garota. Meu velho amigo belga lançou um olhar tão malicioso para a jovem que eu até me senti surpreso e quase chocado.

— *Voilà* — disse Poirot —, já terminei a minha visita a Bexhill. Agora irei a Eastbourne. Apenas para uma breve investigação. É desnecessário que vocês todos me acompanhem. Antes voltaremos ao hotel e tomaremos um drinque. Esse chá Carlton daqui é abominável!

Quando já saboreávamos um uísque, Franklin Clarke disse de modo curioso:

— Acho que podemos imaginar o que está pretendendo. Procura invalidar aquele álibi de Cust. Mas só não posso entender por que está tão satisfeito. Afinal, não conseguiu apurar nada de novo que justifique tal atitude.

— Não consegui, é verdade.

— Bem, e então?

— Paciência. Tudo se consegue, no devido tempo.

— Parece contente consigo mesmo, de certo modo.

— Nada até agora contradisse uma pequena ideia que tive; eis o motivo da minha satisfação.

Sua expressão se fez mais séria ao dizer:

— Meu amigo Hastings me contou certa vez que, quando jovem, participou do chamado jogo da verdade. É um jogo onde a cada um dos participantes são feitas três perguntas, duas das quais devem ser respondidas com toda a sinceridade. A terceira dispensa essa obrigatoriedade. Claro que tais perguntas são as mais indiscretas possíveis. Mas, para entrar no jogo, todos têm que jurar que só dirão a verdade, nada mais que a verdade. Poirot fez uma pausa.

— Bem? — disse Megan.

— *Eh bien...* desejo jogar esse tipo de jogo. Apenas não será necessário formular três perguntas. Uma será suficiente. Uma pergunta para cada um de vocês.

— Nós responderemos, naturalmente — disse Clarke, impaciente.

— Ah, mas para mim isso tem um cunho mais sério. Todos vocês juram dizer a verdade?

Aquilo fora dito com expressão tão solene que os demais, intrigados, assumiram um ar sério também. E todos prestaram o juramento solicitado.

— *Bon* — disse Poirot, incisivo. — Podemos começar...

— Estou pronta — disse Thora Grey.

— Ah, primeiro as damas... mas desta vez deixaremos a cortesia de lado. Começaremos de outra maneira. — E voltou-se para Franklin, perguntando: — Que acha, *mon cher* Sr. Clarke, dos chapéus usados pelas senhoras elegantes em Ascot, nesta temporada?

Franklin Clarke ficou olhando-o, curioso.

— Isso é uma brincadeira?

— Certamente que não.

— Então faz a pergunta a sério?

— Sim.

Clarke sorriu ao retrucar:

— Bem, Sr. Poirot, não estive realmente em Ascot, mas, pelo que pude notar ao vê-las em seus carros, as mulheres usavam este ano chapéus muito mais pitorescos do que os modelos que comumente usam.

— Extravagantes?

— Completamente.

Poirot sorriu e dirigiu-se então a Donald Fraser.

— Quando tirou suas férias deste ano, *monsieur?*

Foi a vez de Fraser expressar surpresa.

— Minhas férias? Na primeira quinzena de agosto. Fraser contraiu os lábios. Imaginei que a pergunta lhe trouxera à mente a perda da jovem a quem amara.

Mas Poirot não pareceu prestar muita atenção à resposta do rapaz. Voltou-se para Thora Grey, e aí notei alguma diferença em sua entonação. Tornara-se mais premente. A pergunta soou incisiva e clara:

— *Mademoiselle,* na eventualidade da morte de Lady Clarke, aceitaria se casar com Sir Carmichael, se ele lhe pedisse?

A moça protestou com veemência.

— Como ousa me fazer tal pergunta? Isso é... é insultante!

— Talvez. Mas jurou dizer a verdade. *Eh bien...* sim ou não?

— Sir Carmichael comportava-se maravilhosamente bem comigo e foi muito bom para mim. Tratava-me como se eu fosse sua filha. E era assim que eu me sentia em relação a ele, afeiçoada e reconhecida.

— P*ardon,* mas ainda não respondeu sim ou não, *mademoiselle.*

Ela hesitou, antes de replicar:

— Claro que a resposta é não!

Poirot não fez comentários. Disse apenas:

— Obrigado, *mademoiselle.*

Voltou-se a seguir para Megan Barnard, cujo rosto estava muito pálido. Estava meio tensa, como se estivesse se submetendo a uma prova.

A voz de Poirot soou como o estalo de um chicote:

— *Mademoiselle,* na sua opinião que resultado terão as minhas investigações? Deseja que eu descubra a verdade... ou não?

Aprumou a cabeça com altivez. Eu estava praticamente seguro quanto à sua resposta. Sabia que Megan tinha uma paixão quase fantástica pela verdade.

Por isso mesmo, sua resposta, em tom claro e firme, deixou-me estupefato.

— Não!

A surpresa foi geral. Poirot inclinou-se um pouco, observando-a com atenção.

— Mademoiselle Megan — disse por fim Poirot —, pode recear a verdade, mas, *ma foi,* deve dizê-la!

Voltou-se então para a porta e, aí, recuperando a serenidade, disse a Mary Drower:

— Diga-me, *mon enfant,* tem namorado?

Mary, que parecia apreensiva, olhou-o inquieta e meio corada.

— Ah, Sr. Poirot. Eu... bem, não estou bem certa disso.

Ele sorriu.

— *Alors c'est bien, mon enfant.* Olhou então para mim, dizendo:

— Agora iremos a Eastbourne, Hastings.

O carro estava à nossa espera, e logo seguíamos pela estrada costeira que leva a Eastbourne, passando por Pevensey.

— Valeria a pena perguntar algo a você agora?

— Não neste momento, Hastings. Tente tirar suas próprias conclusões, como estou fazendo.

Mergulhei em silêncio.

Poirot, que parecia contente consigo mesmo, pôs-se a cantarolar baixinho uma toada. Ao passarmos por Pevensey, ele sugeriu uma parada para que pudéssemos ver de perto o castelo.

Quando voltávamos para o carro, paramos um instante para observar um grupo de crianças — escoteiras de oito a onze anos, como deduzi pela sua disciplina mesmo ao brincar — que cantavam uma modinha, com suas vozes agudas e meio desafinadas...

— O que a letra quer dizer, Hastings? Não consigo apanhar o sentido das palavras.

Prestei mais atenção, até gravar o refrão:

" ...E cacei uma raposa, colocando-a numa caixa. E nunca a deixei escapar".

— "E cacei uma raposa, colocando-a numa caixa. E nunca a deixei escapar!", repetiu Poirot.

Sua expressão tornara-se de repente grave e severa.

— Isso é realmente terrível, Hastings. — Fez uma pausa antes de acrescentar: — Caçam raposas aqui?

— Não sei. Nunca tive condições de me dedicar à caça. E acho que não há muito para se caçar nesta parte do mundo.

— Referia-me à Inglaterra de modo geral. Eis um estranho esporte. Fica-se à espera num lugar coberto e então ouve-se o grito do caçador ao avistar a raposa, não é assim?..., E a corrida começa, através do campo, sobre cercas e valas, e atrás da raposa lá se vão todos... algumas vezes a raposa se esquiva, mas os cachorros...

— Cães de caça!

— ...os cães de caça seguem sua pista, e por fim a apanham e ela morre... rápida e horrivelmente.

— Suponho que seja cruel, mas na realidade...

— A raposa se diverte com isso? Não diga *bêtises,* meu amigo. *Tout de tnême,* é melhor isso do que o tipo de morte sutil e cruel descrita na modinha cantada por essas crianças...

— Ser encerrada numa *caixa..* para sempre... Não, isso não é nada bom, sem dúvida.

Poirot assentiu com um gesto de cabeça. Então disse, em outro tom:

— Amanhã, farei uma visita a esse Cust. — E acrescentou para o motorista: — Volte para Londres.

— Mas não íamos a Eastbourne? — exclamei.

— Para quê? Já sei bastante a respeito do que me interessava.

Capítulo 33



Alexander Bonaparte Cust

Não estive presente à entrevista de Poirot com aquele estranho homem chamado Alexander Bonaparte Cust. Graças à sua ligação com a polícia e às circunstâncias incomuns do caso ABC, Poirot não teve dificuldade em obter uma autorização do Ministério do Interior, mas essa permissão não se estendia à minha pessoa, e era essencial também, na opinião de meu amigo, que tal entrevista fosse estritamente confidencial.

No entanto, Poirot me fez um relato tão detalhado do que se passou entre eles, que agora descrevo esse encontro como se o tivesse presenciado.

O Sr. Cust parecia ter encolhido de repente. A curvatura de seu corpo acentuara-se. Não parava de mexer com as mãos, e seus dedos deslizavam mecanicamente pelo paletó.

Imagino que, por alguns instantes, Poirot nada dissesse.

Sentado, ele fitava o homem à sua frente.

O clima era repousante, de efeito calmante, cheio de ilimitada despreocupação...

Deve ter sido um momento dramático, o do encontro dos dois adversários do longo drama. Se eu estivesse no lugar de Poirot, teria sentido o impacto dramático.

Mas Poirot era essencialmente prático, realista. E agora estava interessado em causar um certo efeito sobre o homem sentado diante dele.

Por fim, perguntou delicadamente:

— Sabe quem sou eu?

Cust moveu a cabeça em negativa.

— Não, não sei. A menos que seja o... como chamam mesmo?... auxiliar do Sr. Lucas. Ou talvez venha da parte do Sr. Maynard?

(Maynard e Cole eram os advogados de defesa do Estado.)

Seu tom de voz era cortês, mas não revelava interesse. Parecia imerso em profunda abstração.

— Sou Hercule Poirot...

Poirot emitiu tais palavras suavemente e aguardou a reação de Cust.

O prisioneiro ergueu um pouco a cabeça.

— Ah, sim?

Soltou tal exclamação de modo natural, como o faria o inspetor Crome, mas sem o toque de arrogância comum neste.

Então, um minuto depois, repetiu:

— Ah, sim? — Mas dessa vez com entonação diferente, denotando um interesse recém-despertado. Ergueu a vista e fitou Poirot.

Hercule Poirot sustentou aquele olhar e moveu a cabeça suavemente duas vezes.

— Sim. Sou o homem a quem você escreveu as cartas. De súbito o contato foi rompido. O Sr. Cust baixou a vista e retrucou, com irritação e impaciência:

— Nunca lhe escrevi nada. Essas cartas não foram escritas por mim. Já estou cansado de repetir isso.

— Eu sei — disse Poirot. — Mas, se não as escreveu, quem foi então?

— Um inimigo. Devo ter um inimigo. Estão todos contra mim. A polícia... todo mundo está contra mim. É um gigantesco complô.

Poirot não replicou.

Aí o Sr. Cust acrescentou:

— De qualquer modo, todos têm me hostilizado... sempre.

— Mesmo quando era criança?

O Sr. Cust pareceu refletir antes de responder:

— Não... não exatamente nessa fase. Minha mãe me queria muito. Mas era ambiciosa, demais até. Eis por que me pôs esses nomes ridículos. Ela alimentava certa ideia absurda de que eu seria uma figura de grande renome neste mundo. Estava sempre me incutindo essa ideia... falando que querer é poder... dizendo que qualquer um podia ser dono de seu destino... enfim, ela dizia que eu podia fazer tudo!

Fez uma pausa, antes de prosseguir:

— Ela estava inteiramente equivocada, é claro. Percebi isso por mim mesmo desde cedo. Não era o tipo de pessoa destinada a vencer na vida. Estava sempre cometendo tolices, tornando minha própria figura ridícula. Eu era tímido, tinha receio das pessoas. Passei um mau pedaço na escola, os garotos caçoavam de meus prenomes, costumavam me apoquentar ao repeti-los... E eu me saía muito mal na escola: nos jogos, no estudo e tudo mais.

Balançou a cabeça e continuou suas confidências:

— Para minha mãe foi até uma felicidade ter morrido cedo. Ela teria ficado muito desapontada... Mesmo quando eu já frequentava a escola de comércio, mostrei-me medíocre; custei mais do que qualquer outra pessoa a

aprender taquigrafia e datilografia. E no entanto não *me sentia* um ignorante, o senhor me entende?

Lançou um súbito apelo, com o olhar, para seu ouvinte.

— Entendo o que está dizendo — disse Poirot. — Prossiga.

— Veio-me justamente aquela impressão de que todos me *julgavam* estúpido. Uma sensação muito inibidora. E aconteceu a mesma coisa quando fui trabalhar num escritório.

— E tal sentimento prosseguiu durante a guerra? — indagou Poirot.

O olhar do Sr. Cust se iluminou de repente.

— O senhor sabe, eu apreciei a guerra. Tive então uma experiência diferente. Senti-me, pela primeira vez, como um homem igual aos outros. Estávamos todos na mesma enrascada. E eu era tão bom ali como qualquer outro.

Seu leve sorriso logo desapareceu,

— E então sofri aquele ferimento na cabeça. Coisa leve. Mas eles descobriram que eu era sujeito a convulsões... Eu sempre sentira, é claro, que havia ocasiões em que não sabia bem o que estava fazendo. Lapsos de memória, o senhor sabe. E, naturalmente, por uma ou duas vezes sofrera esses acessos. Mas não acho realmente que devessem ter me dado baixa por causa disso. Não, penso que não foi direito.

— E mais tarde? — perguntou Poirot.

— Consegui um lugar de vendedor numa loja. Naturalmente, para começar, servia. E eu já me sentia melhor após a guerra. Mas não consegui progredir como esperava. Na hora das promoções, era sempre passado para trás. Ficava sempre no mesmo lugar. As coisas foram ficando cada vez mais difíceis... principalmente quando ocorreu a depressão. Para ser franco, tive que me esforçar bastante para me manter vivo — e o senhor sabe que um indivíduo que lida com o público tem que se mostrar apresentável. Foi quando me surgiu aquela oportunidade como vendedor de meias. Ganharia um salário e comissões! Poirot disse suavemente:

— Mas deve saber, claro, que a firma da qual o senhor se diz empregado nega esse fato...?

O Sr. Cust enervou-se novamente.

— É porque também estão conspirando contra mim... devem fazer parte da trama.

Tomou fôlego antes de acrescentar:

— Recebi um documento que vale como prova do que digo. Tenho cartas que eles me enviaram, dando-me instruções sobre os lugares aonde eu devia ir e uma lista de possíveis fregueses.

— Mas não se trata de cartas *escritas* do próprio punho e sim *batidas à máquina.* Não têm valor como prova.

— É a mesma coisa. Naturalmente as cartas expedidas por uma grande firma de artigos manufaturados são datilografadas.

— O senhor não sabe que uma máquina de escrever pode ser identificada? Todas aquelas cartas foram batidas numa certa máquina.

— Que tem isso?

— E essa máquina era sua... a única que foi encontrada em seu quarto.

— Ela me foi enviada por essa mesma firma, quando comecei a trabalhar para eles.

— Sim, mas essas cartas foram remetidas *depois.* Sendo assim, tem-se a impressão de que *você mesmo as redigiu e depois as expediu para si mesmo, não acha?*

— Não, não! Isso tudo faz parte do complô contra mim!

Nova pausa, e então o Sr. Cust acrescentou de repente:

— Além do mais, as cartas deles *devem* ser escritas no mesmo tipo de máquina.

— Da mesma *marca,* mas não exatamente a mesma máquina que foi encontrada com o senhor.

O Sr. Cust repetia obstinadamente:

— Isso é um complô!

— E os exemplares do guia ABC que foram achados no armário?

— Nada sei sobre eles. Pensei que todas aquelas caixas só contivessem meias.

— Por que assinalou o nome da Sra. Ascher naquela primeira lista de pessoas a visitar em Andover?

— Porque resolvi começar por ela. É preciso começar por algum lugar.

— Sim, isso é verdade. *É preciso começar por algum lugar.*

— Não disse nesse sentido! — retrucou o Sr. Cust. — Não quis dizer o que o senhor está imaginando!

— *Então sabe o que estou pensando?*

O Sr. Cust não replicou. Estava muito agitado.

— Eu não fiz isso! Sou inteiramente inocente! Estão todos enganados. Veja, por exemplo, o segundo crime... o de Bexhill. Eu estava jogando dominó em Eastbourne na ocasião. Tem que admitir!

Sua entonação de voz denotava animação agora.

— Sim — disse Poirot. Sua voz era serena, macia. — Mas é fácil cometer um engano quanto a datas, não concorda? E, no caso de um homem tão obstinado e incisivo como o Sr. Strange, ele nunca admitiria a possibilidade de

ter-se equivocado. É o tipo de homem a que se aplica a frase: "O que eu digo você pode assinar..." E, quanto ao livro de registro do hotel, é fácil colocar a data errada quando se está assinando... e provavelmente não se dará pelo engano na ocasião.

— Estive jogando dominó naquela noite!

— Acredito que jogue muito bem dominó.

O Sr. Cust ficou um pouco sensibilizado com tal observação.

— Eu... eu... bem, creio que sim.

— É um jogo muito absorvente, não é mesmo? E exige muita habilidade...

— Sim, há um bocado de jogadas a fazer, muitas! Costumávamos jogar umas partidas lá na cidade, na hora do lanche. O senhor ficaria surpreso com o número de curiosos que se juntam para apreciar uma partida de dominó.

Riu baixinho, mais para si mesmo.

— Lembro-me de um homem que me disse algo que nunca esqueci. Trocamos algumas palavras enquanto tomávamos café, e logo depois estávamos falando sobre dominó. Bem, depois de uns vinte minutos, era como se eu já conhecesse aquele homem há anos.

— E que foi que ele lhe contou de especial? — perguntou Poirot.

Uma sombra passou pelo olhar dó Sr. Cust antes que ele respondesse:

— Fez uma espécie de profecia... muito sombria. Falou dessa história de o nosso destino estar escrito em nossa mão. Mostrou-me a sua, e as linhas que indicavam que escaparia duas vezes de morrer afogado. E realmente escapara duas vezes de perecer dessa forma. Então me fitou e pediu para ler minha mão. Disse coisas surpreendentes. Falou que antes de morrer, eu me tornaria um dos homens mais conhecidos da Inglaterra. Declarou que o país inteiro falaria a meu respeito. Mas também disse que... — Aí a voz lhe faltou.

— Sim?

O olhar de Poirot tinha um sereno magnetismo. O Sr. Cust fitou-o, desviou a vista e voltou a olhá-lo como um coelho hipnotizado.

— Ele disse... disse que as linhas da minha mão pareciam indicar que eu morreria de morte violenta. Até riu e acrescentou: "Quase se pode imaginá-lo sendo enforcado", e então voltou a rir e disse que se tratava apenas de uma brincadeira...

Cust calou-se de repente. Seu olhar libertou-se do de Poirot e tornou-se esgazeado.

— Minha cabeça, ela me incomoda demais... as dores que sinto são por vezes muito fortes. E há ocasiões em que não sei de mim... e quando isso acontece...

Baixou a cabeça, arrasado.

Poirot inclinou-se para a frente e falou com suavidade, mas bastante persuasivo:

— *Mas você sabe, não sabe, que cometeu aqueles crimes?*

O Sr. Cust ergueu os olhos. Seu olhar era agora claro e direto. Toda a resistência que mantivera até ali desaparecera. Seu olhar era estranhamente sereno agora.

— Sim — murmurou. — Eu sei.

— Mas não tenho razão em pensar que você não sabe *por que* os cometeu?

O Sr. Cust moveu a cabeça, respondendo:

— Não, eu não sei.

Capítulo 34



Poirot esclarece o caso

Estávamos todos sentados, ansiosos para ouvir a explicação definitiva de Poirot sobre o caso ABC.

— Desde o princípio — começou Poirot — preocupei-me com o *porquê* desses crimes. Outro dia, Hastings me disse que o caso estava encerrado. E eu repliquei que o caso era o homem! O mistério *não era o enigma desses assassinatos,* mas sim o *mistério de ABC.* O motivo que o levara a cometer esses crimes. Por que ele *me* escolheu como seu adversário?

"Não constituía uma resposta válida dizer-se que esse homem era mentalmente desequilibrado. Declarar que um homem faz coisas insensatas porque é louco denota falta de inteligência e idiotice. Um louco é tão lógico e racional em suas ações como um homem mentalmente são, *isso de acordo com seu ponto de vista peculiar e distorcido.* Por exemplo, se um homem insiste em sair à rua ou ficar sentado numa espécie de cela, de cócoras, usando apenas uma túnica branca, sua conduta parecerá a de um excêntrico. Mas se soubermos *que tal indivíduo está firmemente convicto de ser o Mahatma Gandhi,* aí então seu modo de proceder parecerá perfeitamente racional e lógico.

"O que se fazia necessário, nesse caso, era imaginar que uma mente assim constituída *fosse lógica e racional, para poder cometer quatro ou mais crimes* e anunciá-los previamente através de cartas escritas a Hercule Poirot.

"Meu amigo Hastings deve ter dito a vocês que, a partir do momento em que recebi a primeira carta, senti-me inquieto e preocupado. Achei que havia alguma coisa errada, fora de lugar, naquela mensagem."

— Estava inteiramente certo — disse Franklin Clarke, secamente.

— Sim. Mas foi ali, no limiar do caso, que cometi um grave erro. Permiti que meu sentimento de estranheza, alias bem forte, a respeito da carta, ficasse relegado a uma mera impressão momentânea. Eu a encarei como se tivesse sido uma simples intuição. E, numa mente bem-equilibrada, racional, não há lugar para coisas como a intuição, um palpite inspirado! *Podemos supor,*

naturalmente, e uma suposição ou um palpite podem estar certos ou não. Se essa suposição estiver certa, nós a chamaremos de intuição. Senão, ninguém tocará no assunto de novo. Mas o que se denomina comumente *intuição* é, na realidade, *uma impressão baseada na dedução lógica ou na experiência.* Quando um perito sente que há algo errado em relação a um quadro, uma peça de mobiliário antigo ou uma assinatura aposta a um cheque, ele está apoiando realmente essa percepção numa série de pequenos indícios e detalhes. Não tem nenhuma necessidade de se aprofundar em minúcias (sua experiência lhe permite isso), pois tem a *impressão bem definida de que alguma coisa ali está errada.* Mas não se trata de uma *suposição,* e sim de uma impressão baseada na experiência.

"Eh bien, reconheço que não encarei aquela primeira carta como deveria fazê-lo. Senti-me realmente desconcertado. A polícia a encarou como uma mistificação. Quanto a mim, levei a muito a sério. Estava convencido de que o crime ocorreria em Andover como fora anunciado. Como sabem, um crime *requer* um local.

"Não havia meios, então, como pude perceber, de saber quem era a pessoa que cometera a proeza. O único caminho a meu dispor seria tentar compreender que tipo de pessoa teria feito aquilo.

"Dispunha de alguns indícios. A carta, o estilo do crime, a pessoa assassinada. O que eu tinha de descobrir era o motivo do crime, o motivo daquela carta."

— Ânsia de publicidade — sugeriu Clarke.

— Certamente, um complexo de inferioridade disfarçado — acrescentou Thora Grey.

— Foi essa, naturalmente, a orientação que pareceu mais óbvia. Mas por que fui *eu* o alvo? *Por que Hercule Poirot?* A promoção poderia ser bem maior se ele tivesse enviado as cartas para a Scotland Yard. E mais ainda se as endereçasse a um jornal. Este não iria publicar a primeira carta, mas, com a consumação do segundo crime, ABC teria obtido toda a publicidade que a imprensa pudesse dar. Por que, então, escolher Hercule Poirot? Seria por alguma razão *pessoal?* Na carta era possível notar-se um leve toque de hostilidade contra os estrangeiros, mas não o suficiente para se satisfazer como explicação do caso.

"Então veio a segunda carta, à qual se seguiu o assassinato de Betty Barnard, em Bexhill. Tornou-se claro, então (como eu já havia suspeitado), que os crimes deviam consumar-se de acordo com o sistema alfabético, mas tal fato, que pareceu decisivo para a maioria das pessoas, não alterou a questão principal para mim. Por que ABC *precisava* cometer esses crimes?"

Megan Barnard moveu-se em sua cadeira, dizendo:

— Não seria por algo assim como... uma sede de sangue?

Poirot voltou-se para a moça, observando:

— Tem razão, *mademoiselle. Existe* tal coisa. Mas essa vontade irresistível de matar não explica adequadamente os aspectos deste caso. Um maníaco homicida, que anseia matar, comumente deseja eliminar *o maior número possível de vítimas.* É um *desejo mórbido* recorrente. A aspiração maior de um criminoso desse tipo é *encobrir seus rastos,* e não *anunciá-los.* Quando ponderamos acerca das quatro vítimas selecionadas, ou pelo menos três, já que sei muito pouco sobre os Srs. Downes e Earlsfield, chegamos à conclusão de que, se as *tinha* escolhido, o assassino podia ter dado sumiço nelas sem incorrer em qualquer suspeita. Franz Ascher, Donald Fraser ou Megan Barnard, e possivelmente o Sr. Clarke, seriam essas as pessoas de quem a polícia deveria suspeitar, mesmo que não fosse possível obter uma prova conclusiva. Não se teria pensado num maníaco homicida desconhecido! Por que, então, o assassino achou necessário chamar a atenção sobre sua pessoa? Havia necessidade de deixar junto a cada um dos cadáveres um exemplar do guia de trens ABC? Era *essa* a compulsão? Haveria algum complexo associado ao *guia ferroviário?*

"Achei inteiramente inviável *penetrar na mente do assassino* por esse prisma. O motivo não poderia ser, de algum modo, certa magnanimidade? Talvez o desgosto por ver que a responsabilidade do crime recairia sobre uma pessoa inocente?

"Embora eu não conseguisse resposta para a indagação principal, achei que estava aprendendo algumas coisas a respeito do criminoso."

— Tais como? — perguntou Fraser.

— Para começar, ele tinha uma mente de tabulador. Seus crimes foram planejados segundo uma progressão alfabética, obviamente importante para ele. Por outro lado, não seguia um gosto pessoal na escolha das vítimas; a Sra. Ascher, Betty Barnard, Sir Carmichael Clarke, todos diferiam bastante uns dos outros. Não havia nenhum sinal de complexa sexual, nem relativo à idade, o que me pareceu um detalhe bem curioso. Se um homem mata de modo indiscriminado, isso pode ocorrer comumente porque ele busca eliminar qualquer um que se ponha em seu caminho ou o incomode. *Mas a progressão alfabética demonstrava não ser esse o caso.* Outro tipo de criminoso normalmente escolhe *um tipo particular de vítima,* quase sempre do sexo oposto. Havia alguma coisa fortuita no procedimento de ABC que me parecia conflitar com a seleção alfabética.

"E dei-me ao luxo então de fazer uma pequena suposição. A escolha feita por ABC sugeriu-me o que eu chamaria de um *homem com fixação em trens.* Isto é mais comum nos homens que nas mulheres. Meninos se amarram mais em

trens do que meninas. Teríamos aí também um indício de uma mentalidade não amadurecida. A sombra do menino ainda predominava.

"A morte de Betty Barnard e a configuração do crime me forneceram algumas outras indicações. O estilo do assassinato foi particularmente sugestivo."

Fez uma pausa muito breve antes e depois de dizer: — Perdoe-me, Sr. Fraser. Para começar, ela foi estrangulada com seu próprio cinto, portanto era quase certo que foi morta por alguém a quem conhecia ou era seu namorado. Quando pude conhecer algo sobre seu caráter, elaborei um retrato da situação em minha mente.

"Betty Barnard era namoradeira. Gostava de chamar a atenção dos rapazes sobre a sua pessoa. Portanto, para persuadi-la a sair com ele, ABC devia ter uma certa dose de atração... *sex appeal!* Capaz, como dizem vocês, ingleses, de 'fazer perder a cabeça'. Ele tinha que ser bem sucedido! É assim que imagino a cena na praia: o homem elogia o cinto da moça. Ela o tira, e aí ele, em tom de brincadeira, passa-o em volta do seu pescoço, dizendo, talvez: Vou enforcar você. Tudo com um toque brincalhão, ainda. Mas então ela começa a sufocar, e ele aperta mais..."

Donald Fraser moveu-se. Estava lívido.

— Sr. Poirot... por favor. Poirot fez um gesto rápido.

— Está terminado o que eu queria dizer sobre esse ponto. Não tocarei mais nele. Passemos ao assassinato seguinte, ao de Sir Carmichael Clarke. Neste, o criminoso retomou o seu método inicial: o golpe desferido na cabeça da vítima. E o mesmo complexo alfabético, mas com um detalhe que me desconcertou um pouco. Para ser consequente, o assassino devia ter escolhido as cidades também numa sequência definida.

"Se Andover é o nome que aparece após outros cento e cinquenta e quatro na letra A, então o crime B deveria ser o 155.° também — ou então o de número 156 e o C, o 157. Aqui novamente as cidades onde se deram os crimes parecem ter sido escolhidas especialmente ao *acaso."*

— Não estaria vendo as coisas por esse prisma por causa de seu modo de ser, Poirot? Afinal, você é normalmente muito metódico e ordenado. Isso em você é quase uma doença — insinuei.

— Não, *não é* uma doença! *Quelle idée!* Mas admito que tenha enfatizado demais esse detalhe. *Passons!*

"O crime de Churston não me ofereceu indícios que ajudassem a elucidar a questão. Não tivemos sorte também, já que a carta de aviso foi extraviada, impedindo a tomada de providências imediatas."

"Mas, na ocasião em que o crime D foi anunciado, um amplo sistema de defesa já fora acionado. Seria natural prever-se que ABC não poderia prosseguir com seus crimes."

"Além disso, foi então que obtive a pista das meias. Era perfeitamente claro que a presença de um indivíduo vendendo meias no local do crime ou nas imediações não podia ser uma coincidência. Assim, o vendedor de meias devia ser o assassino. Devo dizer que a descrição desse indivíduo, como me foi feita pela Srta. Grey, não correspondia absolutamente à ideia que eu fizera do homem que estrangulara Betty Barnard."

Poirot fez uma breve pausa antes de prosseguir:

— Essa etapa logo iria ser superada, porque então um quarto crime fora cometido. A vítima chamava-se George Earlsfield, supostamente assassinado por engano, já que o alvo do assassino seria um certo Sr. Downes, praticamente da mesma constituição física e que se sentara perto de George, no cinema.

"E aí, por fim, a maré da sorte mudou. Os acontecimentos antes favoráveis a ABC voltam-se contra ele. É identificado, caçado, e por fim preso. Como diz Hastings, o caso é encerrado!"

"No que interessa à opinião pública, isso é exato. O homem agora está na prisão e deverá, não há dúvida, ir para Broadmoor. Não haverá outros assassinatos. *Finis!* Ponto final!"

"Mas não para mim! Não sei nada, nada mesmo! Ignoro o *porquê* e o *para quê?* E há ainda um detalhe bem incômodo. O Sr. Cust tem um álibi para a noite do crime de Bexhill."

— É o que tem me intrigado o tempo todo — disse Franklin Clarke.

— Comigo também ocorreu o mesmo. Porque esse álibi tem toda a aparência de *autenticidade.* Mas não poderia ser genuíno, a não ser... e aqui chegamos a duas suposições bem interessantes.

"Suponhamos, meus amigos, que, embora Cust tivesse cometido *três* daqueles assassinatos, o A, o C e o D, *não houvesse cometido o crime B."*

— M. Poirot, isso não é...

Poirot fez Megan Barnard calar-se com um olhar.

— Calma, *mademoiselle.* Estou em busca da verdade, acredite! Tenho lidado com mentiras e mentirosos e sei reconhecê-los. Bem, suponhamos, dizia eu, *que ABC não cometesse o segundo crime.* Ele ocorreu, devem se lembrar, nas primeiras horas do dia 25, data anunciada pelo próprio criminoso. Mas suponhamos que alguém se antecipasse a ele? Em tais circunstâncias, o que o nosso homem faria? Cometeria um *segundo* assassinato, ou aguardaria outra *oportunidade* e *aceitaria o primeiro crime como uma espécie de presente macabro?*

— M. Poirot! — exclamou Megan. — Essa é uma ideia fantasiosa! Todos esses crimes *devem* ter sido cometidos pela mesma pessoa!

Poirot não tomou conhecimento do aparte e prosseguiu imediatamente.

— Tal hipótese teve o mérito de esclarecer um detalhe: *a discrepância existente entre a personalidade de Alexander Bonaparte Cust,* que nunca faria nenhuma garota perder a cabeça por ele, *e a personalidade do assassino de Betty Barnard.* E, como já é sabido, esses aspirantes a assassinos *têm* tirado vantagem dos crimes cometidos por outras pessoas. Nem todos os crimes atribuídos a Jack, o Estripador, foram por ele praticados. Até aí, tudo bem. Mas então me defrontei com uma dificuldade específica.

"Até a ocorrência do assassinato da Srta. Barnard, *nenhum detalhe sobre o outro crime de ABC viera a público.*"

O crime de Andover despertara um interesse mínimo. O detalhe do guia de trens encontrado aberto junto ao cadáver nem sequer foi mencionado nos jornais. De onde se conclui que, quem quer que tivesse matado Betty Barnard, *devia ter acesso a fatos conhecidos somente por certas pessoas:* eu, a polícia, e alguns parentes e vizinhos da Sra. Ascher.

"Essa linha de investigação parecia conduzir-me a um paredão branco e sem brechas..."

Os rostos voltados para Poirot estavam brancos também. Brancos e confusos.

Donald Fraser disse, em tom sentencioso:

— Os membros da polícia, afinal de contas, são seres humanos. E são homens de boa aparência... — interrompeu-se e olhou com ar interrogativo para Poirot.

Meu amigo sacudiu a cabeça devagar.

— Não, é algo mais simples do que isso. Eu lhes disse que havia uma segunda hipótese. Pois bem, suponhamos que Cust *não* fosse responsável pela morte de Betty Barnard. Suponhamos que *algum outro* a tenha matado. Poderia esse alguém mais ter sido responsável *pelos outros crimes também?*

— Mas isso não tem sentido! — exclamou Clarke.

— Não mesmo? Fiz então *o que devia ter feito de início.* Examinei as cartas que recebera de um ângulo totalmente diverso. Senti desde o princípio que havia algo errado com aquelas cartas, exatamente como um perito em pintura reconhece que um determinado quadro é uma imitação...

"Eu tinha dado como certo, sem parar para refletir, que o erro existente nas cartas residia no fato de terem sido escritas por um doente mental. Mas, ao reexaminá-las, cheguei a uma conclusão totalmente diversa. O *que havia de errado nelas era o fato de terem sido escritas por um homem normal!*

— O quê?! — exclamei.

— Sim, exatamente o que eu disse! Elas soavam falso como uma tela falsa, justamente porque *eram uma fraudei* Eram pretensamente cartas escritas por um louco, um lunático homicida, mas na realidade a coisa era bem diferente.

— Isso não tem sentido — repetiu Franklin Clarke.

— *Mais oui!* Deve raciocinar, refletir. Qual o objetivo do criminoso ao escrever tais cartas? Focalizar a atenção sobre o seu autor, chamar a atenção para os assassinatos! *En vérité,* à primeira vista isso não parecia ter sentido. Mas aí então discerni a verdade. Tratava-se de chamar a atenção sobre vários crimes, um *grupo* deles... Não foi seu grande Shakespeare quem disse: "Não se vê as árvores, mas a floresta"?

Eu não quis corrigir a citação literária feita por Poirot. Estava muito preocupado em captar a linha de seu raciocínio. Tive então um vislumbre da questão. Mas ele prosseguiu:

— Quando se presta atenção num insignificante alfinete? Quando se está numa alfineteira! Quando alguém se apercebe de um crime comum, isolado? Só quando se torna parte de *uma série de crimes interligados.*

"Sim, eu estava às voltas com um criminoso extremamente astuto, cheio de inventiva, indiferente, ousado e um jogador consumado. *Não* alguém como o Sr. Cust! Ele nunca cometeria aqueles assassinatos! Não, eu tinha de pensar numa personalidade bem diferente, alguém com um temperamento de garoto (como atestavam as cartas, que tinham um toque de colegial, e o guia de trens), um homem atraente para as mulheres, com um cruel desrespeito pela vida humana, enfim, um homem que fora necessariamente uma figura proeminente em *um* daqueles crimes!

"Consideremos agora as indagações imediatas que a polícia costuma fazer quando ocorre um assassinato. Oportunidades: Onde determinada pessoa estava na ocasião do crime? Motivo: quem se beneficiaria com a morte da vítima? Se o motivo e a oportunidade são muito óbvios, o que o suposto assassino deve fazer? Forjar um álibi, isto é, manipular o *tempo* de algum modo? Mas isso constitui sempre uma manobra fortuita. Nosso criminoso pensou em uma cobertura mais fantasiosa: criou um criminoso *involuntário!*

"Eu teria de reexaminar apenas os crimes já cometidos e descobrir o provável culpado. No crime de Andover, o suspeito parecia ser Franz Ascher, mas eu não podia imaginá-lo inventando e levando a cabo um plano tão elaborado, e nem conseguia encará-lo como capaz de premeditar um assassinato. E no de Bexhill? Bem, Donald Fraser era uma possibilidade. Tinha inteligência e capacidade, e um espírito metódico. Mas seu motivo para matar sua namorada só poderia ser ciúme, e tal sentimento não combina com premeditação. Também

soube que ele tirara suas férias *no início* de agosto, o que tornava muito improvável sua participação no crime de Churston. E aqui chegamos ao assassinato de Churston... e aí entramos num terreno muito mais promissor.

"Sir Carmichael Clarke era um homem de muitas posses. Quem herdaria sua fortuna? Sua esposa, que está desenganada, achava-se desligada de tal interesse, portanto os bens iriam para as mãos de *seu irmão Franklin."*

E Poirot voltou-se devagar, até que seu olhar se encontrou com o de Franklin Clarke.

— Já me sentia na direção certa. O homem que eu passara a conhecer desde algum tempo, de um modo subconsciente, *era o mesmo que eu conhecera pessoalmente. ABC e Franklin Clarke eram uma só e a mesma criatura!* O mesmo temperamento aventureiro, o eterno viajante, com uma visão sempre parcial em relação à Inglaterra, demonstrada por ele vagamente na sua ironia a respeito dos estrangeiros. Com seu modo de ser independente e desinibido, nada mais fácil para ele do que deslumbrar uma garota numa lanchonete. O espírito metódico, afeito a classificações (eu o vi fazer certo dia uma lista, assinalando os principais itens do caso ABC), e finalmente o espírito meio infantil, mencionado por Lady Clarke e demonstrado ainda pelas suas preferências por certo tipo de romances. Averiguei que na biblioteca da Mansão Combeside há um livro intitulado *The railway children*[19], de E. Nesbit. Em minha cabeça não restava mais nenhuma dúvida: ABC, o homem que escrevera as cartas e cometera os crimes, era *Franklin Clarke.*

Clarke explodiu numa súbita risada.

— Muito engenhoso! E que me diz de nosso amigo Cust, apanhado com a boca na botija? E quanto ao sangue no seu casaco? E a faca que ele escondeu onde morava? Ele pode negar que cometeu os crimes, mas...

Poirot o interrompeu:

— Aí é que se engana. Ele admite a prova.

— Como? — Clarke olhou-o, realmente surpreso.

— Mas sim — disse Poirot suavemente. — Eu ainda não tinha dito que estou consciente de que Cust *se acredita culpado.*

— E nem isso satisfaz o ilustre Sr. Poirot? — retrucou Clarke.

— Não. Porque, assim que o vi, *logo soube que ele não podia ser culpado!* Cust não tem sangue-frio, nem ousadia e nem, devo acrescentar, *cérebro* para idealizar esquemas! O tempo todo estive consciente da dupla personalidade do criminoso. Agora vejo em que ela consistia. Duas pessoas se envolveram no caso; o verdadeiro assassino, astuto, cheio de inventiva e audácia, e o pseudocriminoso, simplório, hesitante e sugestionável.

"Sugestionável, eis aí a palavra que elucida o mistério do Sr. Cust! Não lhe bastou, Sr. Clarke, idealizar esse plano de uma *série* de crimes para distrair a atenção de um *único.* Tinha de conseguir também um bode expiatório."

"Acho que tal ideia nasceu em sua mente por ocasião de um encontro casual, num bar da cidade, com aquela estranha pessoa de nome bombástico. Naquela mesma ocasião, o senhor estava pensando num plano para assassinar seu irmão.

— É mesmo? E por quê?

— Porque estava seriamente preocupado com seu futuro. Não sei se o senhor percebeu que, ao me mostrar aquela carta escrita pelo seu irmão, estava se colocando em minhas mãos... Na referida carta, Sir Carmichael evidenciava claramente sua afeição e interesse pela Srta. Thora Grey. Seu interesse poderia ser paternal, ou ele preferia encará-lo assim. No entanto, havia o perigo, muito real, de que, com a morte de Lady Clarke, Sir Carmichael, sentindo o peso da solidão, se voltasse para essa bela jovem, em busca de afeto e consolo, e tudo terminasse, como é frequente com homens já idosos, em casamento. Seu medo, Sr. Clarke, se acentuou pelo fato de o senhor já conhecer a Srta. Grey. O senhor é, segundo imagino, um excelente conhecedor do caráter das pessoas, ainda que meio cínico. Considerou assim, acertadamente ou não, que a Srta. Grey era o tipo de moça "interesseira". Não tinha dúvidas de que ela deveria agarrar a oportunidade de se tornar a nova Lady Clarke. Seu irmão era muito rico e ainda sadio. Poderiam ter filhos e, assim, sua chance de herdar os bens de seu irmão desapareceria.

"No fundo, imagino que o senhor tenha sido até hoje um homem frustrado. Tem sido a personificação do ditado popular: 'Pedra que rola muito não cria limo. Sentia uma rancorosa inveja da fortuna pessoal de seu irmão."

"Repito que seu encontro acidental com o Sr. Cust lhe propiciou uma boa ideia, depois de ter pensado em vários planos. Os prenomes extravagantes de Cust, sua confidencia a respeito das crises epiléticas e dores de cabeça intermitentes, sua figura acanhada e quase insignificante, pareceram-lhe logo os instrumentos ideais para os seus planos. O esquema alfabético brotou então em sua mente (as iniciais de Cust); o fato de que o nome de seu irmão começasse por C e que ele vivesse em Churston era o núcleo do esquema montado para o crime. Chegou mesmo ao extremo de prever para Cust seu provável destino final... embora dificilmente pudesse supor que tal sugestão viesse a dar o belo fruto que deu!

"Suas artimanhas foram excelentes. Em nome de Cust, escreveu a uma grande fábrica de artigos de malha, solicitando que remetessem aquelas meias para o endereço dele. Aí enviou uma caixa semelhante às outras da fábrica,

dessa vez contendo exemplares do guia ABC. Escreveu então uma carta a Cust, pretensamente datilografada na tal firma, oferecendo-lhe um bom salário e uma comissão para vender meias. Seus planos foram tão bem elaborados que datilografou todas as cartas a serem enviadas subsequentemente, *e então presenteou Cust com a mesma máquina em que elas tinham sido datilografadas.*

"Tinha agora de pensar em duas vítimas cujos nomes começassem com A e B, respectivamente, e que vivessem em lugares também iniciados com as mesmas letras."

"Fixou-se em Andover como sendo um local adequado, e um reconhecimento preliminar levou-o a escolher a loja da Sra. Ascher como cenário do primeiro crime. O nome da proprietária estava bem visível na tabuleta da porta, e o senhor já sabia, por verificação pessoal, que ela costumava ficar sozinha na loja. Matá-la era questão de frieza, ousadia e uma dose de sorte apenas razoável."

"Para a letra B, houve necessidade de mudar de tática. Àquela altura, todas as donas de lojas que vivessem sozinhas já estariam certamente alerta. Posso imaginá-lo como um frequentador de alguns bares e lanchonetes, rindo e dizendo frases interessantes para as garçonetes até descobrir uma cujo nome começasse com a letra certa, e que fosse a indicada para seus propósitos."

"Em Betty Barnard, encontrou exatamente o tipo de garota que estava procurando. Levou-a para passear uma ou duas vezes, confidenciando-lhe que era um homem casado, e que os encontros deviam, assim, ser realizados de modo muito discreto."

"Então, tendo completado a parte preliminar do plano, pôs mãos à obra! Enviou a Cust uma lista de possíveis compradores residentes em Andover, dizendo-lhe para ir lá num determinado dia, e remeteu-me então a primeira carta com a sigla ABC."

"No dia marcado, foi a Andover e matou a Sra. Ascher, sem que nada ocorresse em prejuízo de seu plano."

"O assassinato número 1 fora bem sucedido."

"Quanto ao segundo crime, tomou a precaução de cometê-lo, na realidade, *um dia antes.* Tenho plena certeza de que Betty Barnard foi assassinada bem antes da meia-noite de 24 de julho."

"Passemos agora ao assassinato número 3, o que realmente importava para o criminoso, o único *legitimo,* de acordo com seu ponto de vista."

"E aqui cabe um grande voto de louvor a Hastings, que fizera uma observação simples e muito óbvia, mas que não mereceu qualquer atenção."

"Ele insinuou que a terceira carta fora extraviada propositalmente! E tinha razão!..."

"Nesse simples detalhe está a resposta à indagação que vinha me intrigando tanto. Por que as cartas eram endereçadas a Hercule Poirot, um detetive particular, e não diretamente à polícia?"

"Eu pensara, erroneamente, numa razão de ordem pessoal. Mas não era nada disso! As cartas me foram dirigidas porque seu plano consistia em que uma delas *não trouxesse o endereço correto e se extraviasse.* Claro que não poderia usar do mesmo artifício com uma carta endereçada ao DIC da Scotland Yard visando a um extravio proposital. Seria necessário contar com um endereço *particular*. E, assim, o senhor me escolheu por ser uma pessoa bem conhecida, e que seguramente levaria tais cartas ao conhecimento da polícia. E também devido à sua mentalidade insular, porque se divertiria zombando de um estrangeiro."

"Endereçou a carta de maneira muito esperta, a troca de Whitehaven por Whitehorse, dando a impressão de um equívoco comum. Somente Hastings mostrou-se bastante perspicaz para ignorar sutilezas e ir direto ao óbvio!"

"Naturalmente, o retardamento na entrega da carta fora planejado. A polícia só entraria em ação *quando o assassino estivesse longe e em segurança.* Os passeios noturnos de seu irmão lhe forneceram a oportunidade para o crime. E de tal maneira a imagem aterrorizante de ABC se instalara na mente popular, que a possibilidade de ser o senhor o culpado nunca ocorreu a ninguém."

"Após a morte de seu irmão, naturalmente, o objetivo que o senhor tinha em vista fora cumprido. Não alimentava nenhum desejo de cometer outros assassinatos. Mas, por outro lado, se a série de crimes fosse encerrada sem razão alguma, a verdade poderia vir a ser suspeitada."

"Seu bode expiatório, o Sr. Cust, vivera tão bem seu papel de homem 'invisível', quase apagado, que ninguém notara que a mesma pessoa fora vista nas vizinhanças dos locais onde haviam ocorrido os três assassinatos! Nem mesmo a visita à Mansão Combeside fora mencionada, para sua maior contrariedade. Esse detalhe fora praticamente esquecido pela Srta. Grey."

"Sempre ousado, o senhor decidiu que havia necessidade de consumar mais um crime, mas dessa vez a pista deveria ser bem disfarçada. E então escolheu Doncaster para cenário de operações."

"Seu plano era muito simples. O senhor estaria na cena do crime, segundo a ordem natural das coisas. O Sr. Cust receberia instruções de seus supostos empregadores para ir a Doncaster. Seu plano, Sr. Clarke, consistiria em segui-lo e aguardar a oportunidade ideal. Tudo se encaminhava bem. O Sr. Cust entrou num cinema. Seria simples demais. Então o senhor se sentou numa poltrona pouco afastada da do Sr. Cust. Quando ele se levantou para sair, o senhor o imitou. Simulou a atitude de um indivíduo desajeitado e vagaroso, inclinou-se

sobre a poltrona da frente a pretexto de recolher seu chapéu e esfaqueou o homem que ali cochilava, deixando aos pés dele um exemplar do guia ABC. Alcançou o Sr. Cust, esbarrando nele, na penumbra do corredor, e foi então que se desfez da faca, deixando-a deslizar para dentro do bolso do casacão de seu bode expiatório..."

"Nem sequer se preocupou em escolher dessa vez uma vítima cujo nome começasse por D. Podia ser qualquer um! Tinha em conta, e com razão, que isso poderia ser encarado como um *engano.* Era de se esperar que houvesse alguma pessoa no cinema cujo nome se iniciasse por D. E a polícia julgaria que essa era a vítima realmente escolhida."

Num clima de tensão e expectativa, Poirot prosseguiu:

— E agora, meus amigos, analisemos a questão do ponto de vista do falso ABC, isto é, o Sr. Cust.

"O crime de Andover nada lhe dizia de particular. Ele estava e continua chocado e surpreso é com o assassinato de Bexhill... porque estivera ali na ocasião! Então aconteceu o crime de Churston, e as manchetes nos jornais. Um crime de ABC em Andover, quando ele, Cust, ali também estivera de passagem; um outro crime com a marca ABC em Bexhill; e agora aquele outro, num local próximo de onde também estivera... Três crimes, *e ele tinha estado no cenário dos três*. Pessoas que sofrem de epilepsia comumente sofrem lapsos de memória e não conseguem se lembrar do que fizeram quando em crise... Lembrem-se de que Cust é um indivíduo nervoso, confuso e altamente impressionável."

"Então ele recebe a instrução para ir a Doncaster."

"Doncaster! O próximo crime ABC seria ali. Ele deve ter encarado isso como se fosse seu destino irremediável. Com os nervos à flor da pele, imaginou que sua senhoria o olhava com desconfiança, e lhe disse então que ia a Cheltenham."

"Foi a Doncaster por ser esse seu dever. No fim da tarde, foi ao cinema. Possivelmente adormeceu por uns dois minutos."

"Imaginem como se sentiu ao voltar para a pensão e descobrir *que havia manchas de sangue na manga de seu casaco e uma faca ensanguentada em seu bolso.* Aí, todas as suas vagas suspeitas se transformaram em certeza. Sim, ele... *ele era o assassino!* Recordou suas dores de cabeça violentas, seus lapsos de memória... Estava certo de que, na verdade, ele, *Alexander Bonaparte Cust, era um lunático homicida.*"

"Seu modo de proceder então torna-se o de um animal caçado. Deixa para trás Doncaster e retorna à pensão londrina. Está a salvo ali, pensa então. Todos ali julgam que fora a Cheltenham. Ainda mantém consigo a faca — realmente

uma idiotice tê-la conservado. Então a esconde atrás do armário de roupas do vestíbulo."

"Mas certo dia é avisado por telefone de que a polícia iria procurá-lo na pensão. Era o fim! Eles já *sabiam!* E o animal caçado dá sua última escapada..."

"Não sei por que ele foi para Andover, talvez por um desejo mórbido, penso que para ver de perto o local onde o primeiro crime fora cometido, e que ele *cometera,* embora nada recordasse a seu respeito..."

"Estava sem dinheiro no bolso, exausto, faminto... e seus passos o levaram mecanicamente ao distrito policial."

"Mas mesmo um animal acuado lutaria nessa situação. O Sr. Cust acredita piamente ter cometido aqueles crimes, embora se aferre com veemência à sua alegação de inocência. E se apega com desespero àquele álibi referente ao segundo crime. Pelo menos esse não lhe deveria ser atribuído."

"Como eu já disse aqui, ao vê-lo logo percebi que *não era* o assassino e que meu nome *nada significava* para *ele.*"

"Percebi também que ele *pensava* ser o assassino! E, depois que me confessou sua culpa, tive mais do que nunca a certeza de que minha teoria estava correta."

— Sua teoria — disse Franklin Clarke — é absurda!

— Não, Sr. Clarke — retrucou Poirot, movendo a cabeça. — *Só esteve a salvo enquanto ninguém suspeitava do senhor.* Uma vez que se *tornou* suspeito, as provas surgiram com facilidade.

— Que provas?

— Encontrei a bengala que usou nos crimes de Andover e Churston. Estava num armário, na Mansão Combeside. Uma bengala comum, com um castão maciço. Uma parte da madeira fora removida para que ali se introduzisse chumbo derretido. Uma foto sua foi reconhecida entre uma dúzia de outras por duas pessoas que o viram sair do cinema, quando se supunha que estivesse no hipódromo de Doncaster. Naquele dia, em Bexhill, foi reconhecido por Milly Higley e uma empregada do motel onde esteve jantando com Betty Barnard, na noite do crime. E, finalmente, o mais grave de tudo, *esqueceu-se de tomar uma precaução elementar,* ao deixar suas impressões digitais na máquina de escrever enviada a Cust; a mesma máquina que, se o senhor fosse inocente daqueles crimes, *jamais teria usado.*

Clarke ainda permaneceu sentado por um instante; então ergueu-se e exclamou:

— *Rouge, impair, manque!* A vitória é sua, M. Poirot! Mas valeu a pena tentar!

Com um movimento incrivelmente rápido, retirou uma pequena pistola automática do bolso do paletó e apontou para a própria cabeça.

Dei um grito e recuei instintivamente, como se o disparo fosse iminente.

Mas não soou nenhum disparo. O percussor bateu no vazio.

Clarke olhou atônito para a arma e soltou um palavrão.

— Não, Sr. Clarke — disse Poirot —, não adianta insistir. Devia ter notado que contratei um novo criado hoje, um amigo meu, de mãos muito leves... Ele conseguiu tirar-lhe a pistola do bolso, retirou as balas e a recolocou em seu bolso sem que o senhor desse pela coisa.

— Estrangeiro almofadinha, miserável! — gritou Clarke, vermelho de raiva.

— Sim, sei como se sente e como encara os estrangeiros. Mas a morte não lhe será fácil como pensava. Certa vez o senhor disse ao Sr. Cust que por duas vezes escapara de morrer afogado. Sabe o que isso significa, não? Que o senhor nasceu para ter um outro destino.

— Seu...

As palavras lhe faltaram. Estava lívido. Brandia os punhos ameaçadoramente. Mas aí dois agentes da Scotland Yard saíram do quarto ao lado. Um deles era o inspetor Crome. Acercou-se de Clarke e pronunciou a frase de praxe: "Saiba que tudo o que disser poderá servir de prova contra o senhor".

— Ele já disse o suficiente — declarou Poirot. E acrescentou para Clarke: — O senhor faz alarde de uma superioridade insular, mas não considero seu crime como um clássico crime inglês, franco, *esportivo*...

Capítulo 35



Finale

Sinto-me até constrangido em confessá-lo, mas, assim que a porta se fechou atrás de Franklin Clarke, desatei a rir. Poirot me olhou meio surpreso.

— Estou rindo por você ter dito a Clarke que ele cometera um crime não-esportivo — disse eu, ofegante devido ao acesso de riso.

— E é verdade. Cometeu algo abominável, não tanto o assassinato do irmão, mas o sadismo e a crueldade de condenar um pobre homem a viver a morte em vida. *Caçar uma raposa, colocá-la numa caixa e nunca deixá-la escapar!* Isso não é *le sport!*

Megan Barnard deu um suspiro profundo, murmurando:

— Custo a acreditar... não consigo. É verdade?

— Sim, *mademoiselle.* O pesadelo acabou.

Ele olhou-a significativamente, e ela enrubesceu. Voltando-se para Donald Fraser, Poirot disse:

— *Mademoiselle* se viu perseguida todo esse tempo pelo temor de que tivesse sido o senhor o autor do segundo assassinato.

Donald Fraser retrucou, em tom sereno:

— Cheguei até a me imaginar como o assassino, certa vez.

— Por causa daquele seu sonho? — Poirot acercou-se mais do rapaz e lhe confidenciou: — Seu sonho tinha uma explicação bem natural. No fundo, já intuía que a imagem de uma das duas irmãs se diluía em sua mente e era substituída pela da outra. Mlle Megan veio ocupar o lugar da irmã em seu íntimo, mas, como o senhor não admitia a ideia de se mostrar infiel logo após a morte de sua namorada, lutou para abafar a ideia de matá-la! Eis a explicação do seu sonho.

O olhar de Fraser fixou-se em Megan.

— Não seja tão escrupuloso em se libertar de lembranças — disse Poirot. — Ela não merecia ser relembrada assim. Em Mlle Barnard você terá uma companheira ideal, *un coeur magnifique!*

Os olhos de Donald Fraser brilharam vivamente.

— Creio que tem toda a razão.

Todos nós assediamos Poirot com perguntas, visando a elucidar um ou outro detalhe do caso.

— E aquelas perguntas, Poirot. As que você fez a todos. Havia algum objetivo naquele jogo da verdade?

— Algumas eram *simplement une blague.* Mas apurei uma coisa que desejava saber: *que Franklin Clarke estava em Londres quando a primeira carta foi remetida,* e também queria ver sua reação quando formulei aquela pergunta a Mlle Thora. Ele abriu a guarda. Notei malícia e rancor em seus olhos.

— O senhor dificilmente adivinharia meus sentimentos — disse Thora Grey.

— Não esperava que me respondesse a verdade, *mademoiselle* — disse Poirot, secamente. — E, agora, sua segunda oportunidade foi frustrada. Franklin Clarke não herdará o dinheiro do irmão.

Thora Grey ergueu a cabeça com altivez.

— Tenho de ficar aqui para ser insultada?

— De maneira alguma — disse Poirot, e abriu a porta para ela, com cortesia irônica.

— Aquele detalhe das impressões digitais liquidou a luta, Poirot — disse eu então. — Ele desabou quando você mencionou isso,

— Sim, as sempre úteis impressões digitais. E ouvi-o acrescentar serenamente.

— Adicionei tal detalhe só para lhe agradar, meu amigo.

— Mas como, Poirot?! — exclamei. — Então não era *verdade?*

— Nem um pouco, *mon ami* — respondeu Hercule Poirot.

Devo mencionar ainda a visita que o Sr. Alexander Bonaparte Cust nos fez poucos dias depois. Após apertar a mão de Poirot com veemência e articular frases meio confusas e desajeitadas de agradecimento, o Sr. Cust empertigou-se e disse:

— Não sei se o senhor sabe, mas um jornal acaba de me oferecer cem libras — *uma centena de libras* — por um resumo da minha vida e da história que acabo de viver. Eu... realmente não sei o que fazer nesse caso.

— Eu não aceitaria cem — disse Poirot. — Faça pé firme e diga que seu preço é quinhentas libras. E não se limite a um jornal apenas.

— O senhor acha então... que devo...

— Deve pensar — disse Poirot, sorrindo — que agora é um homem famoso. Praticamente o mais conhecido na Inglaterra atualmente.

O Sr. Cust empertigou-se ainda mais. Sua expressão era de puro êxtase.

— Sabe, acho que o senhor está certo! Famoso! Minha história em todos os jornais. Seguirei seu conselho, Sr. Poirot. O dinheiro será muito útil... muito bom. Terei umas pequenas férias... E também desejo dar um belo presente de casamento a Lily Marbury, uma boa moça, realmente, Sr. Poirot.

Poirot bateu-lhe no ombro, encorajando-o.

— Faz muito bem. Trate de se divertir. E... apenas uma sugestão: que me diz de uma visitinha ao oculista? Essas suas dores de cabeça talvez aconteçam porque precisa de novas lentes.

— O senhor acha que a causa pode ter sido essa até aqui?

— Acho que sim.

O Sr. Cust trocou outro forte aperto de mão com meu amigo.

— É realmente um grande homem, Sr. Poirot.

Poirot, como lhe era habitual, não deixou de apreciar o elogio. Nem mesmo cuidou de aparentar modéstia.

Quando o Sr. Cust se retirou, empertigado em sua nova posição de homem importante, meu velho amigo sorriu e me disse:

— Então, Hastings, estivemos caçando juntos mais uma vez, hem? *Vive le sport.*



FIM



A AUTORA E SUA OBRA

Durante toda a vida, Agatha Christie manteve prodigiosa atividade criadora, espantando o mundo com sua lucidez e sua fertilidade literária. Cultivou sempre uma existência tranquila, dividida entre duas residências, uma em Berkshire e outra na paisagem romântica de Devonshire, sul da Inglaterra. Discreta, avessa à publicidade, sempre recusou convites para entrevistas, empenhando-se, com a dedicação típica dos velhos artesãos, em escrever um romance por ano e em cuidar das rosas do seu jardim.

Ao longo do tempo, também sua técnica se manteve inalterada: desafiar o leitor a resolver uma equação aparentemente complexa, mas que no fundo é de uma simplicidade absoluta. Assim, o efeito final obtido é o de uma catarse que deixa o leitor satisfeito depois de estar absorvido pelo jogo intelectual que lhe foi proposto.

Nascida no dia 15 de setembro de 1890, em Devonshire, a autora recebeu o nome de Agatha Mary Clarissa Miller. Sua família pertencia a alta burguesia britânica, e Agatha viveu sua infância e adolescência num ambiente de reclusão, sem frequentar escolas e sendo educada por sua própria mãe. Passou parte de sua juventude lendo, escrevendo e nutrindo fervorosa admiração por Charles Dickens.

Em 1914, casou-se com o coronel Archibald Christie, e durante algum tempo o casal morou na França. De volta à Inglaterra, trabalhou como enfermeira voluntária durante a Primeira Guerra Mundial. Após a publicação de seu primeiro livro, os outros foram surgindo em ritmo vertiginoso. Em sua carreira, há um detalhe curioso: sob o pseudônimo de Mary Westmacott, a "rainha do crime" escreveu seis histórias de amor.

Em 1921, Agatha Christie lançava seu primeiro romance: "O misterioso caso de Styles". E leitores de todo omundo passaram a conhecer o poder das "células cinzentas" do deselegante e auto-suficiente inspetor Poirot. Mais tarde, uma outra grande personagem se juntou ao implacável detetive belga: a simpática, astuciosa e intrometida velhinha Miss Marple. Cada um, com estilo próprio, viria a resolver enigmas difíceis, assassinatos praticados em circunstâncias obscuras, que preenchem os oitenta e três romances policiais da autora.

Além dos romances, Agatha obteve grandes triunfos no teatro, com peças como "Testemunha de acusação", "A teia da aranha" e "A ratoeira". Adaptada com frequência para o cinema, só admitiu como boa uma versão: "Testemunha de acusação", dirigida por Billy Wilder. Essa mulher tranquila, dedicada a engendrar crimes hipotéticos, deixou também uma admirável autobiografia, que foi consumida avidamente por seu fiel público. Nela, a autora revela as dificuldades e segredos de seus trabalhos literários e alguns fatos de sua vida íntima. Entre eles, a importância que teve para sua felicidade o segundo marido, o arqueólogo Max Edgar Lucien Mallowan.

Sobre seu processo criador, vale a pena citar um depoimento: "Vejo minhas histórias como um meio caminho entre as palavras cruzadas, os quebra-cabeças e uma caçada, em que você pode perseguir a pista confortavelmente sentado no seu sofá preferido, em sua casa".

Agatha Christie faleceu em 1976, na condição de escritora mais traduzida do mundo: a vendagem de seus livros atingiu a fabulosa cifra de mais de quatrocentos milhões de exemplares. Eis aqui alguns de seus títulos: "O assassinato de Roger Ackroyd", "A testemunha ocular do crime", "Assassinato no Expresso do Oriente", "Depois do funeral", "O homem de terno marrom", "Os cinco Porquinhos", "A aventura do pudim de Natal", "A Mansão Hollow", "Aventura em Bagdá", "O mistério dos sete relógios", "O caso dos dez negrinhos", "O mistério do trem Azul", todos já publicados pelo Círculo.

Fonte arquivo .doc



Digitalização: Hellraiser
Revisão: Sander e Sayuri

Formatação .ePub



2013

